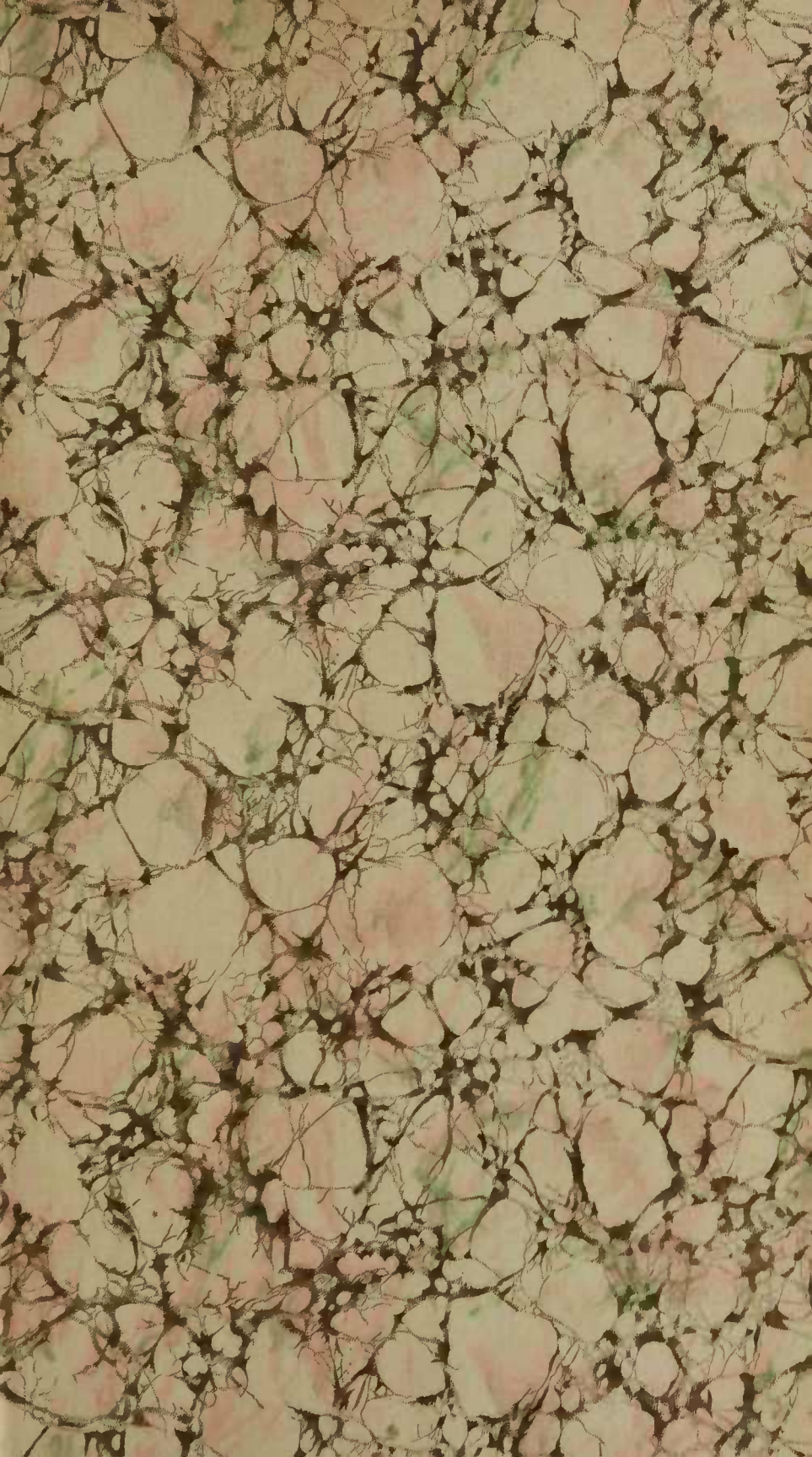


le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



LUXO
E
VAIDADE

COMEDIA ORIGINAL

EM 5 ACTOS

POR

Joaquim Manoel de Macedo.



RIO DE JANEIRO

TYP. DE FRANCISCO DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

1860

PERSONAGENS.

MAURICIO, Empregado publico. . . .	Snr. Joaquim Augusto.
ANASTACIO, Fazendeiro.	Snr. Pedro Joaquim.
FELISBERTO, Marceneiro	Snr. Antonio Moutinho.
HENRIQUE, Pintor	Snr. Furtado Coelho.
REINALDO, Coronel	Snr. Militão.
COMMENDADOR FERREIRA.	Snr. Graça.
FREDERICO.	Snr. Paiva.
PETIT, Criado francez.	Snr. F. Corrêa Vasques.
1.º MASCARA	Snr. Freitas.
2.º MASCARA	Snr. Torquato.
HORTENSIA, Mulher de Mauricio. . .	Snra. D. Maria Velluti.
LEONINA, Filha de Hortensia	Snra. D. Adelaide.
FABIANA	Snra. D. Julia Heller.
FILIPPA, Filha de Fabiana	Snra. D. Eugenia Camara.
LUCIA, Filha de Reinaldo	Snra. D. Ludovina Moutinho.
FANNY, Ingleza; mestra de Leonina .	Snra. D. Maria Magdalena.

Mascaras de ambos os sexos.

A acção é passada na cidade do Rio de Janeiro.

Epocha, a actualidade.

Representado, pela primeira vez, a 23 de Setembro de 1860 no
theatro Gymnasio, pela Sociedade Dramatica Nacional.



ACTO PRIMEIRO

Sala, ornada com esmero e luxo: portas ao fundo e aos lados dando comunicação para o exterior e para o interior da casa.

Scena Primeira.

FANNY, que entra pelo lado direito: *PETIT*, que ao mesmo tempo apparece á porta do fundo.

PETIT.

(Suspirando). Miss Fanny !

FANNY.

(Estremecendo). Ah !... monsieur Petit ! ficar muito sustade... êste non se úse n'Inglaterra.

PETIT.

Oh ! non tem que assusta ; eu venha aproveitar momento deliciose de conversa sosinha com miss Fanny em uma *tête-à-tête* impreciable.

FANNY.

Mim ficar muito envergonhada com este conversacion.

PETIT.

Oh! miss Fanny, non tem vergonha! vergonha non presta por nada: gente que tem vergonha, non sabe arranja sua vida (*Olhando para dentro*). Onde está as senhoras?

FANNY.

Poder estar segura: madame fique sentada de fronte de toucador, e pinta suas cabellinhos brancas; e mademoiselle estar no janella de sala grande olhando rapagão barbudo do sobrado de esquina.

PETIT.

E Snr. Mauricio estar em seu gabinete lendo contas de despeza e roendo as unhas: então nosso *tête-à-tête* se prolongue dues hoeres; porque madame tem muito que pinta, mademoiselle muito que clhe, e Snr. Mauricio muito que róe.

FANNY.

Oh! mas este non se use n'Inglaterra: done deste case ganhe cinco e gaste cincoenta: este familia ser gente de imposture: contracta mim para ensina inglez mademoiselle, e non paga minhas ordenados cinco mezes! Mim hade faz queixa a ministro inglez.

PETIT.

Esta gente non ande direita. Snr. Mauricio tem bola virada, e madame non tem bola para virar; non podégastar e faz ostentação, e tem em casa professora de inglez para mademoiselle, e creado francez para servir na sala; mas tambem quatro mezes que eu non recebe meus salarios, e se miss Fanny non mora nesta casa, eu bota logo pés na rua.

FANNY.

De mèsme sorte mim non poder ficar separade de monsieur Petit.

PETIT.

Oh! este confissão me torne verdadeiramente um grande Petit! miss Fanny, vamos deixar esta casa, vem dár corôa de felicidade ao meu amor.

FANNY.

Oh! este non se use n'Inglaterra; mim non poder dar corôa de felicidade, sem ver padre catholica bota mão de Petit emcima de mão de Fanny.

PETIT.

Eu non ponha duvida em fazer alliança anglo-franceza com miss Fanny... é maior ventura que suspira!

FANNY.

Então, mim dar corôa de felicidade: confessa que estar muito desejeose...

PETIT.

(*De joelhos e beijando-lhe as mãos*). Miss Fanny! oh! quel bonheur!...

Scena II.

PETIT de joelhos, FANNY e ANASTACIO, que apparecê á porta do fundo: vem trajando á viajante e trêz botas grandes e esporas.

ANASTACIO.

Oh lá!.. que par de galhetas! parece uma coruja que ouve em confissão a um macaco d'Angola!..

FANNY.

Ah! ficar muito vergonhadel.. este non se use n'Ingliterre.

PETIT.

(*Levantando-se*). Que diabo de mineiro! (*indo á porta*). Non entra na sala com esses botas que traz lama!..

ANASTACIO.

Não entro na sala !

PETIT.

(*Firme, diante de Anastacio*). On ne passe pas !

ANASTACIO.

(*Ameaçando-o*). Arreda-te, malandro ! quando não...

PETIT.

(*Firme*). La garde meurt, elle ne se rend pas!

ANASTACIO.

(*Dando-lhe um murro*). Insolentel.. (*entra*).

PETIT.

(*Caindo*). Au secours! au secours!..

FANNY.

Mim vai grita *quem de rei*, e chama done de casa! Este non se use n'Ingliterre.

Scena III.

PETIT, ANASTACIO, e logò LEONINA.

ANASTACIO.

Entrei como Pallafox em Saragoça!

LEONINA.

Que é isto?.. Que aconteceu?..

ANASTACIO.

(*A parte*). Que mocetona! é a tal cabecinha de vento, sem duvida.

PETIT.

E' este mineiro que arruma socco inglez, e entra á força na sala com esses botas que traz lama.

LEONINA.

E porque não havia de entrar uma vez que vem procurar a meu pai ou a minha mãe? retira-te (*com austeridade*).

PETIT.

(*A parte*). Ah! saprésti!.. (*vai-se*).

LEONINA.

O senhor quer ter a bondade de sentar-se?

ANASTACIO.

(*Sentando-se*). Sou capaz de apostar que a menina não adivinha quem eu sou.

LEONINA.

(*A parte*). A meninal.. já se vê que este homem é grosseiro (*a Anastacio*). Certamente que não tenho a fortuna de o conhecer.

ANASTACIO.

Ora ahi está, como são as cousas! eu conheço a menina como as palmas das minhas mãos.

LEONINA.

(*A parte*). E' um velho doudo! (*a Anastacio*). Não admira, porque eu sou bastante conhecida, pelo menos, na alta sociedade do Rio de Janeiro.

ANASTACIO.

Pois não deve ufanar-se disso. O que mais convém a uma senhora honesta é que não se falle muito em seu nome nem em bem e ainda menos em mal; e a uma menina solteira o que melhor assenta é, recolhida no seio da modestia, fazer-se notar pela virtude que não se ostenta, e que no entanto excita a admiração, por isso mesmo que não procura louvores.

LEONINA.

Meu senhor, eu prefiro que em lugar de dar-me conselhos, que não pedi, diga-me o que pretende e se deseja fallar a meu pai.

ANASTACIO.

Já agora conversaremos um pouco; heide provar que a conheço bem: sou um velho feiticeiro que adivinha a vida, os pensamentos e até os segredos do coração das moças! Olha para mim sorrindo-se?.. pois escute: a menina chama-se Leonina, e bem que assevere á todas as suas camaradas que conta sómente dezeseite annos de idade, vai completar os seus vinte dous justinhos d'aqui a cinco dias.

LEONINA.

Senhor!..

ANASTACIO.

A menina toca alguma cousa o seu piano; canta um

pouco mal a sua aria italiana; tem de cór algumas phrases do francez; desenha um nariz que parece uma orelha; dança e walsa noites inteiras nos bailes; passeia e conversa sem vexame com os rapazes, e presume por isso que tem uma educação completa. Engano, menina! a verdadeira educação de uma moça é aquella que antes de tudo deve tornal-a uma boa mãe de familia; a outra, a educação ficticia, aquella que recebeu, e que muitas recebem, póde dar em ultimo resultado excellentes e divertidas namoradas, porém esposas extremosas e mãis dignas deste nome sagrado, palavra de honra que não, minha senhora!

LEONINA.

O senhor tem a idéa de offender-me?!

ANASTACIO.

A sua historia é em tudo semelhante á de muitas outras. Cedo, bém cedo foi a menina arrastada para o turbilhão das festas ardentes, onde o delirio segue de perto a alegria, a sensibilidade se embota, e o fingimento usurpa o lugar da innocencia; e a menina, na idade em que devia ainda brincar com bonecas, sonhou com amores e conquistas, amou ou suppôz amar ao proximo antes de amar a Deus, e só se lembrou da igreja lembrando-se do casamento.

LEONINA.

Assim mesmo para um roceiro, o senhor falla correntemente! é provavel que seja eleitor e juiz de paz na sua terra.

ANASTACIO.

Dentro em pouco a vaidade encheu de tês de aranha

essa cabeçinha de criança. A menina realmente não é feia, julga-se porém a primeira formosura das cinco partes do mundo: critica e murmura desapiadadamente até das suas proprias amigas, e suppõe-se por isso muito espirituosa; é filha de pais muito honrados, mas tão plebeus como este seu criado, e presume-se fidalga de sangue azul e torce o biquinho a todo aquelle que não tem uma excellência de *jure*, e quinze avós ainda mesmo arranjados de encomenda entre os descendentes dos doze pares de França.

LEONINA.

Isso é de mais ! (*levanta-se*). Eu vou chamar meu pai, que o fará sahir immediatamente desta casa!

ANASTACIO.

Escute ao menos um segredo do seu coração...

LEONINA.

Um segredo ! Que póde o senhor saber de mim ?.. (*com orgulho*).

ANASTACIO.

Foi, ha dous mezes, a menina encontrou no Club Fluminense um elegante mancebo que lhe fez a côrte, e, ou porque realmente gostasse do seu novo apaixonado, ou porque não achasse inconveniente em acrescentar mais um nome á lista dos seus namorados, mostrou corresponder ao amor desse joven; os encontros repetiram-se nos bailes; das conversinhas mysteriosas já se tinha chegado aos apertos de mão, e á troca de flôres, e é escusado dizer

que o papai e a mamãe não viam absolutamente nada; mas em certa noite, ainda no Club Fluminense, alguém murmurou aos ouvidos da menina as seguintes palavras:— « Aquelle moço que a requesta é pintor e filho de um marceneiro; »—a terrivel noticia accendeu os brios da fidalga, e o namorado plebeu foi condemnado ao desprezo. Diga, menina, não é verdade?

LEONINA.

Não o nego; mas porventura deveria eu continuar a aviltar-me?..

ANASTACIO.

Oh! não, não, de modo nenhum; ha porém no fim dessa historia, uma tristissima e fatal realidade!

LEONINA.

E qual é? já agora dê o seu recado até o fim.

ANASTACIO.

E' que o miseravel pintor, filho do miserabilissimo mestre marceneiro, é... é... tenho vergonha de acabar a phrase...

LEONINA.

Nada de reticencias: eu quero que diga tudo.

ANASTACIO.

Pois então lá vai, minha fidalga: é que o miseravel pintor, filho do miserabilissimo mestre marceneiro, é... tenha paciencia, é sem mais nem menos primo-irmão de V. Ex.

LEONINA.

Oh! eu não posso supportar esta ironia insultuosa! (*chamando*), Meu pai !.. meu pai !.. minha mãe !..

ANASTACIO.

Manchei-lhe o sangue azul com as tintas do meu pintor!.. E como ficou irritada!.. Menina, façamos as pazes: venha um abraço em signal de reconciliação!.. (*procurando-a*).

LEONINA.

(*Fugindo*). Meu pai !.. minha mãe !

ANASTACIO.

(*Seguindo-a*). Hade dar-me um abraço, quer queira, quer não.

LEONINA.

(*Fugindo*). Meu pai ! acuda-me!..

ANASTACIO.

(*Seguindo-a*). Pois agora hade ser um abraço e um beijo !..

Scena IV.

ANASTACIO, LEONINA, MAURICIO,
e HORTENSIA.

MAURICIO.

Leonina... (*vendo Anastacio*). Oh! mano Anastacio!.. (*abraça-o*).

HORTENSIA.

Meu mano ! (*abraça-o por sua vez*).

ANASTACIO.

Sim! elle mesmo!.. depois de dezoito annos de ausencia!.. elle mesmo!

MAURICIO.

Que prazer! que felicidade!..

LEONINA.

Pois é meu tio?.. é o meu padrinho?..

HORTENSIA.

Sim, minha filha, é o teu padrinho.

ANASTACIO.

(*Chorando*). Conheceram-me logo... amam-me ainda... não se esqueceram do velho rabugento... mas... parece-me que estou chorando... isto é uma vergonha na minha idade... Mauricio, mana, outro abraço para esconder estas duas goteiras de casa velha !.. (*abraçam-se*).

LEONINA.

E eu então, meu padrinho?..

ANASTACIO.

An! já, minha cabecinha de vento?.. não te disse que havias de dar-me um abraço e um beijo (*abraça-a e beija-a na frente*) pois toma dous e tres de cada especie, e estes podes receber e pagar com juro sem dar satisfação á lingua do mundo.

MAURICIO.

Quando chegaste, Anastacio ?..

ANASTACIO.

Agora mesmo; apeci-me á porta de tua casa.

HORTENSIA.

Mas porque gritavas com tanto desespero, Leonina?..

LEONINA.

Ora... eu não conhecia meu padrinho, e vendo-o correr atrás de mim para me abraçar... (*sentam-se*).

ANASTACIO.

Não foi isso, mentirosa ! deves dizer sempre toda a verdade a teus pais: mana, fui eu que, conforme o meu costume, ralhei como um frade velho. Leonina, tenho mais vinte annos do que teu pai, e portanto acho-me com direito de avô. Meus pais desejaram que eu fôsse padre, e deram-me uma educação severa e estudos variados e sérios; circumstancias que agora não vem ao caso, affastaram-me das ordens sacras; fiquei porém com as menores, e, sem ser padre, gosto de pregar os meus sermões; dispõe-te pois a aturar-me, que tens muito que ouvir e eu muito que ralhar.

LEONINA.

(*A parte*). Peior está essa ! mas o meu recurso é simples: para um velho que ralha, uma moça que ri.

MAURICIO.

Sim, ralhe muito com ella e para isso não nos deixe mais nunca.

ANASTACIO.

Mais nunca?.. havia de ser bonito! e quem me tomaria

conta das fazendas em Minas?.. cheguei ha pouco e sinto que já estou pelos cabellos: a vida da cidade é só para gente vadia.

HORTENSIA.

Um homem solteiro, quando chega á sua idade e é bastante rico, tem o direito de descansar e gozar.

ANASTACIO.

Não; o homem ocioso é sempre um peso para a sociedade. O trabalho é uma lei de Deus que se deve cumprir até a morte: sou rico; nunca porém serei vadio, nem perdulario (*olhando*). Mas pelo que vejo, tu andas pelas grimpas, Mauricio? aposto que tens os teus vinte contos de renda annual?.. não?.. ah! já sei, tens tirado a sorte grande cinco ou seis vezes.

LEONINA.

Qual! todos os bilhetes, que papai compra, sahem brancos.

ANASTACIO.

Então, accumulas alguns sete empregos para receber os vencimentos de todos elles, sem cumprir as obrigações de nenhum: acertei! a nação é quem paga o pato, e, coitadinha! não se queixa, porque já está acostumada. A quanto chegam os teus ordenados?

MAURICIO.

Tenho só um, Anastacio, e esse e mais alguns achegos dão-me por anno cerca de cinco contos de réis.

ANASTACIO.

Ao menos esta casa é propriedade tua...

MAURICIO.

Infelizmente não; e as casas estão por um preço fabuloso: pago de aluguel por esta dous contos de réis.

ANASTACIO.

E com os tres contos que restam dos cinco que ganhas, vestes com o luxo que vejo a tua familia, pagas criados francezes que olham com desprezo para quem traz botas á mineira, e tens salas como esta, marmores, ricas mobílias, e esta grandeza toda?.. Mauricio !..

HORTENSIA.

Que quer dizer, meu mano?

ANASTACIO.

Eu não quero dizer nada: o adagio antigo é que diz uma cousa muito feia, porém muito verdadeira.

LEONINA.

Ora pois, meu padrinho ha pouco ralhava comigo, e agora já está ralhando com meu pai. (*Levanta-se e senta-se ao pé do padrinho*).

ANASTACIO.

E que tem você que ver com isto?.. destas despezas loucas e superiores aos recursos de quem as faz, transpira uma prova de demencia ou de immoralidade. Quem depende mais do que ganha, ou cahe na miseria ou no crime... quem... tá... tá... tá... que tenho eu de metter-me com a vida alheia?.. Mauricio, como está Felisberto?..

MAURICIO.

(*Cenfuso*). Felisberto...

HORTENSIA.

(*Confusa*). Felisberto...

ANASTACIO.

Sim... Felisberto, vocês hesitam? acaso terá morrido?

LEONINA.

Minha mãe, quem é esse Felisberto?..

ANASTACIO.

Quem é esse?.. é teu tio, o irmão de teu pai, o cunhado de tua mãe, é meu irmão; um homem honrado e laborioso, e um mestre marceneiro da primeira ordem.

LEONINA.

Marceneiro!.. pois isto é verdade, minha mãe? (*vai sentar-se ao fundo muito triste*).

HORTENSIA.

(*A parte*). Antes nunca tivesse voltado á côrte este velho doudo.

MAURICIO.

(*Levanta-se*). Meu mano... a alta sociedade que frequentamos... as nobres relações que temos... certo pun-donor... os prejuizos talvez... teem feito com que... apesar nosso...

ANASTACIO.

Tu gaguejas?.. estás engasgado com alguma indignidade?

MAURICIO.

Não... nós estimamos sempre muito a Felisberto; mas um simples marceneiro... podia ser encontrado aqui por fidalgos, titulares, grandes personagens emfim, que nos honram com a sua amizade; e por isso... e por um vexame muito natural...

ANASTACIO.

Fechaste a porta a nosso irmão?.. Que miserial.. como deve estar corrompida esta sociedade em que hæ quem se lembre de quebrar os sagrados laços do sangue e de voltar o rosto a um irmão, só porque elle é um simples artifice ! Que sociedade é esta tão estúpida, que não sabe repellir do seu seio esses Cains da vaidade, como Deus repelliu o Caim da inveja !.. (a *Mauricio* e batendo com o pé no chão). Caim!.. Caim !..

MAURICIO.

Anastacio !..

ANASTACIO.

Fidalgo improvisado! o teu castigo é a voz da verdade que sôa em tua consciencia; e onde quer que vás, onde quer que estejas, eu, eu, que não renego nem o meu passado, nem os meus parentes; eu, enquanto vivo fôr, bradarei aos teus ouvidos: lembra-te, meu fidalgo, que nosso pai foi um *nobre* ferreiro, que durante sessenta annos se chamuscou na forja e bateu na bigorna! teve por titulo de nobreza a sua immaculada probidade, e por gloria o seu trabalho e a educação da virtude que soube dar a seus filhos; foi deveras um nobre ferreiro, e é pena sómente que deixasse um filho doudo!

MAURICIO.

Oh! é muito!

HORTENSIA.

Meu mano, as cousas aqui na côrte não se passam como lá na roça; aqui ha certas prevenções... certas considerações...

ANASTACIO.

Engana-se, minha senhora: lá na roça, como aqui na côrte, os tolos de ambos os sexos abundam do mesmo modo.

HORTENSIA.

Senhor... é quasi um insulto!

ANASTACIO.

Tire-lhe o quasi e seja um insulto completo: desagrado-lhes, não é assim?.. pois fiquem-se com a sua fidalguia, que eu vou direito para a casa do marceneiro (*indo-se*).

HORTENSIA.

Não.. não... é impossivel que brigemos: não hade deixar-nos assim.

ANASTACIO.

Nesse caso terão de ouvir-me, e aturar-me.

HORTENSIA.

Diga o que quizer, já lhe conhecemos o genio; mas não nos faça injustiças: temos uma filha que desejamos casar bem; e é provavel que se se viesse a saber que é sobrinha de

um marceneiro, não pudesseamos arranjar-lhe um noivo de familia nobre.

ANASTACIO.

E' a honra que ennobrece o homem; e eu juro que não ha homem mais honrado do que meu irmão marceneiro: póde bem sentar-se a par do melhor dos seus barões.

HORTENSIA.

E se o barão fugisse do seu lado?

ANASTACIO.

Provavelmente o faria envergonhado, por dever-lhe ainda a mobilia da sala.

MAURICIO.

(*A parte*). E elle tem razão... eu sou um miseravel !..

LEONINA.

(*A parte*). Marceneiro!.. estou definitivamente des-acreditada!..

HORTENSIA.

Deixe estar, mano, que havemos de fazel-o chegar á razão. No dia dos annos de Leonina vamos dar um baile, e por signal que será de mascaras, para aproveitarmos a coincidencia da segunda-feira do Carnaval; hoje mesmo receberemos visitas, e o mano hade ufanar-se de ver a brilhante sociedade com que nos achamos relacionados.

ANASTACIO.

Sim, heide pôr-me nas pontinhas: jurarei que sou bisneto do imperador da China, e que portanto somos pa-

rentes do sol e da lua; creio que vocês por ora se contentam com estas alturas. Ah Gil Braz de Santilhana!.. mas... que idéal!.. não a devo perder... meus fidalgos, até logol.. vou ver o nosso... o Meu irmão marceneiro; contem porém comigo, que ainda hoje heide fazer brilhaturas!.. (*vai-se*).

MAURICIO.

(*Seguindo-o até a porta*). Anastaciol!..

LEONINA.

(*A parte*). Marceneiro!..

Scena V.

LEONINA, sentada a um lado. **MAURICIO** e **HORTENSIA**. **PETIT**, entra, acende vèlas e *retira-se*.

MAURICIO.

E lá se foi correndol

HORTENSIA.

Antes nunca tivesse chegado; veio só para envergonharnos. Esse fatal segredo, que com tanto cuidado occultavamos de nossa propria filha, elle o revelou, enchendo de amargura aquelle coração innocente; e o nosso nome... os nossos projectos...

MAURICIO.

Hortensia, ninguem póde ignorar que Felisberto é meu irmão... não é acreditavel que não se saiba isso, e nós já fazemos de mais não o recebendo em nossa casa ha dezoito annos.

LEONINA.

(A parte). Marceneiro!..

HORTENSIA.

Mas porque ferir-nos em ponto tão delicado ! olha, se Anastacio não fôsse padrinho de Leonina, e não esperassemos que elle venha a instituil-a sua herdeira, por certo que não me sujeitaria ás suas brutalidades.

MAURICIO.

E no emtanto é sempre a verdade o que elle diz! ainda ha pouco annunciou-nos a miseria, e tu sabes, Hortensia, que a miseria nos está estendendo as garras!

HORTENSIA.

A que vem essas tristes idéas?.. dentro em breve ajustaremos o casamento de Leonina com o commendador Pereira: a riqueza do genro esconderá a pobreza do sogro; confia em mim.

LEONINA.

(A parte). Marceneiro !..

MAURICIO.

Sim... abracemos a mais leve esperança... esqueçamos o mal que nos ameaça: creio que pouco tardarão as nossas visitas, convém que nos mostremos alegres.

HORTENSIA.

E que nos retiremos da sala, póde ser que o commendador chegue primeiro do que D. Fabiana...

MAURICIO.

Duvido: D. Fabiana chega sempre cedo de mais onde não se precisa da sua pessoa. Eu aposto que ella chega primeiro (*vão-se*).

Scena VI.

LEONINA, sentada e muito triste.

Marceneiro ! marceneiro! como vão zombar de mim aquellas que não valem tanto como eu! hão de fazer-me em cem pedaços com o serrote de meu tio marceneiro. D. Luizinha, que tem olhos côr de vinagre, vingar-se-ha de meus bellos olhos pretos, repêtindo: — marceneiro. — D. Jesuina, que tem mãos de calafate; D. Sophia, que tem dentes de tubarão; D. Leocadia, que tem cintura de abba-de velho, vingar-se-hão de minhas mãos de princeza, de meus dentes de perolas, de minha cintura de fada, contando a todos que sou sobrinha de um marceneiro. Oh! é horrivel ! quando eu suppunha que mais cedo ou mais tarde viria a sêr condessa ou pelo menos baroneza... é abominavel ! (*silencio*) marceneiro!.. (*chora*) marceneiro!.. (*désesperada*) marceneiro!.. (*ouve-se o rodar de uma carruagem*). Oh! um carro que pára! se fôrem senhoras, não devem suspeitar que eu padeço (*enxuga os olhos e arranja os cabellos*); folgariam com isso... Oh! coração, esconde as tuas magoas! olhos, brilha! boca, sorri! rosto, expande-te ! e agora pôdem chegar, venham todas, porque eu tenho consciencia de que sou formosa.

Scena VII.

**LEONINA, HORTENSIA, MAURICIO, e logo
depois FABIANA, FILIPPA, e FREDERICO.**

MAURICIO.

Então, que te dizia eu?.. ahi está a D. Fabiana rompendo a marcha.

HORTENSIA.

Leonina, D. Fabiana e sua filha veem subindo a escada.

LEONINA.

Que horrivel massada!.. (*indo á porta*). Chegue D. Fabiana; chegue, D. Filippa; conheci-as logo pelas pisadas.

FREDERICO.

(*Dentro*). D'ora ávante usarei de sapatinhos de setim para ver se um dia mereço igual felicidade.

LEONINA.

Não faça tal: V. S. mesmo sem sapatos de setim já se confunde bastante com as senhoras (*entram os tres, cumprimentos, etc.*)

FREDERICO.

(*A parte*). Decididamente recebi um cumprimento de máo gosto, ou então um epigramma ferino.

HORTENSIA.

Como passou de hontem, D. Fabiana?..

FABIANA.

Soffri um pouco dos nervos; mas nem por isso quiz falar á minha palavra.

MAURICIO.

E' uma fineza de mais que temos de agradecer á V. Ex., mas... creio que sóbem as escadas...

FREDERICO.

Quem será?.. (*a Leonina*): V. Ex. não adivinha pelas pisadas?..

LEONINA.

Nem sempre: D. Fabiana, D. Filippa e V. S. já aqui se acham.

FREDERICO.

Heide fazer certa experiencia, vindo aqui uma noite só-sinho.

LEONINA.

Dar-nos-ha ainda assim muito prazer; mas olhe que se expõe a ser confundido.

FREDERICO.

(*A parte*). Foi epigramma; reconheço-o pela segunda edição.

Scena VIII.

Os precedentes, REINALDO e LUCIA, cumprimentos, etc.

LEONINA e HORTENSIA.

Oh! D. Lucia! Snr. coronel !

MAURICIO.

Como vamos, meu caro Snr. coronel ?. não ha que perguntar, sempre remoçando...

REINALDO.

(*Olhando para Leonina*). Passei o resto da noite cheio de saudades e um dia inteiro anhelante de esperanças ..

LEONINA.

(*A parte*). Aquillo ó comigo (*a Reinaldo*). Não precisa dizer mais: o theatro italiano faz-lhe saudades no fim das operas, e acende-lhe esperanças com os cartazes. V. Ex., creio eu, traz sempre um cartaz no coração!

REINALDO.

Minha senhora, dou-lhe minha palavra de honra que não sei o que se cantou hontem no theatro italiano.

LUCIA.

D. Leonina, meu paisinho levou hoje o dia inteiro a fallar no seu *fichu à Marie Antoinette*.

REINALDO.

E o seu balão, Excellentissima! o seu balão é capaz de levar a gente ás nuvens!

LEONINA.

(*A Filippa*). Você já viu homem mais tolo ?..

FILIPPA.

(*A Leonina*). Homem não, porém mulher, já vi.

LEONINA.

(*A Filippa*). Quem é?..

FILIPPA.

(*A Leonina*). A filha, que tem tanto de feia como de desfructavel (*A Lucia*). D. Lucia, você é adoravel !

LUCIA.

Porque diz isso?..

FREDERICO.

Perdão; mas é a nós os homens que pertence dizer esse porque, visto que somos nós os que o sentimos melhor e mais profundamente.

REINALDO.

(*Que conversava com Mauricio*). E' possivel !., o meu amigo Anastacio? o bom velho que me dava confeitos, quando eu era cadete ?

HORTENSIA.

E' verdade, depois de dezoito annos de ausencia, chegou-nos hoje de Minas o padrinho de Leonina, o meu cunhado Anastacio (*cumprimentos*)!

REINALDO.

Ditoso padrinho de tão formosa afillhada ! o meu velho amigo !.. Minha senhora, amanhã virei pedir-lhe de jantar... quero jantar com o meu amigo Anastacio.

HORTENSIA.

Mas V. Ex. esquece que o commendador Pereira con-

vidou-nos para passar o dia de amanhã no Jardim Botânico; convenha pois em que todos, que nos achamos presentes, jantemos juntos depois de amanhã para fazer uma saúde ao meu excellente cunhado.

PEREIRA.

(*Dentro*). Com a devida venia!..

MAURICIO.

(*Indo recebê-lo*). Oh ! Snr. commendador!

Scena IX.

Os precedentes e o COMMENDADOR PEREIRA.

HORTENSIA.

Snr. commendador, V. Ex. gosta demasiadamente de se fazer desejar!

PEREIRA.

Não é isso, minha senhora, não é isso: é que eu venho desesperado... furioso...

MAURICIO.

Então que ha?..

PEREIRA.

Um attentado que revolta as leis da natureza! (*levantam-se todos*).

REINALDO.

Diga depressa, Snr. commendador: V. Ex. está expondo as senhoras aos ataques nervosos.

PEREIRA.

O mundo está perdido!..

LUCIA.

E' algum novo cometa, Snr. commendador?..

FREDERICO.

Qual, minha senhora, os cometas abundam tanto, que já não assustam á pessoa alguma.

PEREIRA.

E' cousa muito peor do que dez cometas juntos: é o esquecimento dos deveres mais sagrados, e da honra das familias.

HORTENSIA.

Isso então é muito sério; diga o que foi...

PEREIRA.

Mais um passo dado para o descredito da aristocracia...

REINALDO.

Quem vem lá?... passe de largo!

PEREIRA.

Lembram-se de D. Innocencia, a filha de um barão, e descendente de uma nobre casa de Portugal?..

FABIANA.

Sim... sim... a baronezinha, como todos a chamam...

PEREIRA.

Sangue puro de fidalga! sangue puro como o de um cavallo arabel!..

FILIPPA.

(*A Leonina*). A comparação parece de bolceiro.

PEREIRA.

Pois bem... saibam todos: casou-se hoje.

REINALDO.

(*A parte*). Ai ! tenho uma namorada de menos.

VOZES.

Casou-se?... mas com quem?..

PEREIRA.

Com um negociante de retalhos!!!

HORTENSIA.

De retalhos?... coitadinha!

FABIANA.

Passou de filha de barão a noiva de retalhos! pobre-sinhal..

REINALDO.

Mas o pai... matou-se... não é assim?..

PEREIRA.

Vergonha das vergonhas! abraçou o genro.

REINALDO.

E' o progressol.. são as luzes do seculo!..

HORTENSIA.

(*Com fogo*). Não póde haver nobreza, onde os nobres se aviltam misturando-se com a canalha!..

PEREIRA.

E' inaudito!..

MAURICIO.

Paciencia; mas esqueçamos aquelles que se esquecem de si mesmos.

PEREIRA.

Nós, porém, lembremo-nos sempre do que somos!..

HORTENSIA.

Sim! nós seremos sempre dignos do nome que temos, do sangue que gyra em nossas veias, e da nobreza de nossas famílias.

Scena X.

Os precedentes, ANASTACIO, FELISBERTO, HENRIQUE, e depois, a seu tempo, FANNY e logo PETIT.

ANASTACIO.

Mauricio! mana Hortensia! (*voltam-se todos*) aqui vos trago comigo o nosso irmão, o mestre marceneiro Felisberto, e o nosso sobrinho Henrique, pintor (*sorpreza geral*).

HORTENSIA.

(*Desmaiando*). Ah!..

LEONINA.

(*Correndo a Hortensia*). Minha mãe!

MAURICIO.

Hortensia!.. desmaiada! meu Deus! um medico! Petit, um medico!.. (*movimento geral: Felisberto e*

Henrique ao fundo: no meio da confusão Anastacio tira do bolso uma carta, desdobra-a e prepara uma torcida de papel).

FANNY.

Um medica ! monsieur Petit, um medical oh! este non se use n'Inglaterra!..

PETIT.

Le docteur! le docteur!.. (*vai-se correndo*).

MAURICIO.

Hortensia!..

LEONINA.

Minha mãe!..

PEREIRA.

Snr. Mauricio, dei-te-lhe agua fria na cabeça!..

REINALDO.

Isto não é nada; deixem-me applicar-lhe um globulo-sinho de belladona (*tira do bolso uma caixa homœopathica*).

ANASTACIO.

(*Avançando com a torcida de papel*). Affastem-se! eu curo em um instante minha cunhada. (*Introduz a torcida no nariz de Hortensia, e esta espirra*). Espirrou!.. está salva.

HORTENSIA.

(*Tornando a si*) Ah!.. (*a parte*). Malvado!..

TODOS.

Minha senhora!..

ANASTACIO.

(*Erguendo a torcida*). Viva a torcida!.. a torcida é um específico infallível para o mal dos faniquitos!..

LEONINA.

(*A parte*). Marceneiro!..

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

O theatro representa um ponto do Jardim Botânico: ao fundo vese o lago e a pequena ilha: á esquerda grupos de bambús, á direita apparece sobre o seu outeiro um lado da casa de cedro: arvores e arbustos convenientemente dispostos.

Scena Primeira.

MAURICIO, HORTENSIA, LEONINA, FABIANA, FILIPPA, FREDERICO, REINALDO, LUCIA e PEREIRA; uns contemplam o lago, des-cem outros da casa de cedro, etc., ANASTACIO, meio deitado na encosta do outeiro.

HORTENSIA.

Devéras que nunca vi rosa mais bella, nem mais perfeita !

FABIANA.

Mas de quem seria a mão cruel que se atreyeu a roubar aquella princeza do jardim? vimos a rosa apenas alguns momentos, e quando voltámos a contemplal-a, tinha já desaparecido !

REINALDO.

A tal rosa tem dado que pensar ás senhoras! oh quem pudera transformar-me em um pé de roseiral!

HORTENSIA.

E' o mysterio de uma flôr, um começo de romance que enche de poesia o agradável passeio que nos proporcionou o Snr. commendador.

PEREIRA.

(*A parte*). Conheço agora que sou um homem muito espirituoso!

LUCIA.

E não ha quem rompa esse mysterio?..

FILIPPA.

Que mysterio! não ha cousa mais simples: quem roubou a rosa foi o Snr. Anastacio.

PEREIRA:

Não, não; sou capaz de apostar que a rosa se occulta junto de algum coração apaixonado, e está reservada para ser a palma da belleza.

FREDERICO.

E que pensa V. Ex?.. (*a Leonina*) nem mesmo o destino mysterioso dessa rosa póde arrancar-a ás tristes meditações, de que hoje se mostra apoderada?..

FILIPPA.

E quem tem culpa disso é ainda o Snr. Anastacio (*rimdo-se*).

HORTENSIA.

E desta vez adivinhou, D. Filippa: o mano levou a conversar toda a noite com Leonina, e, certamente, lhe pregou tal sermão, que ainda hoje a faz estar pensativa e triste.

MAURICIO.

Pois vençamos a sua melancolia obrigando-a a passeiar; creio que as senhoras já descansaram.

FREDERICO.

Sim, e as flores esperam as borboletas.

FABIANA.

Vamos, e eu quero ser o cavalheiro de D. Leonina: he de conseguir tornal-a prazenteira e alegre (*da o braço a Leonina*).

PEREIRA.

(*Da o braço a Hortensia*). Minha senhora! (*Vão sahindo Fabiana com Leonina pela esquerda e Frederico com Lucia, Pereira com Hortensia, e Reinaldo com Filippa pela direita*).

Scena II.

MAURICIO, que vai sahir e **ANASTACIO**, que o suspende.

ANASTACIO.

Abre os olhos, Mauricio, e attenta bem: não achas que aquella mulher levando tua filha pelo braço, se assemelha muito a um algoz que arrasta consigo a sua victima?..

MAURICIO.

Mas, em tal caso, que papel entendes que eu represento?

ANASTACIO.

Peior do que o de um pai tolo: o papel de um pai que desconhece os seus mais santos deveres.

MAURICIO.

Sempre impertinente, Anastacio!

ANASTACIO.

Escuta: ha vinte cinco annos aquella mulher suppunhasse amada por ti, e viu em Hortensia uma rival preferida, quando com esta te ligaste em casamento. O desprezo de um homem abre no seio da mulher uma ferida envenenada que nunca cicatriza. A offensa, fôste tu que a fizeste, mas a mulher desprezada detesta ainda mais que ao offensor a rival que triumphou. Assim pois, diz a logica, que D. Fabiana aborrece profundamente a tua esposa.

MAURICIO,

Viste ainda ha pouco como ella beijou-a com ardor?

ANASTACIO.

Judas tambem beijou a Christo poucas horas antes de vendel-o. Tua mulher escapou outr'ora á vingança de D. Fabiana, porque esta casando com um official do nosso exercito, teve de acompanhal-o para o Rio Grande do Sul d'onde só voltou ha dous annos, depois de viuva.

MAURICIO.

Estás perfeitamente informado da sua historia.

ANASTACIO.

Estabelecendo a sua residencia nesta capital, D. Fabiana dissipa loucamente a mediocre fortuna que lhe deixou seu marido, e mancha-lhe o nome honrado, conquistando uma reputação tristemente famosa. E' uma libertina, para quem são apenas vãos prejuizos alguns dos preceitos que constituem a moral das familias: sua casa é o ponto de reunião de um circulo licencioso; sua conversação espalha principios desmoralisadores, e o seu exemplo é uma lição corruptora.

MAURICIO.

E's severo de mais, e por isso, sem o pensar, te fazes o écho de indignas calumnias.

ANASTACIO.

Commetteste o erro de abrir as portas de tua casa á natural inimiga de tua mulher. Tu... que se importa ella contigo?.. uma mulher nunca fere um homem, quando tem uma mulher para ferir; minha cunhada está defendida por um passado que a abona, e pela idade precisa para escapar ás cilladas de algum galanteio que a leve á deshonra; mas Leonina, moça e bella, ahí está, e D. Fabiana, envenenando a vida inteira de Leonina, de um só golpe fará a tua desgraça e a da sua antiga rival. Mauricio! abre os olhos! por aquella rua foi um algoz arrastando consigo a sua victima.

MAURICIO.

Fazes-me tremer, Anastacio!

ANASTACIO.

E, suppondo extincto o odio de D. Fabiana, não bastam

os seus principios demasiadamente livres e sua reputação dilacerada pelo publico, para que o dever te mande affastar Leoniua de sua companhia? um pai que expõe sua filha ás consequencias das relações perigosas, não é um pai, é um louco, para não ser um monstro. Oh! quando uma pobre moça, uma filha pervertida pelas más companhias se deixa corromper, e se avilta, o mundo antes do castigal-a com o seu desprezo, devia primeiro cospir na face do pai desnaturado que a levou pelo caminho do vicio. Era isto, que eu precisava dizer-te: agora podes ir fazer os teus cumprimentos a D. Fabiana.

MAURICIO.

Dezoito annos de ausencia da côrte puderam tornar-te hoje, e apezar da tua instrucção, como um estrangeiro no meio della; desconheces os costumes e os usos da alta sociedade, e confundes a civilisação com a licença.

ANASTACIO.

No Rio de Janeiro, como em todas as capitães do mundo, a alta sociedade conta duas classes de frequentadores que a deslustram: uma, é a dos immoraes e libertinos, que della deviam ser expellidos como indignos; a outra, é a dos elegantes caricatos, ridiculos macaqueadores dos grandes; pobres tolos que são castigados em sua propria vaidade: a gente que te cerca, meu irmão, pertence a essas duas classes, e tu fazes parte da ultima.

MAURICIO.

Anastacio, é de mais!

ANASTACIO.

Qual de mais! eu tenho ainda que dizer-te um milhão de verdades amargas...

MAURICIO.

Pois eu não as ouvirei, agora ao menos; e fica certo de que nem sempre são os mais avisados aquelles que presumem ter mais juizo que os outros (*vai-se*).

ANASTACIO.

Vai, abre porém os olhos, Mauricio! (*seguinto-o*) porque por aquella rua foi um algoz arrastando consigo a sua victima!

Scena III.

ANASTACIO, e logo HENRIQUE.

ANASTACIO.

Eis ahi um homem que tem uma cabeça de ferro; mas tão ôca como um cabaço sem miolo!

HENRIQUE.

Meu tio, o que vossa mercê praticou hoje comigo chama-se uma traição: foi provocar-me a um passeio no Jardim Botânico, sabendo que vinham aqui passar o dia pessoas que me olham com o mais insultuoso desprezo, e obriga-me, para não encontral-as, a correr a medo para as alamedas mais solitarias e afastadas, como se eu fôra um miseravel criminoso.

ANASTACIO.

E vossa mercê, chegou ha quatro mezes da Europa com

fumaças de artista de genio, foi ao baile, apaixonou-se por sua prima que o não conhecia, e que voltou-lhe as costas, maõ soube que o seu namorado era um pintor; então, lembrou-se vossa mercê do seu tio da roça; correu á Minas, confessou-me o seu amor, pôz-me ao facto da vida que levam seus tios da cidade, e arrancou-me da minha fazenda, sob o pretexto de que só eu podia salvar-os.

HENRIQUE.

E ainda bem que veio...

ANASTACIO.

Ainda mal, porque estou desconfiando que cheguei tarde; Mauricio disparou em tal carreira pela aristocracia a dentro que é bem de crêr que não páre senão á porta do palacio da Praia Vermelha. No emtanto, eis-me arvorado em medico de loucos, e o senhor, que me impôz este myster, vem agora dizer-me que lhe estou armando traições!.. começo a acreditar que tenho na minha familia mais doudos do que pensava...

HENRIQUE.

E considera-me talvez no numero desses..,

ANASTACIO.

A fallar a verdade ainda não te supponho doudo; mas, orgulhoso, olha que és muito, Henrique.

HENRIQUE.

E' a vossa mercê que devo este meu orgulho: desde os primeiros annos senti arder em minh'alma o amor da arte; e foi meu tio que com a sua riqueza facilitou-me os meios

para ir estudar na Europa; alli, no fóco da civilisação, e no meio dos grandes mestres, a cada passo que avançava na conquista dos segredos da arte, reconhecia que me hia ennobrecendo por ella; e quando depois de doze annos de um estudo incessante, ao apresentar um quadro que me fôra inspirado pelas saudades da patria, meu mestre correu a abraçar-me, chorando, e pintores celebres que teem um nome no mundo, me applaudiram e me chamaram irmão, tive consciencia de que valia alguma cousa; amei a minha palheta como um réi a sua corôa, e apreciei devidamente o meu nome de artista para não curvar a cabeça diante de papelões dourados. Eis ahi o meu orgulho: é á vossa mercê que o devo.

ANASTACIO.

Segue-se d'ahi que te mandei estudar para te fazer pintor, e que tu não me borraste a pintura; sê portanto orgulhoso com esses que em sua soberba desprezam o artista que vale mil vezes mais do que elles; quando porém se tratar de tua prima, perdoa-lhe as fraquezas, e humanisa-te com ella, mesmo porque a rapariga é bella como as virgens do teu Perugino.

HENRIQUE.

Quer então, meu tio, que eu me sujeite aos desdens, e aos insultos de parentes que se envergonham de mim?.. deseja, por exemplo, que Leonina supponha que eu vim hoje aqui de proposito para admirar-a... para beijar os vestigios de suas pisadas... para... oh! não, meu tio.

ANASTACIO.

Amas ou não amas tua prima?.. sim, ou não?..

HENRIQUE.

Amei-a.

ANASTACIO.

Fallo-te no presente, e respondes-me no preterito?.. tu não sabes grammatica.

HENRIQUE.

Como quer que lhe responda?..

ANASTACIO.

Sim, ou não?.. amas, ou não amas?..

HENRIQUE.

Não devia amal-a.

ANASTACIO.

Peior: tu não nasceste para pintor; nasceste para advogado e havias de ser grande na chicana.

HENRIQUE.

Não devia amal-a, porque o seu coração é uma urna impura que guarda os restos de cem amores fingidos; não devia amal-a, porque a sua vaidade amesquinha e desbota os seus encantos; não devia amal-a, porque...

ANASTACIO.

Mas, apesar teu, morres de amores pela rapariga!..

HENRIQUE.

Ao menos saberei fugir della.

ANASTACIO.

Sim?.. pois olha para aquella rua; de quem será aquella balão pavoroso, que não sei como entrou pelo portão do Jardim?..

HENRIQUE.

Oh!.. é ella!.. eu fujo... adeus, meu tio...

ANASTACIO.

Foge, corre depressa; mas eu no teu lugar deixava-me ficar occultando-me atraz destes bambús.

HENRIQUE.

Tem razão: vêl-a-hei sem ser visto; mas não me atraicção (*occulta-se*).

ANASTACIO.

Que elle não fugia, sabia eu muito bem! Os namorados parecem-se todos uns com os outros, como a mão direita com a mão esquerda.

Scena IV.

ANASTACIO, LEONINA, e HENRIQUE, que se conserva occulto.

LEONINA.

Então, meu padrinho, sempre se resolveu a vir jantar connosco!..

ANASTACIO.

Não, senhora; não sou mulher nem politico para andar mudando de opinião da noite para o dia.

LEONINA.

Entretanto, nós o viemos encontrar aqui.

ANASTACIO.

E' verdade, mas preferi á companhia dos seus fidalgos a de uma pessoa a quem tributo verdadeira estima.

LEONINA.

Sim, creio mesmo que me pareceu ter visto dous vultos, quando agora vinha chegando.

ANASTACIO.

E encontrou só um, porque espantou o outro com a sua presença.

LEONINA.

Palavra de moça, que é a primeira vez em minha vida que assim espanto um homem! Quem é esse senhor espantadiço?..

ANASTACIO.

E' seu primo-irmão (*silencio*). Sabe quem é seu primo-irmão?..

LEONINA.

De mais o sei e todos o sabem; hontem á noite vossa mercê descarregou um golpe terrivel na minha vaidade; e embora aquelles, que nos cercavam, nos dissessem depois que raras são as familias que não tem de envergonhar-se de algum parente menos digno, não pude mais esquecer que um irmão de meu pai é mestre marceneiro, e meu primo-irmão um pintor!

ANASTACIO.

E perdeu por isso uma noite de somno... coitadinha!

LEONINA.

Perdi, sim, meu padrinho, porque a lição que vossa mercê nos deu, e depois a longa conversação que comigo teve, me convenceram de que uma fraqueza de meus pais me fez representar até hoje na sociedade, um papel ridículo; porque eu ostentei um orgulho que não me assentava; pois agora eu vejo bem que não sou fidalga.

ANASTACIO.

An! o juizo vai entrando nessa cabecinha de vento?.. mas porque andas hoje tão melancolica?.. pensas que perdeste muito com a baixa da fidalguia?..

LEONINA.

Oh meu tio! vossa mercê nunca leu no coração de uma moça. Escute: eu sei que muitas vezes o pergaminho de um nobre não pôde disfarçar a torpeza de suas acções; sei que outras tantas, o cofre de um millionario é um abysmo cheio de lagrimas derramadas por infelizes, mas a mulher deixa-se sempre deslumbrar por esse ouropel das grandezas e ambiciona o cofre de ouro; porque, com o prestigio da nobreza supplantará as outras mulheres, e com a riqueza terá brilhantes, sedas, palacios, ostentação e luxo!.. oh! nós outras somos as escravas da vaidade, e como todas eu desejava ser bem rica e bem nobre, para humilhar as minhas rivaes!..

ANASTACIO.

Muito bem, Leonina, essa confissão franca e sincera te

absolve: ao menos não és hypocrita; continúa, que estás fallando perfeitamente.

LEONINA.

Que mais posso dizer-lhe?.. esses sonhos ambiciosos acabaram para mim, e d'ora avante cumpre que eu abaixe a cabeça diante das outras senhoras, porque nas sociedades que frequento, a menos nobre sou de certo eu.

ANASTACIO.

Pois levanta a cabeça, menina! porque tu és honesta e pura e só as senhoras honestas é que são as mais nobres.

LEONINA.

Oh, meu padrinho! o que vossa mercê acaba de dizer é grande e generoso; infelizmente porém não são todos que pensam assim.

ANASTACIO.

Aquelles que negam a primasia á virtude, são uns miseraveis. Já se foi o tempo em que um sandeu valia mais do que um sabio; um depravado mais do que o homem honesto, quando o homem sabio ou honesto era filho de um sapateiro, e o acaso déra ao depravado ou ao sandeu meia duzia de avós, falsa ou realmente illustres. Não temos senão uma nobreza, a nobreza da constituição, que é a do merecimento e das virtudes. Já não se reconhece privilegios, graças a Deus, e as portas das grandezas sociaes estão abertas a todos os que sabem merecel-as: nobre é o estadista que se consagra ao serviço da patria; nobre é o diplomata que sustenta no gabinete a causa do paiz; nobre é o soldado que a defende no campo de batalha; nobre é o sabio, nobres são todos aquelles que il-

lustram e honram a nação, e nobre é principalmente a virtude, a virtude que é a sublime benemerita aos olhos do Senhor!..

LEONINA.

Oh! e como ha então pessoas que olham com desprezo para um artista? o artista não póde tambem chegar a ser nobre, meu padrinho?.. (*com viveza*).

ANASTACIO.

(*A parte*). Como ella vai escorregando para o pintor!.. (*a Leonina*). O verdadeiro artista já é nobre de si mesmo, Leonina; e a sua nobreza lhe vem de Deus, que acendeu em seu espirito a flamma do genio.

LEONINA.

Oh, meu padrinho! porque não veio a mais tempo de Minas!..

ANASTACIO.

Sim?.. estás me fazendo suppôr que já te apaixonaste por algum artista...

LEONINA.

Eu?.. eu nunca me apaixonei por homem algum; (*rumor*). Que é isto?.. parece-me que senti o ruído que faz alguém, que se aproxima...

ANASTACIO.

(*Indo aos bambús*). Qual! havia de ser o vento (*a Henrique*). Fica quieto, pintor desastrado!.. (*volta*). Continuemos: deixa-te de fingimentos comigo; tu não amas a teu primo, Leonina?..

LEONINA.

Porque não tratamos de outro assumpto, meu padrinho ?..

ANASTACIO.

Porque é exactamente deste, que eu quero tratar: dize, tu amas a Henrique ?..

LEONINA.

(*Hesitando*). Não senhor, não.

ANASTACIO.

Mentirosa! e aquelle namoro do Club Fluminense ?..

LEONINA.

Foi... foi um namoro, meu padrinho.

ANASTACIO.

Namoro sem amor?.. não comprehendo.

LEONINA.

Ora! todos o comprehendem perfeitamente.

ANASTACIO.

Menos minha sobrinha... creio eu.

LEONINA.

Mas porque?.. diga.

ANASTACIO.

Porque é principalmente a pureza do coração que torna a donzella quasi um anjo na terra.

LEONINA.

Tem razão; pois bem... eu lhe digo tudo: eu amei...

talvez ame ainda Henrique... (*rumor*). Que maldito vento !.. (*Anastacio vai ao fundo*).

ANASTACIO.

(*A Henrique*). Não ficarás quieto, plebeu de uma figal.. (*a Leonina*). Deixa o vento e vamos ao caso: então, amas Henrique...

LEONINA.

Sim, foi o primeiro homem a quem amei, será o ultimo a quem ame; ameio-o, e quantas o viram invejaram-me o seu amor; mas desde que se soube no Club que elle era pintor e filho de um marceneiro, todas as senhoras riram-se de mim, ou mostraram-se compadecidas do meu erro... a vaidade fallou.. e a vaidade fez-me esquecer o amor.

ANASTACIO.

Continúa: desta vez o vento não soprou.

LEONINA.

Agora, tudo está acabado; e esse amor não passa de um sonho bello... suavissimo... e ainda assim... bem triste!

ANASTACIO.

Mas se teu primo ainda te amasse como d'antes?..

LEONINA.

Embora, a vergonha que me acanha e o resentimento que elle deve guardar, levantaram entre nós uma barreira insuperavel.

ANASTACIO.

Bravo, Leonina!..

LEONINA.

Que estou eu a dizer? oh meu padrinho, jure-me que não dirá a meu primo uma só das palavras que me ouviu.

ANASTACIO.

Juro-te um milhão de vezes; mas desconfio muito que elle já saiba tudo...

LEONINA.

Como?..

ANASTACIO.

O vento, Leonina, o vento!..

LEONINA.

Méu Deus!..

HENRIQUE.

(*Apparecendo*). Adoro-te, Leonina! adoro-te, como no primeiro dia do nosso amor!..

LEONINA.

Ah! meu padrinho atraiçoou-me.

ANASTACIO.

E' a segunda vez que hoje me accusam de traidor... mas... ahí temos connosco a velha Fabiana com o illustre commendador.

LEONINA.

Oh! que não me encontrem aqui...

HENRIQUE.

Não tenha receio; eu me retiro por este lado... não...

lá vejo o coronel Reinaldo... seguirei esta rua... é impossível... iria encontrar-me com seus pais, minha senhora...

ANASTACIO.

Em tal caso recolhe-te aos bambús: é o recurso que te resta; e adeus, que me resolvi a jantar com Leonina. (*Henrique occulta-se*). Vem, menina, fuja-mos... aquella mulher é a peste (*vão-se*).

Scena V.

FABIANA, e o COMMENDADOR PEREIRA.

PEREIRA.

Não é tanto assim, minha senhora; convenho em que um homem na minha posição, um millionario, commendador e em vespervas talvez de ser barão, deva despertar as sympathias das senhoras; mas as vezes ellas teem idéas tão extravagantes, que pódem chegar até a desprezar uma personagem da minha ordem, por algum doutor-sinho ou mesmo por um qualquer cousa assim a modo de artista...

FABIANA.

Mas, D. Leonina tem bastante juizo para não cahir em tal: falle-lhe em casamento e verá; eu sou muito amiga de D. Hortensia e sei em que principios educou a filha; D. Leonina é um anjo de virtudes, e o seu unico defeito, que proveio da educação que recebeu, é ainda uma garantia para o amor de V. Ex.

PEREIRA.

E qual é esse defeito?..

FABIANA.

Preferir a tudo a riqueza; se V. Ex. fôsse pobre, apezar de todo o seu merecimento, duvido que conseguissê ser amado; rico porém como é, pôde contar com o amor de D. Leonina.

PEREIRA.

Sim... até certo ponto ella tem razão; porque enfim, o dinheiro é uma grande cousa; mas... por outro lado... isso não me parece muito lisongeiro...

FABIANA.

Pelo contrario... olhe, quero contar-lhe em segredo: D. Leonina amava não sei porque ao coronel Reinaldo; o galanteio entre ambos tinha ido já além de certos limites; desde porém que V. Ex. se apresentou como pretendente, o coronel, embora tenha ainda licença para amar, perdeu já a esperança de casamento.

PEREIRA.

Era de prever: desde que se mostrava um homem rico, um commendador, talvez em vespêras de ser barão... mas, pelo que vejo, conta-se comigo...

FABIANA.

Sê se conta! D. Leonina não cabe em si de contente: e os pais então! esses estão enthusiasmados: excellente familiar é o céo que lhe depára este casamento. Snr. commendador, V. Ex. está destinado a ser o salvador desta honrada gente, porque o Snr. Mauricio, segundo dizem, deve tanto... tanto... que terá de soffrer alguma horrivel desgraça, se lhe não valer um genro dedicado e generoso.

PEREIRA.

Mas eu penso que um genro não tem obrigação de pagar as dividas do sogro...

FABIANA.

E que hade fazer V. Ex., quando sua esposa banhada em pranto lhe pedir que salve a seu pai ?.. que differença farão em sua fortuna, quarenta ou cincoenta contos de menos?.. Deixemos porém isso, arrependo-me até de ter fallado em tal ; o que lhe importa saber é que D. Leonina o ama apaixonadamente.

PEREIRA.

V. Ex. o assegura com toda a certeza?

FABIANA.

Pois se eu já lhe disse que a garantia do seu amor está na sua riqueza, e nas conveniencias da familia ! D. Leonina é uma menina virtuosa, mas bastante interesseira; deseja ser muito rica para gastar, brilhar, e ter sempre a seus pés uma roda de adoradores. E' o que eu chamo ter juizo, sinto bem que minha filha não seja assim ! Filippa é uma doudinha que se deixa levar sómente pelo merecimento pessoal. Eu sei que ella ama um homem muito rico, mas a pobre tola abafa a sua paixão com receio de que a supponham ambiciosa.

PEREIRA.

Sim... até certo ponto V. Ex. tem razão ; porque o dinheiro é uma grande cousa ; mas tambem sua filha parece ter bom coração.

FABIANA.

Qual ! juizo o de D. Leonina, que até se enthusiasma ouvindo fallar em dinheiro; mas... que impertinencia! estou roubando momentos preciosos que pertencem á sua amada; vá, Snr. commendador... vá ter com D. Leonina.

PEREIRA.

A companhia de V. Ex. nunca póde ser impertinente.

FABIANA.

Basta de sacrificios... vá... ande... (*empurrando-o docemente*).

PEREIRA.

Irei... irei... obedecer tambem é servir (*vai-se*).

FABIANA.

A paixão céga este homem; mas ainda assim se elle tivesse o que no mundo se chama honra e dignidade, por certo que teria sentido os effeitos do veneno que lhe lancei no coração.

Scena VI.

FABIANA, FREDERICO, e FILIPPA.

FREDERICO.

Acabámos de encontrar D. Leonina com o original do tio de Minas.

FABIANA.

Não falle assim de seu tio, Snr. Frederico!

FILIPPA.

Como minha mãe conta com o jogo!

FABIANA.

E' porque se trata de uma partida segura.

FILIPPA.

E se apparecer alguém que baralhe as cartas?..

FABIANA.

Ninguém póde baralhar-as. Mauricio está a ponto de ficar de todo perdido. Sei que em breves dias os seus numerosos credores apparecerão decididos a fulminal-o.

FILIPPA.

Porque então não esperamos pelo resultado desse golpe?..

FABIANA.

Porque era possível que o irmão se lembrasse de pagar-lhe as dividas.

FREDERICO.

Como V. Ex. calcula e planeja bem!..

FABIANA.

E' um calculo que dura a vinte e cinco annos! é uma divida que tenho de remir e de pagar com uzura; não me peça explicações que não as darei; aborreço Mauricio e sua mulher e vingó-me em sua filha: se lhe vai aproveitar o meu odio, tanto melhor.

FREDERICO.

Mas o commendador Pereira...

FABIANA.

Hontem em casa de Mauricio, e aqui mesmo ainda a pouco disse-lhe tudo, quanto convinha dizer-lhe: mas o commendador é um estúpido e não me comprehendeu; ou está prompto a sacrificar até mesmo alguns contos de réis por amor de Leonina. Emboral o nosso plano é infallivel; aproveitando a confusão do baile de mascarar, na chacara de Mauricio, ás duas horas depois da meia noite levarei D. Leonina para o carramanchão que fica junto da rua; o senhor apparecerá então; dou-lhe minha palavra de honra que a victima do rapto não poderá soltar um grito, e a caruagem que deve estar perto o levará com ella para onde lhe parecer.

FILIPPA.

E depois, minha mãe ?..

FABIANA.

Até ahi a deshonra e logo em seguida virá a miseria. E' a vingança; é a parte que me toca. Depois um casamento inevitavel dará ao Snr. Frederico direitos á herança do tio e padrinho da noiva; e tu, Filippa, com uma rival de menos, contarás uma probabilidade de mais para conquistar o commendador.

FREDERICO.

Tudo bem calculado, quem ganha mais no negocio, sou eu; uma bella moça... uma grande herança em perspectiva... (*a Fabiana*). Minha senhora, V. Ex. é um anjo!..

FABIANA.

Anjo ou demonio, pouco importa, com tanto que eu consiga o meu fim. Dê-me o seu braço, Snr. Frederico; tu, Filippa, insinua-te no espirito do commendador, e trata de fazer acreditar que o coronel Reinaldo ama com ardor a D. Leonina: precisamos de um homem, sobre quem recaiam as primeiras suspeitas immediatamente depois do desaparecimento de Leonina. Até logo (*vão-se*).

Scena VII.

FILIPPA e logô HENRIQUE, que tem estado occulto.

FILIPPA.

Pois as cartas deste jogo serão por mim baralhadas. Vêr Leonina mulher de Frederico que é moço, elegante e bello!.. oh! não, não; muitas e até eu ainda mesmo casada com o commendador lhe invejariamos a sorte: esse casamento salva-a-hia da deshonra; perca-se portanto, ou pelo menos veja manchada a sua reputação, e fique solteira. Um rapto que se mallogra no momento de executar-se, é de sobra para desacreditar a mulher que se encontra nos braços do raptor... Sim... é isso que deve acontecer; e para que aconteça só me falta um homem... um homem dedicado que eu heide achar, um homem... que a minha boa fortuna hade mostrar-me...

HENRIQUE.

Eil-o aqui, senhora!

FILIPPA.

Oh!.. o Snr. Henriquel

HENRIQUE.

Não percamos tempo nem palavras. Ouvi tudo... eu estava alli... ouvi tudo. Estou no dominio do segredo de sua mãe e do seu, poderia destruir os seus projectos; quero porém ser complice nelles: sabe que tenho sido profundamente offendido e que devo estar sequioso de vingança. Eu sou o homem de quem precisa. Aceita-me?..

FILIPPA.

Farei chegar ás suas mãos um convite para o baile de mascaras do Snr. Mauricio. O senhor procederá de modo que não comprometta minha mãe, e ao arrancar Leonina dos braços do seu raptor, provocará com seus gritos o concurso de testemunhas.

HENRIQUE.

Fal-o-hei melhor do que calcula, minha senhora!

FILIPPA.

A vingança approximou-nos: unir-nos-ha a complicitude. Adeus, senhor, até a noite do baile!..

HENRIQUE.

Até a noite do baile !..

FILIPPA.

(*Indo-se*). Oh!.. agora estou segura (*vai-se*).

HENRIQUE,

Baralhastes de mais as cartas do vosso jogo, minha senhora! a partida não será vossa, e menos de vossa mãe: a partida será minha! (*vai-se*).

Scena VIII.

O COMMENDADOR PEREIRA.

PEREIRA.

O Snr. Mauricio anda mal de fortuna: isso é tão positivo que ainda ha quatro dias descontei com dez por cento esta letra de trez contos de réis, assignada por elle; não é boa firma, não; mas tem uma filha que vale cem contos com os olhos fechados. Nada tenho com as dividas do pai; o que eu quero é a filha, e hade ser minha. Segundo ouvi ha pouco, ella vem esperar aqui D. Hortensia, e eu não heide perder este ensejo. Vou offerecer-lhe a decantada rosa (*tira-a do seio*); mas hade ser uma fineza toda especial. D. Fabiana assegura que a menina é muito interessera; pois então, apresentar-lhe-hei a rosa em um cartuchinho feito com a letra de trez contos de réis (*prepara o cartucho*). Aposto que o cartuchô produzirá mais effeito do que a rosa? D. Leonina não terá de que envergonhar-se, porque o presente será recebido em particular, e, além disso, não posso admitir que o dinheiro envergonhe a pessoa alguma. Eil-a ahi.

Scena IX.

O COMMENDADOR PEREIRA e LEONINA.

LEONINA.

Esperava encontrar aqui minha mãe.

PEREIRA.

E eu dou-me os parabens por não ter ainda chegado a

Srta. D. Hortensia: desejava achar-me a sós com V. Ex. para testemunhar-lhe o meu profundo affecto, offerecendo-lhe a palma da belleza (*apresenta a rosa no cartucho*).

LEONINA.

(*Recebendo*). Oh! a rosa!.. (*deita fóra o cartucho*).

PEREIRA.

Não deite fóra o cartucho!.. não deite fóra o cartucho!..

LEONINA.

Mas que tem de singular este cartucho?..

PEREIRA.

(*Apanhando-o e offerecendo-o de novo*). Minha senhora, é que ha cartucho e cartucho!..

LEONINA.

(*Recebendo e aparte*). Querem ver que é um bilheteinho amoroso?.. (*abre*). Oh!!!

PEREIRA.

Perdoe-me V. Ex... é um simples signal...

LEONINA.

Senhor! ha dous insultos neste indigno papel! ha dous insultos, porque o senhor fez-me corar por meu pai, e porque ousou fazer-me um presente de dinheiro; ha dous insultos... ou não ha insulto algum, porque V. S., Sr. commendador, não comprehende quanto respeito se deve a uma senhora. Eis-ahi o seu papel!.. eil-o!.. vê bem que o não posso rasgar; é uma divida de meu pai.

PEREIRA.

Minha senhora... por quem é...

LEONINA.

Eis-ahi a sua letra! está me queimando os dedos: eil-a ahi! E pois que não a vem receber, apanhe-a no chão (*atira a letra ao chão e volta as costas*).

PEREIRA.

Perdão, minha senhora, eu sou um bruto! (*apanha a letra*).

Scena X.

PEREIRA, LEONINA, e HORTENSIA.

HORTENSIA.

Oh! a rosa!.. a palma da belleza na mão de Leonina!..

LEONINA.

A rosa?.. é verdade... nem della me lembrava!.. (*desfolha a rosa*).

HORTENSIA.

Què fazes, minha filha?

LEONINA.

Oh minha mãe! esta rosa tinha espinhos: feriu-me!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Sala interior em casa de Mauricio: sempre o mesmo luxo e elegancia: mesa pequena, mas de rico trabalho á direita e um pouco ao fundo. Portas lateraes e ao fundo.

Scena Primeira.

HORTENSIA e MAURICIO, tendo na mão um livro que logo depois vai collocar sobre a mesa.

MAURICIO.

Não, Hortensia, as illusões desappareceram; a hora da desgraça vai soar para nós; já dissipamos toda a nossa fortuna, e legaremos a Leonina a mais horrivel miseria.

HORTENSIA.

Ora, que andas sempre a sonhar futuros pavorosos!

MAURICIO.

Não, este livro não mente; elle me assigna a ruina e a vergonha, porque me traz á memoria dividas que não posso pagar; elle me lança em rosto um crime, porque em um momento de desvario ousei vender escravos que tinha

hypothecado. Estão aqui vestidos de seda que appareceram em uma só noite; brilhantes e enfeites, que importam em contos de réis. Devo ás lojas de modas, devo aos joalheiros, devo aos tapeceiros, devo as mobílias e o aluguel das nossas casas; devo tudo e a todos! e o que é mais! essa hypotheca, que não sabe respeitar, me denuncia um crime de estellionato, e não ha meio de escapar ás suas consequencias.

HORTENSIA.

E choras o que gastaste comigo e com tua filha?

MAURICIO.

Não; mas quando penso que me arruinei para engolphar-me em prazeres que duraram instantes; quando penso, que sacrifiquei o futuro de nossa filha a vãs pretensões que só a vaidade inspirava; maldigo mil vezes a loucura que me arrastou á perdição.

HORTENSIA.

E pretendes lançar-me em rosto essas despezas que sómente agora lastimas?.. querias que eu fôsse a bailes, e theatros e nelles me apresentasse vestida pobre e miseravelmente, para ficar exposta ao escarnco das senhoras e ao desprezo dos homens?..

MAURICIO.

Eu não me queixo de ti, Hortensia; choro apenas a nossa desgraça e maldigo a minha imprudencia.

HORTENSIA.

Fôra talvez melhor que tivéssemos vivido ignorados;

que uma vez por outra nos reunissemos com uma ou duas famílias da classe baixa, e que em quanto jogasses a bisca com os maridos, eu conversasse sobre receitas de doces com as mulheres ?. não fariamos dividas e teriamos a gloria de casar Leonina com algum empregado de pouco mais ou menos, se escapassemos de casal-a com o filho de algum marceneiro.

MAURICIO.

Hortensia ! não assenta bem tanta soberba em quem está batendo ás portas da miseria.

HORTENSIA.

Ora! o que nós estamos é chegando ao dia do triumpho. O commendador se mostra loucamente apaixonado por Leonina...

MAURICIO.

Mas o infame procedimento que teve hontem...

HORTENSIA.

Não pensou no que fez e deu-me a satisfação mais completa. Leonina hade tornar-se ás boas com elle e eu te asseguro que o commendador nos pedirá nossa filha em casamento no dia dos annos desta.

MAURICIO.

Oh! se isso não fôsse uma nova illusão!

HORTENSIA.

Não o duvides. O próprio commendador m'o deu a entender; o que portanto nos cumpre é disfarçar a crise que

nos ameaça e salvar as apparencias ainda por alguns dias.

MAURICIO.

Entendo; devemos representar o ultimo acto da comedia da impostura.

Scena II.

MAURICIO, HORTENSIA e ANASTACIO, que fica junto á mesa.

ANASTACIO.

Juntinhos a conversar! os meus dous fidalgos estão de certo desenrolando a sua genealogia: quero aprecial-os de parte (*vê o livro e abre-o*). Oh! o livro da receita e despeza! isto é uma obra rara e prohibida na casa do desmazelo e da dissipação (*examina*).

HORTENSIA.

Tratemos da nossa festa: convém que seja de estrondo, e que se falle durante um mez inteiro do baile de mascaras dado em honra dos annos de Leonina.

MAURICIO.

E se esse casamento não se concluir, onde iremos parar, Hortensia?..

ANASTACIO.

(*Batendo com o livro sobre a mesa*). Miseravel !..

HORTENSIA.

(*Voltando-se*). Meu mano!..

MAURICIO:

(*Correndo para o livro*). Oh! leu... sabe tudo!..
(*pega no livro*).

ANASTACIO.

(*Aparte*). Desgraçadol!.. desgraçadol!.. (*outro tom e à parte*). Mas antes assim, meu Deus; eu temia que elle fôsse já um infame, e apenas tem sido um louco; antes assim!

HORTENSIA.

Que tem, meu mano?..

MAURICIO.

Anastacio, eu comprehendo o teu desespero: foi este livro...

ANASTACIO.

E que tenho eu com esse livro?.. pela encadernação parece-me obra moderna, e eu só acredito nos autores do seculo passado.

MAURICIO.

(*A parte*). Não leu, ainda bem! (*vai guardar o livro n'um gabinete e volta logo*).

ANASTACIO.

(*A parte*). Cousa singular!.. quer me parecer que este meu irmão ainda tem vergonha!

HORTENSIA.

Mas porque motivo entrou tão irritado?..

ANASTACIO.

Porque... porque... ah! querem saber porque?... pois eu lhes conto. Fui visitar uma familia de minha intima amisade, e a quem como a vocês, não via ha dezoito annos, e quando esperava encontrar a prosperidade, encontrei sómente a desgraça e a miseria.

HORTENSIA.

Infelizes!..

ANASTACIO.

Infelizes, não; infeliz é o lavrador que trabalha mezes inteiros e vê n'um dia o vento impetuoso ou a enchente assoladora destruir-lhe as plantações; infeliz é o negociante a quem a tempestade roubou a riqueza, fazendo sossobrar seus navios; infeliz é o proprietario, a quem o incendio devorou as casas e a fortuna; mas o perdulario, e o dissipador, victimas sómente do luxo e da vaidade, não tem direito á compaixão dos homens; são entes immoraes, que pervertem a sociedade com o seu máo exemplo, e que merecem o castigo da desgraça.

MAURICIO.

Anastacio... levas a austeridade até o excesso...

ANASTACIO.

Não, eu sou apenas justo; escutem: o meu antigo amigo era empregado publico, tal e qual como és, Mauricio; casara-se com uma senhora que tendo todas as virtudes, tinha tambem e infelizmente o defeito da vaidade e do amor da ostentação... n'esse ponto não sei se elle se parece contigo; mas como a tí, Mauricio, tambem sua espo-

sa lhe trouxera em dote uma fortuna modesta: o homem da mediocridade, impellido por sua mulher e por seu proprio gosto, esqueceu a sua esphera, quiz hombrear com os grandes, fruir os prazeres, e ostentar o tratamento dos millionarios, e nem os cuidados do futuro de uma filha que o céo concedêra a esse casal desvairado, puderam arredal-o do caminho da perdição. Os annos foram correndo nas azas das festas... a fortuna propria foi dissipada... vieram depois as dividas, e finalmente chegou o dia da ruina e do opprobrio. Que dizem vocês a isto?..

HORTENSIA.

E' um quadro muito commum hoje em dia.

ANASTACIO.

Quando eu ainda ha pouco chegava á casa dessa triste familia, os credores sahiam della levando os trastes pehorados. Vi soldados á porta, entrei; corri aos meus velhos amigos, oh que destino o seu! o marido ia ser levado para a prisão como estellionatario ; a mulher para o hospital, porque havia endoudecido ; e a filha... a filha tinha diante de si o desamparo, e perto do desamparo a deshonra e a prostituição.

MAURICIO.

Meu Deus!

ANASTACIO.

Oh castigo do céo! castigo de Deus!.. eram meus amigos: mas foi muito bem merecido!..

HORTENSIA .

Meu mano, eu o estou desconhecendo!

ANASTACIO.

A razão falla pela minha bocca: um empregado publico que não é rico, que ganha pouco, e vive no seio da opulencia e do fausto, ou rouba ao Estado ou aos particulares; porque ou é malversador, ou contrahe dividas que sabe que não poderá pagar. E' verdade ou não, Mauricio?..

MAURICIO.

E' verdade !

ANASTACIO.

A mulher casada que impelle seu marido a fazer despezas loucas e superiores aos seus recursos; que para trajar brilhantes vestidos e adornar-se com joias custosas, o expõe ao opprobrio, ao infortunio, á infamia, não ama a seu marido, desconhece os seus deveres de esposa, não é sómente louca, é ainda altamente criminosa. E' verdade ou não, senhora?..

HORTENSIA.

E' verdade.

ANASTACIO.

E se esse homem e essa mulher teem uma filha, e dão-lhe a educação perniciosa do luxo e da vaidade; se lhes matam a innocencia e a abandonam a mil perigos, atirando-a imprudentemente nas garras de sociedades sem escolha; se esse homem e essa mulher ajudam por tal modo a corromper o anjo que o céo lhes concedera; esse homem é um pai desnaturado, essa mulher é mãe depravadora. Pai e Mãe, que me ouvis, não é verdade?..

MAURICIO.

Oh!..

HORTENSIA.

Meu mano!..

ANASTACIO.

E os resultados desses erros, que são verdadeiros crimes, eil-os ahi no quadro que apresentou a misera familia. Chega um dia em que os credores e a justiça entram na casa da dissipação; os credores apoderam-se dos restos de uma fortuna esbanjada; a justiça arrasta para uma cadeia o homem que perpetrára um delicto infamante; a mulher vendo-se sem pão, sem riqueza, sem fasto, cahe fulminada pelo raio da vaidade e enlouquece; e a filha, a unica victima innocente, acha-se no mundo só, em abandono, ardendo em desejos de brilhar como d'antes, invejando as joias, os vestidos, o esplendor das outras mulheres, e ahi vem um perfido seductor, que lhe offerece bailes, theatros, sedas e carruagens, e em troco lhe pede a honra... oh!.. a filha do luxo e da vaidade acaba por abrir os braços! a serpente da libertinagem morde-lhe o seio... o anjo da pureza a desampara, e a desgraçada escreve o seu nome na lista das mulheres perdidas. Pai, que me escutas commovido; mãe, que me olhas espantada, respondei: quem precipitou essa infeliz na vergonha da corrupção?.. dizei!..

HORTENSIA.

Ah!.. senhor...

MAURICIO.

Meu irmão... basta!..

ANASTACIO.

Não, ouvi-me até o fim; ninguem deplora essa familia;

ninguem della tem piedade. O Estado diz ao empregado publico: « Empregado malversor! mereceste a punição do teu crime. » Os credores bradam-lhe resentidos: « Miseravel, tu nos arrancaste o nosso dinheiro! » A patria volta-se contra a mulher e clama: « Insensata! em tua filha tu me roubaste uma mãe de familia! » E a sociedade repelle a moça infamada, a essa triste filha, a quem não ensinaram a trabalhar, e que preferiu a deshonra com o fausto, á honestidade com o trabalho: e a bella corrompida envelhece; seus encantos murcharam depressa nas orgias da devassidão, e um dia, annos depois, o pai sahe da prisão, a mãe sahe do hospital, e encontram na rua uma mendiga esfarrapada, com o letreiro da prostituição escripto na face, e que lhes estende a mão, pedindo esmola... oh! não volteis o rosto, pai e mãe dissipadores! pai e mãe escravos do luxo e da vaidade! soccorrei a mendiga! soccorrei-a, porque é vossa filha !..

MAURICIO.

Basta!.. basta !..

HORTENSIA.

E' horrivel !..

ANASTACIO.

(*Outro tom*). E que teem vocês com isto?... estarão porventura no mesmo caso?..

HORTENSIA.

Oh !.. não... não... mas temos uma filha, e o quadro foi medonho.

ANASTACIO.

Pois corrijam-se dos seus erros, se ainda é tempo. Mau-

ricio, a ostentação e o luxo com que tua familia se apresenta, desabonam o teu credito; toda essa gente que frequenta hoje a tua casa; todos esses figurões que te festejam, hão de desaparecer e abandonar-te na hora da adversidade. Mana Hortensia, é simples o segredo da felicidade: quando por acaso nos sentirmos entristecer por não poder gozar os prazeres que gozam os que são mais ricos do que nós, basta que olhando para baixo, contemplemos aquelles que ainda pódem menos do que nós.

MAURICIO.

Tem razão... nós nos corrigiremos...

HORTENSIA.

O mano deu-nos uma lição proveitosa; fallou-nos com o coração e hade ver o seu triumpho.

ANASTACIO.

Ainda bem; e principiem a ter juizo desde hoje...

MAURICIO.

Sim... nada mais de ridiculas pretensões...

HORTENSIA.

Nada mais de falsas amizades; nada mais de vaidades...

Scena III.

**MAURICIO, HORTENSIA, ANASTACIO, e
PETIT.**

PETIT.

Excellentissimas baron e baroneza do Rio Mirim!

HORTENSIA.

A baroneza!.. ahl eu vou immediatamente... (*vai-se*).

ANASTACIO.

Maldita baroneza! oh mana... ouça primeiro...

MAURICIO.

O Snr. barão! depressa a receber S. Ex. (*vai-se*).

Scena IV.

ANASTACIO, e PETIT, ao fundo.

ANASTACIO.

Mauricio! qual! deixaram-me por amor dos barões Mirins! Perdi a minha rhetorica, e está decidido que meu irmão precisa receber uma lição amarga e rude. Desgraçados! debatendo-se já no fundo do abysmo, e tão cegos e tão vaidosos ainda! Oh! é esta sociedade envenenada e corrupta que estraga todos os corações! é esta sociedade que deixando-se escravisar pela paixão do luxo, sacrifica todos os sentimentos e todas as considerações ao ouro; devorada por esta paixão funesta, prefere o ouro á sabedoria, o ouro á honra, o ouro á virtude! é ella que despreza o vestidinho branco da senhora pobre, mas honesta, pelas sedas e pelos velludos das grandes libertinas! é ella que ensina a abafar o pudor, e a menosprezar a propria reputação para satisfazer a paixão do luxo... sim! é uma sociedade depravada, que zomba e ri da consciencia, da lealdade, da justiça, da patria, de Deus, e que violenta se arroja pela estrada da desmoralisação, tendo na mente uma unica idéa—ouro! ouro! ouro!—(*vendo Petit*).

Que fazes tu aqui?.. estavas ouvindo o que eu dizia, não?..

PETIT.

Oh ! non póde ser; eu non entende portuguez.

ANASTACIO.

Que temos então ?..

PETIT.

Um cavalleire *comme il faut* quer falla com monsieur Anastace palavra particular.

ANASTACIO.

Conduze-o para esta sala (*vai-se Petit*). Quem será?.. uma palavra em particular?.. não tenho negocios na cõrte e mesmo já perdi as minhas antigas relações. Sou inimigo de segredos e de mysterios; gosto da franqueza, que é a arma do justo, e me acho de muito máo humor para soffrer segredinhos de homem. Diabo!.. deixem o cochichar para as senhoras que gostam de fallar com a boca fechada.

Scena V.

ANASTACIO e HENRIQUE.

ANASTACIO.

Henrique!.. tu aqui ?..

HENRIQUE.

E' verdade, meu tio; desde hontem que vossa mercê não apparece, e eu precisava absolutamente fallar-lhe. Foi

necessario que se dêsse uma circumstancia bem grave para
que eu ousasse entrar nesta casa.

ANASTACIO.

Pois então senta-te (*senta-se*).

HENRIQUE.

Não, meu tio: fallarei de pé e depressa, porque devo re-
tirar-me antes que me encontrem aqui, e que me lance
para fóra.

ANASTACIO.

Lançarem-te para fóra?! e não vêes que sahiriam dous
ao mesmo tempo?..

HENRIQUE.

Embora, ou ainda por essa razão.

ANASTACIO.

Nesse caso falla de pé; mas eu fico sentado.

HENRIQUE.

Meu tio, desde hontem que se prepara uma trama infer-
nal contra minha infeliz prima...

ANASTACIO.

Eu logo adivinhei que tua prima entrava na historia.

HENRIQUE.

Trata-se nada menos que de perpetrar um rapto..

ANASTACIO.

(*De pé*). E a victima?.. quem é?..

HENRIQUE.

Minha prima.

ANASTACIO.

Leonina?.. será possível !.. (*outro tom e sentando-se*).
Vamos adiante; continúa.

HENRIQUE.

A victima deve pois ser minha prima... ouviu, meu tio?
Leonina... minha prima...

ANASTACIO.

Sim, tua prima: ouvi perfeitamente.

HENRIQUE,

E pôde estar ouvindo com essa frieza?..

ANASTACIO.

Henrique, em regra geral nunca se furta uma moça
senão quando ella se deixa furtar.

HENRIQUE.

E então...

ANASTACIO.

E então, quem não é seu pai, nem sua mãe, e apenas
seu namorado, deixa-a ir com o raptor, que por fim de
contas é o mais enganado, porque julgando levar com-
sigo um thesouro precioso, apenas carrega ás costas um
sacco de moeda falsa.

HENRIQUE.

Mas é que meu tio ignora as circumstancias...

ANASTACIO.

Pois vamos a ellas.

HENRIQUE.

No baile de mascarar, que vai dar-se na chacara de meus tios, ás duas horas da noite, Leonina será atrahida para um carramanchão, que fica junto de uma rua deserta; ali dous mascarar atirar-se-hão sobre a infeliz, abafarão seus gritos e arrastando-a para uma carruagem, que estará perto, um dos mascarar desaparecerá com ella.

ANASTACIO.

E esses mascarar serão uma mulher perversa e um homem libertino: Fabiana e Frederico, não é assim?..

HENRIQUE.

Exactamente: mas quem lh'o disse?

ANASTACIO.

Eu o tinha previsto... miseravel !.. como descobriste este segredo?..

HENRIQUE.

Sorprehendi-o, quando me deixou occulto atraz dos bambús, no Jardim Botânico; surprehendi-o, e opportunamente me offereci á filha de D. Fabiana, que pedia á sua boa fortuna um complice, que impedisse a realisação de rapto ao tempo em que o escandalo fôsse já bastante para manchar o credito de Leonina.

ANASTACIO.

Tens em tuas mãos os fios dessa trama criminosa: qual é o teu proposito?..

HENRIQUE.

Vim consultal-o sobre isso. No meu pensamento brilha a idéa de uma nobre vingança; lembrou-me que podia abater a soberba de meus tios, forçando-os a reconhecer-se devedores da salvação de sua filha a aquelle que tão indignamente desprezaram...

ANASTACIO.

Pobre plebeu ! haviam de dizer-te que as vezes tambem um naufrago póde ficar devendo a vida a um cão da Terra-Nova.

HENRIQUE.

Ainda não acabei. Lembrou-me depois, que eu deveria apresentar-me hoje aqui, e patenteando o crime projectado, e nomeando os criminosos, dizer a meus tios: « eis ahi as brilhantes relações de que vos ufanaes ! eis a vossa sociedade, sociedade que arremeda o que não é ! eis ahi os vossos falsos nobres, ridiculas caricaturas d'aquelles, com quem procuram confundir-se: eil-os ! são infames réos de policia, são...

ANASTACIO.

Tempo perdido ! os taes figurões chamar-te-hiam calumniador e Mauricio correria a dar um abraço a Frederico; Hortensia a trocar um beijo com D. Fabiana, e um criado viria mostrar-te a porta da rua.

HENRIQUE.

Mas tambem nenhum desses pensamentos foi aceito pelo meu coração: em qualquer delles transpirava um desejo de vingança, generosa embora, e a vingança, oh!.. não

cabe em um coração que está cheio de amor! Meu tio, eu quero salvar Leonina, mas quero salvá-la sem que uma suspeita, uma simples duvida possa deixar a mais leve nuvem no limpido céu da sua vida... quero salvá-la, ficando para todos immaculada a sua pureza; quero salvá-la sem que ella o perceba, sem que se falle no seu nome, sem que ella tenha de corar ante a idéa do attentado, de que hia ser victima; quero salvá-la, como um pai salvaria sua filha!.. não quero nem o abatimento da soberba, nem a confusão do crime, nem a vingança, nem a gratidão; quero a reputação de Leonina intacta, e o seu nome sahindo de todos os labios que o pronunciarem, suave como uma harmonia de Haydn, puro e celeste como a oração de um anjo.

ANASTACIO.

Excellentemente; mas havemos de levar ao fim a obra modificando um pouco as tuas idéas poeticas. Já fui delegado de policia em Minas, e quando me denunciavam que se pretendia commetter algum roubo, a minha regra era apañhar os ladrões com a mão na ratoeira.

HENRIQUE.

Mas se um descuido qualquer...

ANASTACIO.

Já cumpriste o teu dever: o cumprimento do meu começo agora. Has de dar-me amanhã algumas lições de baile mascarado. Uma difficuldade unica me embarça... Como heide eu tolerar a presença desses tratantes, que vêm hoje aqui jantar?... Já, porém, que é preciso fingir, já que no meio desta gente sem fé, os proprios homens honestos

devem as vezes trazer uma boa mascara no rosto, verão para quanto presta este velho roceiro!

Scena VI.

NASTACIO, HENRIQUE, e LEONINA.

LEONINA.

o padrinho... meu padrinho... (*vendo Henrique*).
Ah!..

ANASTACIO.

Assustou-se?.. pois o rapaz não é feio.

HENRIQUE.

Minha senhora...

LEONINA.

Perdão, eu pensava que meu padrinho estava só.

ANASTACIO.

Mas achaste-me bem acompanhado, o que é ainda melhor. Que é isto?.. parece que choraste, Leonina?..

LEONINA.

Não... não chorei...

HENRIQUE.

Eu me retiro... (*Anastacio o suspende, segurando-lhe na mão*).

ANASTACIO.

Vieste para confiar-me um segredo, podes fallar; em vez de um, tens a teu lado dous amigos.

LEONINA.

Meu padrinho...

HENRIQUE.

Eu a deixo em liberdade, minha senhora; sei bem que não tenho direito algum á sua confiança... (*indo-se*).

ANASTACIO.

Tu o deixas ir, Leonina?..

LEONINA.

Senhor... meu primo, fique.

ANASTACIO.

(*A parte*). Como tenho domesticado este bichinho!.. (*a Leonina*). Falla...

LEONINA:

Ah meu padrinho... tenta-se contra a minha felicidade, contra o futuro da minha vida...

ANASTACIO.

Como?..

LEONINA.

Querem casar-me com um homem grosseiro e máo, cuja unica recommendação é a riqueza...

HENRIQUE.

(*A parte*). Meu Deus!

ANASTACIO.

O commendador Pereira...

LEONINA.

Elle mesmo!

ANASTACIO.

Que dizes tu a isto, Henrique?..

HENRIQUE.

Meu tio!

LEONINA.

Meu padrinho!

ANASTACIO.

Creio que ninguém se lembrará de casar-te contra a tua vontade, e menos de te impôr á força um marido...

LEONINA.

Oh! mas meu pai pede, minha mãe chora, e um pai que pede, obriga: uma mãe que chora, impõe!..

ANASTACIO.

E além disso trata-se de um fidalgo da gemma; e um fidalgo, ainda que seja estúpido, grosseiro, e ainda mesmo tratante, é sempre um fidalgo, minha afilhada!

HENRIQUE.

Senhor... meu tio... attenda que ella chora!..

LEONINA.

Veja, meu primo, elle zomba de mim, quando as lagrimas correm de meus olhos!

ANASTACIO.

Tens razão; fui máo: oh! mas nunca heide consentir

que te façam desgraçada! Leonina, enxuga esse pranto... não quero que chores! os teus olhos não devem chorar: olha-me, olha-me bem! sabes?.. o teu rosto tem um encanto indizível para mim. Tu tens o rosto de minha mãe, Leonina! velho, ainda me lembro daquelle anjo de amor e de virtudes... oh!.. e lembra-me tambem meu pai, que morrendo nos meus braços, me recommendou Mauricio, meu irmão mais moço, e me pediu que por minha vez fôsse para elle um pai!.. (*commovido*). Oh bome honrado homem, que hoje gozas a bemaventurança do céu! oh meu pai!.. eu cumprirei á risca a tua ultima e santa vontade! Leonina é a filha de teu filho!.. é o retrato de minha mãe... não hade ser, não quero que seja desgraçada!.. (*com ternura*). Leonina! és tambem minha filha!.. e para fazer-te feliz, eu tenho um thesouro de amor neste seio, que se abre para receber-te... vem! Leonina! minha afilhada! minha filha!.. (*aperta Leonina nos braços*).

LEONINA.

Oh!.. meu padrinho!..

HENRIQUE.

Que coração o deste homem, meu Deus!..

ANASTACIO.

(*Soluçando*). Eis ahi! creio que estou chorando!.. mas como é doce o abraçar-te, Leonina! não achas que deve ser muito agradável, Henrique?.. e querem fazer-te desgraçada, bella menina?.. pela alma de meu pai, juro que não!

LEONINA.

Ouçõ vezes... (*observa*) ah meu padrinho, contenha-se: ahi vem todos os nossos amigos para o jantar.

HENRIQUE.

E vão encontrar-me aqui... é um verdadeiro vexame para mim!

ANASTACIO.

Entra para o meu quarto e espera (*leva até a porta do quarto a Henrique que entra*). Ora vejam com quem queriam casar minha afilhada!.. (*observando*).

Scena VII.

ANASTACIO, LEONINA, MAURICIO, HORTENSIA, FABIANA, FILIPPA, FREDERICO, PEREIRA, REINALDO, e LUCIA.

VOZES.

Snr. Anastacio!.. (*cumprimentam-o*).

ANASTACIO.

Minhas senhoras... meus senhores... (*a parte*). Devo estar com uma cara de enforcado: a presença desta gente irrita-me.

HORTENSIA.

Meu mano, os nossos amigos vêm dar-nos o prazer de jantar hoje connosco para obsequial-o...

FABIANA.

A nossa maior ambição é a conquista da sua amizade.

ANASTACIO.

A minha amizade, excellentissima... (*a parte*). Eu não

offereço a minha amizade a esta furia, nem que me serrem!

FILIPPA.

A sua amizade é um thesouro que todos desejamos possuir.

FREDERICO.

E eu muito particularmente.

ANASTACIO.

Por quem são... os senhores confundem-me... (*a parte*). Está visto... eu não posso fingir...

REINALDO.

Eu cá sou amigo velho. (*dá a mão a Anastacio, que deixa apertar a sua friamente*).

PEREIRA.

E eu desejo merecer um titulo igual (*a parte*). Este homem não tem espirito.

ANASTACIO.

(*A parte*). Reconheço-me incapaz de dizer duas palavras; mas enfim, é indispensavel rebentar com alguma cousa (*a todos*). Eu... eu sou um agreste roceiro que não presta para nada... (*a parte*). Até aqui vou bem (*a todos*). Porém... ainda assim... protesto e juro á vossas excellencias e senhorias... (*a Leonina*). E' assim que se diz, Leonina?... (*a todos*). Protesto e juro... que sou... que serei... (*a parte*). Qual! protestar-lhes a minha amizade, não me sahe da bocca (*a todos*). Sim... que fui, sou, e serei sem-

pre um bom amigo, bem entendido, de quem merecer a minha amizade.

FREDERICO:

E nós faremos tudo por tornar-nos dignos della.

MAURICIO.

Desde muito que o são: eu respondo pelo reconhecimento de Anastacio.

ANASTACIO.

Menos essa! ninguem responde por mim... quero dizer... que... meu irmão falla muito bem a linguagem cá da cidade, e eu... roceiro, velho e rude... tenho um modo de fallar que não agrada a todos... mas tal como sou, aprecio devidamente... (*a parte*). Elles hão de pensar que eu sou um estúpido... pois que pensem! (*a todos*). E os senhores pôdem ficar certos de que... eu já os conheço tanto... que declaro... sim declaro... (*a parte*). Ora viva! eu vou declarar o diabol (*a todos*). Declaro...

Scena VIII.

Os precedentes e PETIT, da porta do fundo.

PETIT.

Madame est servie (*vai-se*).

ANASTACIO.

(*Indo a Petit*). Abençoado sejas tu, Petit de uma figa.

HORTENSIA.

Vamos jantar: Snr. coronel, o seu braço; (*toma-lhe o braço*). Leonina, pede o braço ao Snr. commendador...

ANASTACIO.

Não é possível; Leonina já está engajada comigo (*a Leonina*). E' engajada que se diz, não é, Leonina?..

HORTENSIA.

(*A Reinaldo*). Meu cunhado é um homem muito vexado (*vão sahindo*).

REINALDO.

(*A Hortensia*). Pois olhe, não era assim no outro tempo (*sahem*).

FABIANA.

(*Tomando o braço de Pereira*). E' um original !

PEREIRA.

(*A Fabiana*). Não tem espirito... parece-me até idiota (*sahem*).

MAURICIO.

(*Dando o braço a Filippa*). Venha meu irmão (*sahem e Frederico com Lucia*).

ANASTACIO.

Eu já os sigo; quero dizer primeiro uma palavra a Leonina (*a parte*). Este jantar de hoje não me passa da garganta.

Scena IX.

ANASTACIO, LEONINA, e logô HENRIQUE.

LEONINA.

Que me quer dizer, meu padrinho?..

ANASTACIO.

Eu, nada. Quero despedir-me de Henrique (*vai a porta do quarto*). Agora pódes sahir; e até logo.

HENRIQUE.

Adeus, meu tio; minha... prima... (*cumprimenta-a*).

ANASTACIO.

Então como é isso?.. não lhe dás a mão, Leonina?.. (*Leonina dá a mão, e Henrique a beija com ardor*). Bravo! agora sim: jantarei como um frade, e vou até fazer uma saude ao commendador Pereira (*vão-se*).



FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

Jardim espaçoso e todo illuminado: ao fundo uma casa de campo de bella apparencia, assobradada e com escadaria na frente; pelas janellas abertas vê-se brilhar as luzes: bancos de relva no jardim: á esquerda um carramanchão coberto de jasmims: perto d'elle um portão de grades de ferro.

Scena Primeira.

Ha um baile de mascaras: musica, e ruido de festa: os mascaras sóbem e descem pela escadaria, e apparecem ás janellas; dirigem-se uns aos outros. DOUS MASCARAS: o primeiro sentado em um banco, o segundo, chega e pousa-lhe a mão no hombro.

2.º MASCARA.

Bello mascara, porque deixaste o baile?.. esperas ou descansas?..

1.º MASCARA.

A esperanza é fallaz como a mulher, e o descanso é o marido fidelissimo da preguiça: aborreço-os a ambos: não espero, nem descanso.

2.º MASCARA.

Dá-me então o segredo de tua vida...

1.º MASCARA.

Medito sempre e ainda mesmo quando trago uma mascara no rosto. Agora estava pensando na grande loucura de um baile de mascaras, e procurava determinar com certeza quem é a pessoa que o baile em que estamos, assignala, como tendo menos juizo.

2.º MASCARA.

Isso não tem que vêr, é o dono da casa.

1.º MASCARA.

Pois enganas-te: é o credor ou são os credores do festeiro, que provavelmente nunca mais tornarão a vêr o cunho do dinheiro que emprestaram para as despezas da festa.

2.º MASCARA.

E's má lingua, e te levantas contra o santo, e contra a esmola.

1.º MASCARA.

Esquecia-me dizer-te, que ha meia hora perdi um conto de réis ao lansquenet ! parei na dama de copas, que dez vezes consecutivas deixou-se cahir no lado direito!.. Oh!.. dama constante assim, é a primeira vez que encontro!

2.º MASCARA.

E achas que deves desforrar-te no dono da casa?..

1.º MASCARA.

Desferrar-me?! pronunziaste uma palavra de bom agouro: voltemos ao baile, e na sala do jogo paremos de parceria na primeira carta...

2.º MASCARA.

Menos se a carta for alguma dama, porque as damas...

Scena II.

Os DOUS MASCARAS, que logo se retiram: FABIANA, FILIPPA, FREDERICO e todos mascarados.

FILIPPA.

Fazem o martyrio dos tolos; não é assim, bello mascarado?..

2.º MASCARA.

Eil-as comigo: imagens mundanas, fugitè!.. (*vai-se*).

1.º MASCARA.

Trez! má conta: um sonha; dous suspiram; trez conspiram! (*vai-se*).

FABIANA.

(*Tiram as mascaras*). Que horrivel calor faz lá dentro! conversemos ao menos alguns instantes aqui no jardim.

FREDERICO.

Parece-me ter achado V. Ex. um pouco pensativa?.. sobreviria algum contratempo?..

FABIANA.

Não; tudo vai bem. Um pouco antes das duas horas da noite, D. Leonina sentirá a cabeça pesada e um somno irresistivel, e acompanhar-me-ha ao jardim para adormecer logo depois naquelle carramanchão.

FILIPPA.

Mas a explicação desse somno.

FABIANA.

Está encerrada nesta caixinha de pastilhas (*mostra-a*).

FILIPPA.

Oh! minha mãe...

FABIANA.

O fim justifica os meios: além disso hade ser um somno de uma ou duas horas e nada mais.

FREDERICO.

E dormirá reclinada sobre o meu seio...

FABIANA.

E despertará com o movimento da carruagem (*a Filippa*). Mas pela tua parte, que tens feito, insigne medrosa?..

FILIPPA.

Nada; o commendador acha-se possuido da mais acerba melancolia, e lança olhares fulminadores sobre o coronel Reinaldo, a quem suppõe um rival preferido...

FABIANA.

Melhor; tornar-se-ha portanto mais verosimil uma fuga do que um rapto; e o coronel Reinaldo receberá daqui a pouco uma carta que o fará deixar o baile inesperadamente, dando-me occasião de fazer sobre elle recahir as primeiras suspeitas do attentado, emquanto o Snr. Frederico se põe a salvo (*a Frederico*). E a carruagem?..

FREDERICO.

Já está no lugar determinado.

FABIANA.

O cocheiro ?..

FREDERICO.

Respondo por elle.

FABIANA.

Tudo corre á medida dos nossos desejos: até o velho roceiro toimou em não ficar para o baile.

FREDERICO.

Coitado! apenas acabou de jantar, deitou a correr para a cidade antes que apparecesse algum mascara: é um montanhez lá de Minas, que ainda tem medo de mascaras!

FILIPPA.

Foi uma pena que não ficasse, tomal-o-hia á minha conta a noite toda.

FABIANA.

E eu digo que foi muito melhor que se tivesse ido embora. Snr. Frederico, que horas são?..

Scena III.

FABIANA, FILIPPA, FREDERICO, e ANASTACIO, vestido de dominó preto: os trez põem as mascaras.

ANASTACIO.

E' meia noite.

FILIPPA.

Que voz! pareceu-me ouvir o sino grande de S. Francisco de Paula dando horas.

FREDERICO.

Bello mascara, quem és tu?..

FABIANA.

Qual bello! quem és tu, feio mascara?..

ANASTACIO.

Todos pôdem dizer o que fôram; poucos o que são; nenhum o que hade vir a ser. O que eu fui, não vos importa; o que eu sou agora, acabastes de testemunhar; sou o chronometro vivo que vos annuncia a hora que desejais saber; o que eu heide ser ainda hoje... vel-o-heis.

FREDERICO.

Bravo! é um dominó que toca o sublime.

FABIANA.

Mas estás me fazendo raiva; porque sou obrigada a reconhecer que és o primeiro mascara do baile.

ANASTACIO.

Não te desconsolles ; tu és a primeira mascara do mundo.

FABIANA.

Senhor!..

FREDERICO.

(*Dando um passo*). Dominó, confundes o espirito com o insulto!..

ANASTACIO.

A's vezes, quando a verdade póde ser um insulto...

FABIANA.

(*A Frederico*). Voltemos á sala... este homem assusta-me...

FILIPPA.

(*Tomando o braço de Frederico*). Venha, Snr. Frederico, venha...

FREDERICÓ.

(*Voltando a cabeça para traz*). Encontrar-nos-hemos de novo, não?.. (*vão-se*).

ANASTACIO.

(*Seguindo-o*). Máo grado vosso, palavra de honra que sim!..

Scena IV.

MAURICIO e **HORTENSIA**. (*A musica toca uma valsa brilhante: movimento de mascarar. Anastacio, que tem ido até a escadaria, pára, vendo Mauricio e Hortensia; volta, observa-os um momento á distancia, e retira-se para um dos lados até encobrir-se*).

HORTENSIA.

Mauricio... meu amigo...

MAURICIO.

Deixa-me fugir dessa multidão que me exaspera! eu tenho a morte no coração, Hortensia.

HORTENSIA.

Silencio... cuidado... talvez nos escutem, Mauricio (*olhando*).

MAURICIO.

(*Olhando*). Não... estamos sós... livres de todos... menos da desgraça; sabes que recebi hoje uma carta em que o meu principal credor me previne de que amanhã ao meio dia em ponto se apresentará para receber quinze contos de réis ou para entregar-me á justiça, como um vil estellionatario?... pois bem: ainda ha pouco no meio da confusão e do tumulto, uma voz soou a meus ouvidos, e disse-me: « amanhã ao meio dia, Mauricio!.. »

HORTENSIA.

E essa voz...

MAURICIO.

Não sei de quem foi: olhei e vi-me rodeado de mascaras; ouvi zombarias e gargalhadas: zombariam de mim?.. rir-se-hiam de mim, Hortensia?.. oh! isto é horrivel!.. estas musicas soam a meus ouvidos como um canto infernal; este ruido me ensurdece... eu enlouqueço!.. Hortensia!.. Hortensia!.. dize-me uma palavra de esperança... uma palavra que me faça esquecer essa ameaça sinistra: « amanhã ao meio dia, Mauricio !.. »

HORTENSIA.

A nossa situação tornou-se realmente grave: Leonina tem desde hontem tratado com azedume e até com desprezo ao commendador...

MAURICIO.

Meu Deus ! e que recurso então nos resta ?..

HORTENSIA.

Lancei mão do ultimo. Acabo de expôr á nossa filha as circumstancias desesperadas em que nos achamos; appellei para a sua generosidade, e conto vencer a sua repugnancia: pediu-me dez minutos para reflectir, e eu corro, porque é tempo de receber a sua resposta afim de communicar-a já ao commendador.

MAURICIO.

O sacrificio da vida inteira e da felicidade de Leonina?.. oh! o luxo! a vaidade!.. eis ahi as suas consequencias!..

HORTENSIA.

Nossa filha hade ser feliz, eu te affianço...

MAURICIO.

Não pareces mãe, Hortensia'..

HORTENSIA.

Maurício! é a primeira vez que me maltratas...

MAURICIO.

Oh! perdoa-me! eu não sei o que digo... minha cabeça desgoverna... salva-me, Hortensia...

HORTENSIA.

Socega e confia em mim; mas onde encontrarei agora Leonina?..

Scena V.

MAURICIO, HORTENSIA, e ANASTACIO,
sempre de domino.

ANASTACIO.

Meditando e a chorar junto á ultima janella da galeria
(vai-se).

MAURICIO.

Esta voz!.. quem é este mascara?..

HORTENSIA.

Sabel-o-hemos depois ; agora cumpre salvar-nos
(vai-se).

Scena VI.

MAURICIO (continúa a musica alegre).

MAURICIO.

A musica sôa festiva e alegre, as luzes brilham, admira-

se em toda parte o luxo, a riqueza, o fausto e a magnificencia do baile... tudo isto partiu de mim, e eu sou mais pobre, do que o ultimo mendigo!.. hoje a festa... e amanhã ao meio dia a miseria e o opprobrio!.. oh! e medroso do infortunio que eu preparei por minhas mãos; aterrado pela idéa do mais justo castigo; eu, no meio das musicas estridentes, do ruido da alegria, do movimento jubiloso de todos, eu, pai desnaturado e máo, consinto que vã arrojar minha filha no abysmo que cavei debaixo de meus pés!.. minha filha!.. Leonina!.. misericordia, meu Deus! sou vil, sou infame, reneguei, desprezei meus parentes... reneguei a honra e a virtude, e ainda vou renegar minha filha!.. sinto as aucias do seu coração, vejo as lagrimas dos seus olhos, e ainda assim com as minhas mãos arrastando-a para o altar do sacrificio... oh! não!.. não! este crime, esta abominação, este sacrilégio não se hade realisar... não quero... não! não!.. (*partindo*).

Scena VII.

MAURICIO, que logo se retira, e ANASTACIO.

ANASTACIO.

E' tarde: Leonina, deixou-se vencer por sua mãe.

MAURICIO.

Não! não!.. não é tarde nunca para correr um pai a salvar sua filha!.. (*vai-se*).

ANASTACIO.

Vai, desgraçado, vai: a obra é tua, não tens portanto que maldizel-a: vai! enxuga e esconde as tuas lagrimas, esmaga o teu coração e ri, e ri mil vezes aos olhos dessa

sociedade mentirosa, em que quasi todos são victimas, e quasi todos querem parecer triumphadores!.. Oh! que sociedade! alli dentro daquellas salas ha homens que soltam gargalhadas e que teem no seio o fogo do inferno; ha mulheres que se festejam e desejariam poder dilacerar-se; ha moças que se estão beijando e que teem voutade de morrer-se; alli dentro a inveja derrama veneno, a traição forjá cilladas, a calumnia despedaça reputações, a corrupção se propaga, a hypocrisia triumphá, e melhor, e mais sublime que tudo isso, a miseria contradança e o calotismo dança a polka! oh, que mundo do diabo (*sente passos*)! Quem vem lá?.. é ella (*vai-se*).

Scena VIII.

LEONINA.

LEONINA.

Está lavrada a minha sentença... meu Deus! não ha mais riso para meus labios, nem felicidade para o meu coração. Mascara! mascara! não me deixes mais: agora tu és o meu unico recurso. A desgraça feriu meus pais, um crime vergonhoso está a ponto de deshonorar-os... oh!.. não ha que exitar... é preciso que eu me sacrifique para salvar os. Coragem! ha por ahi tantas como eu vou ser .. animo: mas, meu Deus, é muito!.. uma vida inteira é muito!.. oh meu Deus, manda-me um anjo que me salve!..

Scena IX.

LEONINA e HENRIQUE, ambos teem as mascaras nas mãos.

HENRIQUE.

Leonina!

LEONINA.

Eu te pedia um anjo, meu Deus'..

HENRIQUE.

Oh, o amor as vezes é quasi um anjo, porque o amor puro e santo é todo cheio de influxo divino!.. Leonina, eu amo!

LEONINA.

Não m'o diga, não... agora é muito tarde para quem a tempo não quiz ouvir—ol não é um anjo, não, meu primo! para mim o senhor é um remorso! ah! eu estou no caso dos moribundos, que uma hora antes de expirar pedem perdão a aquelles a quem offenderam; perdão Henrique !..

HENRIQUE.

Leonina, coragem!.. nós seremos ainda felizes...

LEONINA.

Impossivel !..

HENRIQUE.

A idéa do impossivel é quasi um sacrilegio: a esperança sómente se apaga na alma do athéo.

LEONINA.

Mas quando o proprio dever e o mesmo Deus ordenam o sacrificio de uma vida inteira... quando para salvar seus pais o unico recurso que tem uma pobre filha é aceitar a mão de um homem que detesta... quando...

HENRIQUE.

Não diga mais... eu sei... eu adivinho tudo... o rubor

de suas faces revela o que lhe parece um segredo, e o que ninguém ignora... Leonina... vão condemnal-a a uma desventura eterna... e eu lhe offerecia no meu coração um altar de amor... Leonina!..

LEONINA.

E para sentar-me nesse altar, Henrique, já que o sabe, lembre que eu precisaria fazer um degráo da honra de meus pais!.. um homem se apresenta para salvar-os... atiro-me nos seus braços... não! não! eu abraço-me sómente com a salvação meus pais !..

HENRIQUE.

Tem razão, é assim mesmo; o santo amor de filha que lhe aconselha tanta abnegação, a engrandece ainda a meus olhos. Tem razão: procede, como deve. Oh, vã philosophia que zombas do poder do ouro! reconhece um tal poder e curva-te diante delle!.. eil-ol!.. aqui está o ouro comprando uma mulher, e uma mulher vendendo-se nobremente ao ouro por amor da virtudel!..

LEONINA.

Meu primol!..

HENRIQUE.

Miseravel orgulho de artista!.. artista!.. de que te vale essa palheta, que amas como um sceptro, essa gloria, com que sonhas incessantemente? de que te vale o genio, artista?.. oh!.. quem me dá um cofre de ouro por essa palheta, que me custou tantos annos de fadigas? quem me dá um cofre de ouro pela gloria de meus sonhos, pelo talento que me inflamma?.. oh! vãs chimeras!.. a gloria é uma illusão! o talento é nada! o genio é a tunica de Nesso, o

merecimento, a probidade, a sabedoria são mentiras: ha só uma grande verdade, é o ouro !

Scena X.

LEONINA, HENRIQUÊ, e ANASTACIO.

ANASTACIO.

Blasphemias!.. ha só uma grande verdade, é Deus; e por Deus são verdades o genio, o merecimento, a probidade e a sabedoria.

LEONINA.

Meu tio !

HENRIQUE.

Salve-nos, meu tio! quem nos reconciliou, quem nos animou com suaves esperanças, deve salvar-nos.

ANASTACIO.

E heide salvá-os. Não sahi de Minas para assistir ao casamento de minha sobrinha com o commendador Pereira.

LEONINA.

Que heide fazer... ensine-me?..

ANASTACIO.

Resiste.

LEONINA.

Mas eu já dei o meu consentimento a minha mãe...

ANASTACIO.

Resiste.

HENRIQUE.

Ainda é tempo, vá retirar a sua palavra.

LEONINA.

E' tardel.. cil-os ahi.. (*Anastacio e Henrique põem as mascaras*).

HENRIQUE.

Lembre-se do nosso amor, minha prima.

LEONINA.

Oh! e meu pai? . e meu pai?..

ANASTACIO.

Resiste (*vão-se Anastacio e Henrique*).

Scena XI.

LEONINA, MAURICIO, HORTENSIA, PEREIRA, FABIANA, FREDERICO, FILIPPA, REINALDO, e LUCIA.

REINALDO.

Festa sublime e inimitavel ! mas foi o diabo ; apesar do meu disfarce conheceram-me logo pelo arreganho militar.

PEREIRA.

(*A parte*). Se eu fôsse ministro da guerra havia de reformar este coronel em cabo de esquadra; tenho-lhe um odio!

LUCIA.

Só o Snr. Mauricio e D. Hortensia sabem dar bailes com tanta riqueza e tão apurado gosto.

LEONINA.

(*A parte*). Como meu pai está soffrendo l.. o meu pobre pai..

HORTENSIA.

O esplendor da nossa festa é todo devido ao brilhante concurso que nos veio honrar...

PÉREIRA.

É eu sou o mais ditoso entre todos os que vieram a ella.

FABIANA.

Bem o merecê, se o é; porém D. Hortensia, chamou-nos ao jardim com um ar de mysterio que me vai dando que pensar.

HORTENSIA.

Escolhi os nossos mais dilectos amigos, para que fôsseem elles os primeiros a quem eu tivesse o prazer de participar que o Snr. commendador Pereira fez-nos a honra de pedir Leonina em casamento, e que esta correspondeu como devia a tão notavel distincção, aceitando ufanosa a felicidade que o céo lhe destinou.

VOZES.

Parabens! parabens!

PÉREIRA.

Falta-me só receber a confirmação da minha dita da propria bocca da formosa noiva...

MAURÍCIO.

Um momento... devo dizer ainda uma palavra a Leo-

nina: perdão... é o ultimó conselho de um pai (*Leva Leonina para um lado: Hortensia toma o outro lado da filha, ficando um pouco para traz*). Minha filha, eu corri a pouco para impedir uma promessa fatal, e cheguei tarde; agora, porém, o momento é supremo; o teu sacrificio não impediria o meu infortunio...

HORTENSIA.

(*A Leonina*). O commendador jurou-me que salvaria teu pai, Leonina!

MAURICIO.

(*A Leonina*). No meio das maiores desgraças, a tua felicidade seria para mim a unica e a mais doce consolação...

HORTENSIA.

(*A Leonina*). E amanhã a vergonha e a deshonra...

MAURICIO.

(*A Leonina*). Consentir neste sacrificio fôra um verdadeiro crime: minha filha... não ousas fallar... fallo eu...

HORTENSIA.

(*Suspendendo Mauricio*). E o estellionato, Mauricio!.. salva teu pai, Leonina!

LEONINA.

(*A parte*). Oh! oh!.. é muito! eu não posso mais: meu Deus! eu cumprirei o meu dever (*a Pereira*). Senhor... commendador... serei .. sua... ah!.. (*desmaia*).

MAURICIO.

Minha filha!

HORTENSIA.

Leonina... ella torna a si... foi a emoção... o excesso do prazer...

REINALDO.

(*A parte*). Aquella conversa e este desmaio não pôdem ser de bom agouro para o noivo.

PEREIRA.

Minha senhora, eu vou dever-lhe a felicidade da minha vida...

LEONINA.

Senhor...

MAURICIO.

(*A parte*). Sou eu que sacrifico a pobre victima!

FABIANA.

Poupemos o pudor da noiva: é uma impiedade martyrisal-a assim (*a Frederico*). Vai tudo ás mil maravilhas para nós.

FREDERICO.

(*A Fabiana*). Só um estúpido como o cômmandador deixaria de comprehender o que se está passando.

FILIPPA.

Não esqueçamos o baile: Snr. commendador, D. Leonina ainda não é sua; pertence-nos durante esta noite:

voltemos ao baile; eu estou louca por encontrar de novo o dominó preto: já viram o famoso dominó preto?..

PEREIRA.

Dizem-me que tem intrigado a todos; mas eu ainda o não vi, nem ouvi.

LUCIA.

Nem eu, e ardo em desejos...

Scena XII.

Os precedentes e ANASTACIO.

ANASTACIO.

Pois eil-o aqui, senhores!

VOZES.

Oh! ainda bem! ainda bem!...

FREDERICO.

Todos estamos sem mascara; tira tambem a tua,

ANASTACIO,

Ainda me assiste o direito de conserval-a no rosto.

HORTENSIA.

Sem duvida, e pelo menos até a hora da ceia.

FREDERICO.

Desse modo é facil exercer uma certa superioridade; porque conheces a nós todos, e ninguem ainda pode descobrir quem sejas.

ANASTACIO.

Tanto melhor para mim: mas quem vos disse que vos achais sem mascaras?.. engano, senhores, todos estaes mascarados!..

REINALDO.

Excellentel excellentel..

PEREIRA.

Pois tira-nos as mascaras, dominó pretencioso.

ANASTACIO.

Vós o quereis?..

VOZES.

Sim! sim!..

FILIPPA.

E' um mascara singular! quando todos fallam em falsete, elle conversa em baixo profundo!

ANASTACIO.

Então ahí vai: Mauricio, a placidez do teu rosto é uma mascara; tu tens na alma o desespero. Tambem não te devias chamar Mauricio, porque o nome que te cabe é a —Fraqueza—.

MAURICIO.

Oh!..

VOZES.

Impagavell impagavel !

ANASTACIO.

Hortensia, a felicidade que ostentas é a tua mascara;

porque o medo te opprime, e o remorso te despedaça. o coração. Tambem não te devias chamar Hortensia, o nome que te assenta, é a —Vaidadel —

MAURICIO.

Senhor!..

ANASTACIO.

Leonina, és a unica que não trazes mascara; porque o teu pranto e a tua afflicção estão a todos dizendo que és uma victima.

PEREIRA.

Que pretende significar com isso, Snr. dominó?..

ANASTACIO.

Commendador Pereira, a tua nobreza é uma mascara; porque tens tu mesmo consciencia da tua nullidade. Tambem não te devias chamar Pereira, o nome que mereces é a —Fatuidade. —

PEREIRA.

E'... é uma insolencia!...

FREDERICO.

Qual ! é sublime!

ANASTACIO.

Coronel Reinaldo...

REINALDO.

Dispenso... dispenso, absolutamente: eu e minha filha queremos guardar o incognito... anda, Lucia... este dominó traz o diabo no corpo (*vai-se com Lucia*).

FILIPPA.

Pois eu não o dispenso.

ANASTACIO.

Pobre moça! também a tua leviandade é uma mascara; porque soffres tormentos incessantes: não te devias chamar Filippa, o nome que te compete, é a — Inveja! —

FABIANA.

E' demais!..

ANASTACIO.

Frederico, esse alegre estouvamento que ostentas é uma mascara; porque a tua alma está enregellada pelo egoismo, e o teu coração ressecado pela pratica dos vicios. Não te devias chamar Frederico, o nome que te assenta é a — Libertinagem! —

FREDERICO.

Ah! ah! ah! é incomparavel, palavra de honra!..

ANASTACIO.

E o teu agrado, a tua affabilidade, a tua lhaneza são uma triplice mascara, Fabiana! porque no teu espirito re-fervem negras idéas: não te devias chamar Fabiana; o nome, que te define, é a — Traição! —

FABIANA.

Miseravel!

PEREIRA.

E deixaremos assim impunes tantos insultos...

MAURICIO.

(*Avançando um passo*). Protegido pela máscara e pelo indulto da hospitalidade, acabaste de injuriar a todos nós; perdeste portanto os teus direitos, e me impuzeste o dever de arrancar-te essa máscara, e de mostrar o teu rosto aos olhos (*quer arrancar-lhe a máscara e Anastacio suspende-lhe o braço*)...

ANASTACIO.

(*A Mauricio*). Amanhã, ao meio dia, Mauricio!

MAURICIO.

Oh!.. (*deixa cahir o braço*).

HORTENSIA.

Este homem é um atrevido, e como tal deve ser expulso da nossa casa... (*Anastacio leva Mauricio para um lado*).

ANASTACIO.

Nós vamos entrar de novo na sala do baile, e tua mulher aceitará sem duvida o meu braço... (*a Mauricio*).

MAURICIO.

(*Atterrado*). Senhores... é um amigo... zombou de todos nós... mas não houve offensa... é um amigo... tornemos ao baile...

FABIANA.

Como?.. depois dos insultos que nos dirigiu...

MAURICIO.

É um amigo... já disse... respondo por elle... e a prova é, que Hortensia vai tomar-lhe o braço...

HORTENSIA.

Eu?... nunca!..

MAURICIO.

(*A Hortensia tremendo*). Toma-lhe o braço, Hortensia!..

HORTENSIA.

(*Tomando o braço de Anastacio*). Meu Deus!.. (*vão-se retirando*).

FREDERICO.

(*Dando o braço a Fabiana*). Hora e meia!..

FABIANA.

Vamos (*vão-se*).

Scena XIII.

FILIPPA e logo HENRIQUE.

FILIPPA.

(*Olhando em torno*). Hora e meia!.. e alguém me falta...

HENRIQUE.

(*Apparecendo*). Hora e meia!.. Estou prompto.

FILIPPA.

O momento terrível se aproxima, um leve descuido poderia ser-nos fatal; cuidado!

HENRIQUE.

Eu vélo.

FILIPPA.

(*Aperta-lhe a mão e diz a parte*). E eu triumphol.,
(*vão-se*).

Scena XIV.

REINALDO e LUCIA.

LUCIA.

Mas, meu paisinho, isto é intoleravel ! é revoltantel.

REINALDO.

Que queres, minha filha?.. o primeiro dever do soldado é a obediencia, e principalmente agora que, segundo corre, estamos em vespervas de promoção. O negocio é necessariamente muito grave; a carta é do official de gabinete do ministro, e tão atrapalhado escreveu que quasi lhe desconheci a letra...

LUCIA.

Ah, meu paisinho, tomara eu que caia este ministerio.

REINALDO.

Olha, elle está por têas de aranhas... e ao primeiro vento, vai-se como um passarinho; mas, emquanto se demora no poleiro, é preciso não faltar-lhe com as contingencias devidas. A's duas horas devo estar em casa do ministro... tenho apenas tempo de deixar-te em casa e de ir apresentar-me a S. Ex... Ha negocio grave... ha negocio grave... anda... vamos...

LUCIA.

Ai! cá para mim não ha ministro que valha um baile.

REINALDO.

(*Sahindo com a filha*). Não digo o contrario... porém que remedio! vamos... e... adeus, minhas contradansas!..

LUCIA.

Adeus, minhas boas valsas!.. (*vãõ-se*)

Scena XV.

FREDERICO *de mascara e com uma capa no braço*).

FREDERICO.

Lá se foi o coronel, e ao menos durante o resto da noite carregará com a responsabilidade do rapto de Leonina. E' chegada a hora: cumpre abrir o portão para facilitar a retirada (*faz o que diz*). Oh, que doce peso vou carregar sobre os meus hombros! que moça encantadora, que noite de embriaguez e que bella herança a esperar! Se D. Fabiana se lembrasse de dar a comer uma boa dóse de pastilhas ao tio e padrinho da minha noiva!.. mas... é tempo de esconder-me... E' celebre! parece-me que a despeito de todo este meu enthusiasmo, estou começando a receiar as consequencias deste passo. . que puerilidade... ávan-te!.. vou occultar-me entre jasmims para roubar uma rosa (*oculta-se por traz do carramanchão*)

Scena XVI.

FREDERICO, *oculto*, **FABIANA**, e **LEONINA**.

FABIANA.

Venha... o ar da noite e o aroma das flores hão de fazer-lhe bem.

LEONINA.

A cabeça pesa-me horrivelmente... como que os olhos se vão fechando...

FABIANA.

E' um incommodo passageiro: havia de ser a emoção que lhe causou o pedido do casamento...

LEONINA.

Não... não... mas é impossivel resistir ao somno que sinto; eu vou retirar-me para o meu quarto...

FABIANA.

Não faça tal, o calor augmentaria este pequeno incommodo. Olhe, descanse antes ao pé de mim, no banco do carramanchão.

LEONINA.

E' melhor que eu me vá deitar... não posso... quero dormir...

FABIANA.

(*Puchando-a*). Venha... eu me sentarei a seu lado...

LEONINA.

(*Cedendo*). Oh! é muito! é de mais!..

FABIANA.

Venha!.. (*leva a para o banco do carramanchão; Leonina reclina-se sobre Fabiana*).

LEONINA.

Pezam-me os olhos... ah... se eu dormir... acorde-me...

FABIANA.

Sim... descanse; esta aragem suave que sopra, lhe fará bem, durma... no meio das flores... como um anjo... como... e dormiu! D. Leonina! minha boa amiga! D. Leonina! Qual! dorme profundamente. Bem! a hora da ceia deixa o jardim em solidão: eu tinha calculado com isso; mas é preciso não perder um instante. Psiol psiol é tempo.

FREDERICO.

(*Apparecendo*). Prompto: dê-me esse precioso thesouro!

FABIANA.

Espere, atemos-lhe primeiro este lenço na bocca: podia por acaso despertar, e, se gritasse, ficaríamos perdidos (*Atam o lenço*).

FREDERICO.

Sim... mas não magoemos estes labios de rosa...

FABIANA.

Como já está zeloso da sua noiva! eil-o atado de leve; mas ao primeiro movimento aperte com força o nó.

FREDERICO.

Heide durante quinze dias ser o mais apaixonado e constante dos maridos (*tomando com cuidado Leonina nos braços*).

FABIANA.

Emfim... cil-a ahi.

FREDERICO.

Leonina! és minha!

Scena XVII.

FABIANA, LEONINA, FREDERICO, ANASTACIO, e HENRIQUE.

ANASTACIO.

Ainda não.

FABIANA.

Oh !..

FREDERICO.

(Descansa Leonina no banco e avança com um punhal. Sempre elle! miseravel, morre! . (ferindo).

HENRIQUE.

(Suspendendo o golpe). Assassino! somos dous!.. (subjuga Frederico).

ANASTACIO.

(Arrancando a mascara de Fabiana) Eil-a, a traição!.. (o mesmo a Frederico). Eil-o, a libertinagem!.. Infames, fugi !.. (vão-se Fabiana e Frederico. Anastacio e Henrique correm a Leonina). Oh!.. este somno é sinistro...

HENRIQUE.

Leonina!.. meu Deus!.. permitti que nós a salvemos.

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO QUINTO.

Sala em casa de Mauricio: ainda riqueza e luxo; agora porém signaes de alguma desordem: sobre uma mesa vê-se uma pendula de primoroso gosto.

Scena Primeira.

HORTENSIA e logo depois MAURICIO.

HORTENSIA.

Só! abandonada! debatendo-me sem esperança nas garras da miseria e da vergonha! oh! é horrivel! e minha filha... a minha Leonina... meu Deus! se ao menos me restasse minha filha!... (*silencio*) Todos os meus calculos destruidos como nuvens desfeitas pelo vento! misericordia, meu Deus!.. (*vendo entrar Mauricio*) E Leonina?.. e nossa filha?..

MAURICIO.

Perdi os meus passos, e as minhas lagrimas; ninguem sabe de Leonina.

HORTENSIA.

O nome do infame raptor ao menos...

MAURICIO.

Hortensia, não houve rapto, houve fuga. Qual é a mulher que se deixa roubar sem que solte um grito ou brade por soccorro?.. Não houve rapto: Leonina fugiu-nos e fez bem; queríamos sacrificar-a, ella salvou-se; fez bem.

HORTENSIA .

Mas deshonrou-se... e deshonrou-nos.

MAURICIO.

Deshonrados estamos nós desde o dia em que sem medir os nossos recursos nos atiramos no golphão do luxo e da vaidade, e nos carregamos de dividas, que não podiamos remir. Hortensia! olha aquella pendula, ella marca onze horas: ao meio dia, em ponto, virão pedir-me o pagamento de uma divida sagrada, e os meus credores terão o direito de chamar-me ladrão; porque eu vendi escravos que tinha hypothecado, e me utilizei do seu dinheiro, enganando-os com essa fraude vergonhosa.

HORTENSIA.

Oh, Mauricio! e não temos esperanza, não temos recurso algum?.. as minhas joias?..

MAURICIO.

As tuas joias! eis ahi o seu producto: importaram em mais de doze contos de réis, e deram-me por ellas menos de cinco! Aqui estão: uma gotta d'agua no oceano!

HORTENSIA.

Se te dessem algum tempo de espera, Mauricio...

MAURICIO.

E com que fim o pediria eu?... d'aqui a um anno estarei em melhores circumstancias do que hoje?... não, Hortensia, basta de enganar; em minha propria consciencia fui até agora apenas um louco, e de agora em diante seria um velhaco.

HORTENSIA.

E teu irmão, tão rico! porque não te abres com o mano Anastacio?... no fundo do coração elle é bom.

MAURICIO.

Meu irmão não pôde ignorar em que situação nos achamos, e se quizesse soccorrer-nos, não precisava que eu lh'o pedisse.

HORTENSIA.

Fallaste a algum dos nossos amigos?..

MAURICIO.

Os nossos amigos! a minha desgraça já é conhecida: batim dez portas e achei-as todas fechadas, ou glacial frieza naquelles que ainda me quizeram receber. Entendi que não me devia expôr a outras desillusões.

HORTENSIA.

Oh! o mano Anastacio tinha razão.

Scena II.

MAURICIO, HORTENSIA, e PETIT.

PETIT.

Snr. barão do Rio Mirim não recebe ninguem hoje.

HORTENSIA.

Tambem elle!..

PETIT.

Snr. conselheiro vai sair fóra de cidade quinze dias, e madame não faz nem recebe visitas.

MAURICIO.

Como os outros!

HORTENSIA.

Abandonada de todos...

PETIT.

Oh! non, tem muito gente na escade.

HORTENSIA.

(*Com viveza*). Quem são?..

PETIT.

Mais de vinte caixeiros que traz contas, e faz bulha de mil diables, dizendo que quer dinheiro por força.

MAURICIO.

Irei fallar-lhes immediatamente.

PETIT.

E da minha parte, eu tambem faz cumprimento a monsieur e a madame, e pede trez mezes de salario que não recebeu, e agora mesmo vai embora.

HORTENSIA.

Tal e qual como Fanny ainda a pouco!.. até elles nos abandonam!..

MAURICIO.

(*Tira a carteira e dá dinheiro*). Toma; vai-te: pelo menos não se dirá que caloteamos até os nosso criados.

PETIT.

Eu faz cumprimento e deseja muitas felicidades...

MAURICIO.

Deixa-nos! (*vai-se Petit*). Estás vendo a triste posição a que temos descido?..

HORTENSIA.

E Leonina?.. e Leonina ?..

MAURICIO.

Quasi que estimo que ella não tenha sido testemunha de tão vergonhosas scenas.

HORTENSIA.

Até o mano Anastacio nos desampara l..

MAURICIO.

Paciencia. Espera-me, Hortensia; vou fallar aos caixeiros e aos cobradores que me enchem a escada: vou corar diante delles, e entregar-lhes todo o dinheiro, que me renderam as tuas joias (*vai-se*).

Scena III.

HORTENSIA, e logo ANASTACIO.

HORTENSIA.

Oh meu Deus! quem dissera que eu me veria em tão lamentavel situação?!

ANASTACIO.

Eu lh'o predisse, minha cunhada.

HORTENSIA.

Meu mano! meu mano!..

ANASTACIO.

Onde está a multidão de amigos que dia e noite enchia as salas desta casa?.. de que lhe serviram esses bailes, esses banquetes, essa vida de ostentação, com que enganava o mundo?.. que é feito do seu orgulho de nobreza?.. oh! as musicas dos saráos e o ruido das festas trocaram-se pela gritaria que levantam alli na escada os caixeiros insolentes; e aos applausos dos parasitas succederam as maldições dos credores enganados.

HORTENSIA.

Meu mano, não redobre os nossos soffrimentos: a desgraça que cahiu sobre nós é horrivel !

ANASTACIO.

Essa desgraça é um justo castigo da Providencia. Consulte a sua consciencia, que é a voz de Deus que lhe falla n'alma, e reconhecerá qué ella lhe está dizendo: « mulher, tu és um exemplo doloroso que deve ensinar ás esposas e ás mãis a seguir o caminho da virtude. Mulher, tu foste a causa do infortunio de teu marido, porque o arrojaste no abysmo da dissipação; tu empurraste tua filha para a sua perda, porque lhe déste uma educação pernicioso e fatal. Mulher, tu foste má esposa; mulher, tu foste mãi desamorosa; tu foste parenta ruim: recebe portanto o merecido castigo. O teu vicio foi o luxo; fica pois miseravel: a tua

paixão foi a vaidade; fidalga improvisada ! fica abaixo da plebe!..

HORTENSIA.

Oh! piedade! compaixão!..

ANASTACIO.

Olhe que não sou eu quem lh'o digo; é a sua consciencia que sem duvida lh'o está dizendo.

HORTENSIA.

Tem razão, pragueje contra mim; mas nem por isso desconheça que a nossa infelicidade é cruel e atroz.

ANASTACIO.

Pelo contrario eu a considero muito proveitosa, e util.

HORTENSIA.

O senhor zomba dos seus parentes no infortunio: é um homem sem generosidade, um homem máo.

ANASTACIO.

Acima dos meus parentes está a nação que póde colher beneficos resultados da lição que offerece a sua desgraça. A sociedade acha-se corrompida pelo luxo e pela vaidade e um quadro vivo das consequencias desastrosas dessas duas paixões talvez lhe seja de prudente aviso. Em Mauricio verá o homem de mediocre fortuna e especialmente o empregado publico, que a ostentação e o fausto de alguns annos determinam a miseria de todo o resto da vida; nas suas lagrimas de esposa e de mãi as mãis e as esposas verão os horrores a que as póde levar o abuso do amor de um marido extremoso e cégo e a falsa educação

dada ás filhas. A sua triste pobreza proclama a necessidade da economia. A propria deshonra de meu irmão ensina que desvairado pela paixão do luxo, um homem honesto é capaz de arrojarse até o crime. As suas pretensões de nobreza, emfim, dizem ao mundo que o ouropel não é ouro, que a mascara não é o rosto, e que nobre, verdadeiramente nobre é só o que é virtuoso e probó, o que é grande e generoso, o que é digno de Deus e da patria. Soffra pois, soffra ! e de joelhos agradeça a Deus a punição que recebe.

HORTENSIA.

E minha filha... a minha Leonina...

ANASTACIO.

Sua filha é uma orphã, porque nunca teve pais que a guiassem pelo bom caminho. Ella é orphã, e Deus é o pai dos orphãos.

HORTENSIA.

Oh que homem este! ao vêr os nossos martyrios sómente acha para dizer-nos palavras de amargor e quasi de insulto!

ANASTACIO.

Sou rude, senhora; mas a minha bocca não sabe dizer senão a verdade.

HORTENSIA.

Nem se lembra de que está humilhando e desprezando os seus parentes!

ANASTACIO.

Orgulhosa fidalga de hontem! como trataste os paren-

tes de teu marido, durante dezoito annos de vaidade e de presumpção?.. que fizeste a cinco dias, quando se apresentaram em tua casa, teu cunhado, o marceneiro, e teu sobrinho, o pintor?.. prova, mulher, prova hoje por tua vez o calix da humilhação e do desprezo!

HORTENSIA.

(*Curvando-se*). Perdão!

ANASTACIO.

E' o castigo de Deus!

HORTENSIA.

(*De joelhos e com vehemencia*). Perdão !.. perdão !..

ANASTACIO.

(*Sentindo-se commovido*). Levante-se, minha irmã; tarde chega as vezes o arrependimento para os homens; mas nunca elle vem tarde para Deus. Que tem feito desde que lhe roubaram sua filha ?..

HORTENSIA.

Chorar.

ANASTACIO.

As lagrimas são estereis, senhora; nas maiores afflicções o recurso é o Omnipotente. Reze.

HORTENSIA.

Sim... sim... tem razão.

ANASTACIO.

Não derrame lagrimas sobre a terra; levante os olhos para o céo, e espere. Vá orar. Deus é grande.

HORTENSIA.

Eu vou; é delle sómente que agora espero tudo
(*vai-se*).

Scena IV.

ANASTACIO.

ANASTACIO.

Pobre senhora ! fui talvez austero de mais: a vaidade germina espontaneamente no coração da mulher; mas é o homem que cultiva e dá vigor a essa planta venenosa. O mais culpado é meu irmão, que devera ser o protector e o guia de sua esposa; que devera ser forte e prudente e que por sua fraqueza levou sua familia a uma ruina completa. Que será feito desse infeliz? creio que ouço suas pisadas: observá-o-hei de perto (*vai-se*).

Scena V:

MAURICIO, depois de alguns instantes de silencio,
observa a pendula.

MAURICIO.

A hora se adianta, pouco falta; ao meio dia o meu opprobrio estará consummado. Não de vir enxotar-me desta casa, e á porta da rua eu encontraria talvez soldados, que me levassem á prisão. Coberto de dividas, deshonrado por um crime vergonhoso, deshonrado pela deshonra de minha filha, lancei uma nodoa indelevel no nome de meu pai e não tenho esperança, senão na morte. Não hão de arrastar-me a um carcere; não curvarei a cabeça ao pezo de injurias e de maldições; não!.. porque em lugar de um

homem, só acharão um cadáver. Acabemos com isto (*vai buscar uma garrafa d'agua e um copo, e deita naquella o veneno que traz em um vidro*). Era exactamente pelo suicidio que devia terminar uma vida desgraçada e louca. Perdão, meu Deus! minha filha, perdão! ora pois... bebamos a morte (*pega na garrafa e deita agua no copo*).

Scena VI.

MAURICIO, e ANASTACIO.

ANASTACIO.

Mauricio!

MAURICIO.

(*Estremecendo*). Quem é... Anastacio... (*pega a garrafa e o copo*).

ANASTACIO.

Não ouviste um grito de tua mulher?..

MAURICIO.

De Hortensia...

ANASTACIO.

Lembra-te ao menos della, acode-a depressa.

MAURICIO.

Hortensia! que mais devo soffrer, meu Deus! (*vai-se*).

Scena VII.

ANASTACIO.

ANASTACIO.

Um suicidio! mas de que me admiro?.. Mauricio não é

o homem fraco? na hora da adversidade a fraqueza mata-se para poupar-se ao incommodo de lutar. Sublime recurso! um extravagante enche-se de dividas, e no dia do vencimento das letras, suicida-se, pregando assim um calote a Deus, além dos que pregou aos credores. Nos calculos dos dissipadores o unico que ganha é o diabo. Um suicidio! que bella idéa! o homem despoja-se da vida á pretexto de que a honra a isso o obriga. Mentira! a honra é o cumprimento do dever. Mas o extravagante abre com o punhal ou com o veneno o caminho do inferno, e no dia seguinte os jornaes referem a historia da loucura e do crime tão romanescamente, que fazem á outros loucos vontade de imitar aquella acção heroica !.. (*deita fora a agua da garrafa e enche esta de outra agua*). Muito bem: vou apreciar os effeitos da agua da Carioca.

Scena VIII.

ANASTACIO, ao fundo. O COMMENDADOR PEREIRA.

PEREIRA.

Chego deitando a alma pela bocca... não importa; bato, ninguem apparece; grito, ninguem me responde: eis o que importa muito. Então certos são os touros! é uma indignidade e uma infamia! o homem está perdido, deve os cabellos da cabeça, não tem onde caia morto, e os meus trez contos de réis fôram devorados! deixaram-me sem mulher e sem dinheiro! ainda se eu me casasse com a moça, soffreria com paciencia o prejuizo; mas emquanto o pai rebentava financeiramente, a filha batia as azas amorosas, e ambos me pregavam dous calotes desastrados

nada, ao menos quero os meus trez contos de réis... isto é uma patifaria, este homem é um...

ANASTACIO.

Acabe!

PEREIRA.

E' um... sim... um... um infeliz!

ANASTACIO.

E o senhor que é?..

PEREIRA.

Eu?.. eu.. sou um commêndador...

ANASTACIO.

Não! é sómente um miseravel!

PEREIRA.

Snr. Anastacio... Anastacio... Anastacio não sei de que...

ANASTACIO.

Aquelle que durante annos foi recebido no seio de uma familia honesta, e por ella tratado como amigo; que jantou cem vezes á sua mesa, que foi objecto de attentões e cuidados penhoradores; que gozou de sua confiança inteira; que merceou, emfim ser considerado digno de receber em casamento uma joven cheia de encantos e virtudes, o anjo querido de seus pais, e que no momento em que essa familia cahê em desgraça, vem insultal-a, lançar-lhe em rosto a sua miseria, pelo recio vil e mesquinho de perder trez contos de réis, é... oh! não é um malvado, não; não é um tigre; é menos dô que isso, é um homem vil e abjec-

to, é um reptil asqueroso; em que nem mesmo se piza sem repugnancia: não tem coração, não tem alma, não tem... não tem ao menos dignidade fingida para revoltar-se, quando ouve as injurias que lhe estou atirando ao rosto!

PEREIRA.

Tudo isso é bom de se dizer; mas trez contos de réis é dinheiro! e se ao menos...

ANASTACIO.

A sua letral!

PEREIRA.

Eil-a aqui; mas que pretende fazer?..

ANASTACIO:

(*Tira a carteirã e da dinheiro*). Rasgue-al que não toque nas minhas mãos um papel que passou pelas suas (*Pereira rasga a lettra*). Dou-lhe minha palavra de honra, que a sua alma não vale este trapo que piso com os meus pés!

PEREIRA.

Sim... porém a emoção... a fadiga... o calor... com licença, um copo d'agua... (*bebe*) ah! sinto-me um pouco melhor.

Scena IX.

ANASTACIO, PEREIRA, MAURICIO, e HORTENSIA.

HORTENSIA.

Meu mano, Mauricio imitou-me; rezou tambem.

MAURICIO.

Snr. commendador...

PEREIRA.

Meu caro amigo... minha senhora...

HORTENSIA.

Ainda bem, Snr. commendador, que V. Ex. não pertence ao numero daquelles que esquecem os amigos na adversidade.

PEREIRA.

Oh! essa é boal isso não está no meu character.

ANASTACIO.

Mas sempre é bom que saibam o motivo que trouxe aqui o Snr. commendador.

PEREIRA.

Não é preciso (*á Anastacio*). Por quem é... poupe-me...

ANASTACIO.

Snr. commendador, o baile de mascaras foi hontem.

PEREIRA.

Sinto-me de novo incommodado... que tonteiras diabolicas... mais um copo d'agua... (*deita agua no copo*).

MAURICIO.

Não beba! não beba!..

PEREIRA.

Então porque?..

MAURICIO:

Essa agua...

PEREIRA.

Acabe... esta agua... que tem esta agua?..

MAURICIO.

Oh! eu tive a idéa infernal de suicidar-me!

HORTENSIA.

Mauricio!

MAURICIO.

Essa agua está envenenada!..

PEREIRA.

(Deixando cahir o copo): Misericordia! eu já bebi!

HORTENSIA.

Snr. commendador...

PEREIRA.

Minha senhora, seu marido suicidou-me!

MAURICIO.

Isto é horrivel !..

PEREIRA.

Horribilissimo! já sinto dôres péla barriga... oh! um medico! chamem um medico! eu quero um contra veneno! diga-me depressa; qual foi a substancia assassina?..

MAURICIO.

Arsenico...

PEREIRA.

Arsenicol estou morto; pois se eu já estou reconhecendo todos os symptomas do arsenicol um medicol e ninguém me acode! vou eu mesmo... um medicol um medicol (*vai-se*).

Scena X.

ANASTACIO, MAURICIO, e HORTENSIA.

MAURICIO.

Que fatalidade!

ANASTACIO.

Não se assustem, a agua que elle bebeu é innocente: eu destruí os preparativos para o ultimo acto de loucura de meu irmão.

MAURICIO.

Ainda bem!..

ANASTACIO.

E não te envergonhas, Mauricio, do attentado que hias commetter contra Deus e a sociedade? nem te lembrou a esposa?..

HORTENSIA.

Ingratol

ANASTACIO.

Nem a filha...

MAURICIO.

Minha pobre Leoninal se eu a tivesse junto de mim resistiria com mais coragem ao golpe tremendo da fortuna.

ANASTACIO.

E nada sabes ainda a respeito de Leonina?..

MAURICIO.

Ignoro o principal. Sei que essa indigna D. Fabiana e Frederico seu infame complice, estavam a ponto de realizar um plano de antemão forjado, raptando minha filha, quando appareceram dous mascaras que arranearam a victima de suas garras; mas depois elles por sua vez me roubaram Leonina. Eis tudo quanto pude descobrir; e além disto, nada... nada mais!

ANASTACIO.

Mauricio, tu desprestaste pelos falsos os teus verdadeiros amigos, e elles se vingaram de ti, salvando tua filha.

HORTENSIA.

Onde está minha filha ?..

MAURICIO.

Anastacio! minha filha... onde está minha filha?..

ANASTACIO.

Junto de sua tia... da mulher de Felisberto...

MAURICIO.

Ah! que felicidade tão grande!.. e quem a salvou?..

ANASTACIO.

Olha!..

Scena XI.

Os precedentes, LEONINA e HENRIQUE.

LEONINA.

Meu pai!.. minha mãe!.. (*correndo a abraçá-los*).

HORTENSIA.

Minha filha!

MAURICIO.

Leonina!..

ANASTACIO.

(*A parte*). Peior está essa... penso que já vou ficando com os olhos molhados... pois se eu sou um chorão!..

MAURICIO.

E o teu salvador... onde está elle?... (*vendo-o*). Henrique!

HORTENSIA.

Meu sobrinho... nos meus braços (*abraça-o*).

ANASTACIO.

Sem a menor duvida a desgraça dá juizo aos parvos...

LEONINA.

Minha mãe, meu primo é o mais nobre e honrado dos cavalheiros.

ANASTACIO.

Sabiu ao pai, que é tal e qual apesar de ser mestre marceneiro.

HENRIQUE.

Cumpri em tudo o meu dever de parente e de homem de bem.

MAURICIO.

Henrique, desprezei-te, quando me illudia ostentando grandezas ficticias, e hoje na mais cruel adversidade, hoje na miseria, e quasi perdido pela deshonra, eu te peço que sejas o esposo e o protector de minha filha!

HORTENSIA.

Chama-me tua mãe, Henrique!

HENRIQUE.

Juro que farei a felicidade de Leonina e de joelhos eu vos agradeço a esposa que me dás, e que vai transformar a minha vida em um paraíso!

MAURICIO.

Meu filho!

HENRIQUE.

Oh, meu pai! minha mãe!.. (*abraçam-se*).

LEONINA.

Meu padrinho, como somos ditosos!..

MAURICIO.

Ditosos!.. (*da meio dia*). Meio dia!.. (*aterrado*).

HORTENSIA.

Meio dia... é a hora terrivel...

MAURICIO.

Justo céol sóbem a escada...

ANASTACIO.

Pois que subam! agora pódem subir...

HORTENSIA.

Meu mano...

ANASTACIO.

Pois que subam... repitól

LEONINA.

Que é isto?..

Scena XII.

Os precedentes e FELISBERTO.

MAURICIO.

Felisberto!

ANASTACIO.

Felisberto!

LEONINA.

Meu tio!

HENRIQUE.

Meu pai!

HORTENSIA.

(A parte). Eu tremo de confusão...

FELISBERTO.

Rom dia Mauricio: Deus a guarde, minha senhora.

ANASTACIO.

Com que cara vens tu, Felisberto?

FELISBERTO.

Venho dizer-te, Anastacio, que tu és um homem máo.

ANASTACIO.

Eim?.. como é lá isso?..

FELISBERTO.

Homem máo, sustento ainda. Tu és rico, mesmo até muito rico; não és casado, nem tens filhos, sobram-te pois os recursos; nosso irmão te recebia em sua casa, e és o padrinho de sua filha, no entanto esquecido de nossos pais, do nosso sangue, do nosso amor de crianças, e do mais santo dever, tu consentias que nosso irmão passasse pelo maior vexame do mundo! E's um homem máo, um avaro, um parente ruim (*a Mauricio*). Mauricio, foi sómente á uma hora que eu sube da tua desgraça ; eu sou um pobre marceneiro, e trinta e cinco annos de economias deixaram-me apenas ajuntar estas oito apolices de conto de réis (*apresenta-as*). Eu as reservava para meu filho... mas vejo que precisas muito... oito contos de réis talvez não cheguem... diabol não tenho mais vintem; arranja-te porém com isto, enquanto eu trato de vender a minha casinhola, que nos dará ainda uns cinco ou seis contos. Nada de ceremonias... por fim de contas tu és meu irmão... anda... toma... aceita, Mauricio; aceita... e meu filho que trabalhe.

MAURICIO,

Felisberto l.. (*chorando*).

LEONINA.

(*Abraçando Felisberto*). Meu querido pai !..

HENRIQUE.

(*Abraçando-o*). Abençoado sejas, meu pai !..

FELISBERTO.

(*Confuso*). Que algazarra por uma cousa tão natural !

HORTENSIA.

(*Curvando-se*). Meu irmão, perdoe-me o mal que lhe tenho feito!

FELISBERTO,

Minha senhora... então que é isto?... o passado, passado; viva Deus! a mulher de meu irmão é minha irmã... abra-lhe este peito... é rude, é grosseiro, mas venha... póde vir que é um peito de madeira de lei ! (*abraça Hortensia*).

ANASTACIO.

E eu então, Felisberto?

FELISBERTO.

Toma lá (*indo a elle*), mas tu és um homem máo.

ANASTACIO.

Alto, senhor mestre marceneiro! dobre a língua, guarde as suas apolicês; o que veio fazer, já está feito.

LEONINA.

Meu padrinho...

ANASTACIO.

(*Dando papeis a Leonina*). Toma esta escriptura de hypotheca, e estas letras, Leonina, entrega-as a teu pai, e dize-lhe que para o futuro tenha mais juizo.

HORTENSIA.

Maurício de joelhos aos pés destes dous anjos! (*vão ajoelhar-se aos pés de Anastácio e de Felisberto, e elles os suspendem*).

ANASTACIO.

De joelhos á Deus, meus irmãos! de joelhos á Deus e agradecei-lhe a lição que recebestes, e a felicidade de vossa filha! ..

FIM DO QUINTO E ÚLTIMO ACTO.

ADVERTENCIA.

Em virtude da lei que garante a propriedade litteraria, só com licença minha poderá esta comedia ser reimpressa ou representada nesta côrte ou em qualquer das províncias do Imperio.

Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1860.

J. M. de Macedo.

APPENDICE

AO

LUXO E VAIDADE

O *Diario do Rio de Janeiro*, do dia 23 de Setembro deu a seguinte noticia:

—Inaugura se hoje no theatro do Gymnasio a Sociedade Dramatica Nacional com a primeira representação do drama original do Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo—*Luxo e Vaidade*.

O scenario é novo; representando o do segundo acto um ponto de vista do Jardim Botânico.

No dia 25, noticiando ainda a inauguração da Sociedade Dramatica Nacional, exprime-se assim:

—A inauguração da Sociedade Dramatica Nacional que teve lugar ante-hontem no Gymnasio, foi uma festa artistica que attrahio um numeroso e escolhido concurso.

A nova composição do Snr. Dr. Macedo foi vivamente applaudida de principio a fim, sendo por ultimo chamado o autor á scena, onde não appareceu por não estar já no theatro.

O desempenho esteve na altura elevada dos elementos com que conta a Sociedade Dramatica Nacional.

Crêmos que o autor não terá o menor motivo de desagrado, porque as suas mais fugitivas intenções fôrão fielmente interpretadas por todos os artistas.

O publico não viu naquelle spectaculo sómente a re-

apresentação feliz de uma comedia cheia de bellezas; viu mais: viu a iniciação de uma nova era para a nossa arte dramatica.

Gazetilha do *Jornal do Commercio*, de 25:

— Teve lugar na noite de domingo a primeira representação no theatro do Gymnasio da Sociedade Dramatica Nacional.

Subiu á scena a comedia original do Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, denominada *Luxo e Vaidade*.

O publico applaudiu o merito da comedia e seu bom desempenho.

Continue o Gymnasio a levar á scena peças dessa ordem e terá feito muito. Quando ha verdadeiros interpretes nasce a vontade de escrever para o theatro, e servirá isto de valioso estimulo para muito talento que por ahi anda perdido.

Neste caso a rivalidade tornar-se-ha uma excellente virtude.

A collaboração humoristica do *Diario do Rio*, no dia 29, disse:

— *Luxo e Vaidade*. — Foi com esta ultima producção do Snr. Dr. Macedo, que a Sociedade Dramatica Nacional deu o seu spectaculo de inauguração.

A peça é ao mesmo tempo um quadro de costumes e uma satyra, escripta com aquelle sabor nacional e aquella critica pungente de que o autor, com tanta pericia, sabe temperar as suas paginas.

Vestindo a censura com as roupas populares de um Mineiro desabusado, põe-lhe na mão o latego e deixa-o dar de rijo na sociedade desmoralisada e torpe, prodigiosamente corada e enfeitada pela vaidade e pelo luxo.

O publico, honra lhe seja feita, acompanhou o autor, e rio a bom rir dos ridiculos e das torpezas que mão de mestre lhe desenhava ante os olhos.

O entusiasmo foi expressivo e sincero.

Trata-se de uma familia plebéa e toda cá debaixo,

que pelo auxilio da fortuna sóbo ás altas posições e toma lugar entre os nobres de sangue purissimo e immaculado.

Lograria o seu intento e satisfaria a sua vaidade, se um parente, um irmão, não se lembrasse de deixar os seus commodos de Minas para vir introduzir-se nos negocios dos parentes da côrte.

Bom velho, excellent Mineiro! Desde que entra até que a peça termina é um tiroteio vivo. A palmatoria não lhe sahe das mãos; chama á barra os vicios e preconceitos e vai-lhes applicando excellentes fricções de madeira de lei.

Não censura de luva de pellica e riso nos labios, é rude, tem as mãos callosas e pesadas, falla abertamente, e chama gato ao gato, sem calculo, nem preambulo, nem figuras.

A platéa esteve admiravel. Applaudiu sempre; não deixou escapar nada. Apanhou todas as subtilezas, todas as filigranas e esteve democratica a não poder mais. Esta phrase: — Um fidalgo, ainda que seja grosseiro, estúpido e mesmo tratante, é sempre um fidalgo — foi applaudida com estrondosa gargalhada. A platéa conheceu a ironia e não se pôde conter.

Sentia-se que as apostrophes e sarcasmos de que o velho Anastacio trazia farto o alforge encontravam éco facil no animo dos que o ouviaram para cá da rampa.

Sem entrar no estudo litterario da peça, não podemos deixar de tocar nesta face dos seus notaveis meritos. Deixamos o quadro de côstumes para tomar a satyra.

Vão lá ouvi-l-a os que estão incluidos na censura, e apreciem, sintam a aspereza daquelle caustico tão bem applicado ás ulceras sóciaes a deixal-as sangrentas e latejantes.

E' um excellent remedio contra as pretensões da nobreza de hontem, que se esquece que tem ha 80 annos de distanêia, um avô ferreiro que chamuscou na forja as mãos temperadas no trabalho.

O noticiario da mesma folha, do dia 30, disse ainda:

—A nova composição dramatica do Sur. Dr. Mucedo, já tem dado enchentes successivas ao Gymnasio.

Dissemos que a execução por parte dos artistas tem sido excellente e esmerada. Convém acrescentar que a ordenação scenica não foi feita com menos cuidado: As vistas do Jardim Botânico e da chacara em S. Clemente são de muito effeito.

Se o publico continuar a animar os autores e os artistas é provavel que finalmente se alcance crear um repertorio nacional e actores que saibam fallar a sua lingua.

Tudo depende da sua coadjuvação.

Sob o titulo *Varietade*, o *Jornal do Commercio* publicou o seguinte artigo:

—*Luxo e Vaidade*. — Ainda ha mui poucos annos era o theatro entre nós como que o enxerto de arvore estrangeira em tronco nacional. Admirava-se pela exquisitez. Era um regalo sem consequencias, uma escola sem discipulos, uma religião sem sacerdotes.

O theatro eternamente provisório, e o theatro *normal* de S. Pedro, faziam as delicias da alta e baixa sociedade fluminense. A musica tinha lá o seu templo, a arte dramatica tinha aqui o seu horto de agonia.

Os dinheirosos entendidos ou não (isso pouco importa), engolphavam-se na maravilha de um arriscado *dó* do peito, enquanto que o vulgacho, ávido de sensações monstruosas e situações horripilantes, tripudeava vermelho e contente vendo o traidor á patria retirar-se do tribunal supremo para ir pernear na cruzeta da forca, ou o christão novo levantar-se cabisbaixo do banco da inquisição para se ir purificar na santa fogueira dominicana.

E era isto o que se chamava theatro, porque ninguem fazia obra pelas representações fugitivas que se davam em outros theatros de segunda ordem.

O costume tornou-se habito, e deste nasceu a necessidade. Cresceram pois os frequentadores, e estafou-se a arte. Enlangueceu a coitada, porque lhe pediam muita força, e ella mal podia satisfazer aos impetos entusiasticos do poviléo.

Foi por esses tempos que se estancaram os mais vastos repositórios, os grandes repertórios dos autores estrangeiros. O proprio Mendes Leal não tinha obra feita para tanta furia; os traductores de fancia arrearavam com a carga de tanta encomenda.

E enquanto assim regorgitava a ancia, desfallecera a arte, a verdadeira arte que não arma, aos *hourras* das turbas ignaras e sedentas de sangue e de calções, de borzeguins e de masmorras.

O theatro dramatico tornara-se, com raras excepções, o *refugium peccatorum* de todos os que se convenciam cá fóra da sua redonda inaptidão para tudo. O genio não os inspirava, a vocação não os impellia, a educação não os ajudava. ., Não ganhar o pão de cada dia, extorcendo as composições, muitas vezes mimosas, de autores ausentes que não podiam oppôr o seu *veto* ao estrangulamento de sua obra. Queimavam em estatua uma reputação litteraria, mas viviam... Era isto uma idéa util, mesmo aproveitavel, se porventura se pudesse tomar o theatro como um asylo de invalidos.

E era este andar para traz que suffocava o estímulo nos homens de talento do Brasil. Não conheciam interpretes conscienciosos, e temiam elles entregar o papel de rei a quem nasceu com instinctos de criado de taverna. Eram pois justos os receios. A obra sahiria enfeitada e limpa das mãos do autor, para ir excruciar nas taboas do palco.

Grande temporada levou esse estado anormal, e raras vezes, durante o interregno bastardo, os annuncios dos jornaes ou os cartazes de esquina inculcavam uma composição nacional.

Estavam sempre fresco o sangue de *Ignez de Castro*, sempre acesas as fogueiras dos *Dous Renegados*, sempre latentes as blasphemias do *Judéo*. As platéas meio *canibales* regalavam-se naquelles festins. Os arrancos das victimas eram aparados nas palmas do espectador de então...

Drama sem sarrabulho era indigesto, comedia sem bathalha monotona, farça sem obscenidade intoleravel. Devia levar muito tempo pois a descascar um paladar assim sarroso, e levou.

Afinal o espectador foi se tornando pouco e pouco mais

exigente. Ouvia dizer o que havia lá fóra e queria ver o mesmo em casa. Principiou a arte a reabilitar-se, e tornou-se religião. Os primeiros artistas crearam-se sacerdotes della, e como toda a religião tem seus *sacrificios* necessarios, fóram os maiores *sacrificando* os menores, estes, os peqnenos, até expellir do templo, os mercadores da nova seita, os parvos que, tendo dous braços para ajudar cá fóra a lavoura necessitada, não possuíam cabeça que os ageitasse a dar um recado lá dentro !

Mondada a ervilhaca, e esbaganhado o campo, ficou só o que podia dar fructo são. Foi então que não raros moços de talento leváram as suas primicias á censura do conservatorio. De lá subiam ellas ao palco, e victoriava-se o autor e o artista. Era de um lado o effeito reaccionario da regeneração da arte, que festejava a boa vinda de nova aurora ; era do outro, o gemido impotente da escola que resvalava para o fim. Ia desaparecendo o vicio, e implantava-se suavemente a verdade.

Os autores acharam quem os comprehendesse, e escreveram. Uma companhia mais conscienciosa encarregou-se da execução d'essas composições, e o pequeno Gymnasio principiou a ser o primeiro regulador do progresso da arte, escrevendo d'este modo a letra inicial do epitaphio da escola que primava em venenos corrosivos, em adagas mouriscas, e em *ohs !* e *ahs !*

O verdadeiro drama invadio o drama *fossil*, e o realismo fez aguar as dessoradas composições que, seja dito entre parenthesis, tinham sempre por fim difficultar o casamento do illustre protagonista.

Foi depois d'esta salutar reacção que J. Alencar escreveu o *Demonio Familiar*, copia fidelissima, ainda mal, dos costumes e habitos da nossa sociedade. Seguiram-se outras composições do mesmo autor e de varios outros, forcejando todos por apresentarem, com a incorrecção de uma machina de Daguerre, as feições mais salientes, graves ou ridiculas, francas ou tacanhas, dos nossos irmãos homens e das nossas irmã mulheres.

Conseguiram-o sempre, porque havia originaes á larga,

especialmente de gente ridícula e de gente tacanha. O drama intimo passou-se das salas e das alcovas para as taboas do palco, onde se principiou a applicar methodicamente o correctivo necessario.

O Dr. Macedo veio por sua vez concorrer com o grande quinhão de sua intelligencia para a boa obra nacional, para a innovação da verdadeira arte dramatica, fazendo representar no mesmo Gymnasio a sua comedia original em cinco actos *Luxo e Vaidade*.

Esperámos de proposito para segunda representação para não precipitarmos nosso juizo.

A acção da comedia é toda natural, suave e sem o *deus ex-machina* dos dramas de *effeito*. E' uma revelação feita em publico do que se passa em segredo dentro das portas de muitas casas nossas conhecidas. E' uma verdade simples, moldada sobre um milhão de factos identicos. E' a *acta* do que se está passando em nossos dias.

Foi facil ao autor do *Luxo e Vaidade* encontrar um empregado publico chamado Mauricio, que pagava de aluguel de casa mais do que os cofres do Estado lhe davam pelo seu trabalho e pelo seu patriotismo. Hortensia, mulher do empregado, é uma d'essas muitas atiradas a fidalgonas, que morre por competir em galas e sedas com as suas *amigas* endinheiradas, e leva, todo o tempo roubado ás festas, em scismar muito seriamente no modo de perder o marido. Este ditoso par tem uma linda filha chamada Leonina, que abomina com toda a candura do seu coração o poviléo rasteiro que a requêsta, porque seus pais affirmaram-lhe que ella era uma fidalga dos quatro costados, e vergonhea illustre de um tronco que não conhece nem desvio de bastardia, nem ramo de bacello. E' por isto que a linda Leonina desmaia razoavelmente quando a sua má estrella lhe depara um tio marceneiro, mas marceneiro de peito de madeira de lei, como o affirma o autor.

O marceneiro era o pesadello de Hortensia, o terror de Mauricio, a vergonha para Leonina, emfim, Felisberto era vergonha da familia. . .

Apezar disto porém, e apagados todos os vestigios que

podiam avermelhar o sangue azul do illustre Mauricio; os bailes, os jantares, os passeios succederam-se uns após outros. O empregado continuou a contrahir dividas sob a palavra sagrada da honra, e acabando-se breve o cadastro do credito, tomou compromissos impossiveis de resgatar, até que foi descendo onde estão os estellionatarios... Era o *abyssus abyssum invocat*.

Chegando até tão baixo, era necessario um meio enérgico para evitar que os convivas dos jantares e os campanheiros do camarote do theatro ignorassem sempre sua *infelicidade*. Apareceu o meio salvador. A filha era formosa, devia se especular com o corpo. Pôl-o pois em venda, e prometeu-o ao commendador Pereira, homem endinheirado, e pelo menos tão fidalgo como a esposa que lhe vendia o empregado. A carteira do commendador era a taboa dos naufragos do... luxo e da vaidade. Leonina, não podendo lutar com os rogos do pai e com as lagrimas de sua mãe, entregar-se-hia, embora fria como uma estatua, nos braços brutos do *vaporoso* commendador, se lhe não andasse em roda, como anjo custodio, um tio roceiro, chamado Anastacio, que chegou na melhor occasião possivel.

Este Anastacio era o terror de toda-aquella gente. Principou logo no primeiro acto da comedia a profligar o luxo e a vaidade. Educado na côrte, porém fóra della ha dezoito annos, ignorava o convénio que os homens e as mulheres da boa sociedade fizeram entre si, de se dilacerarem reciprocamente, salvando sempre as conveniencias prescriptas. O roceiro não é desses. Desconhecendo os effeitos beneficos da civilisação, diz elle que quem tem dous e gasta tres é ladrão, que quem diz o que não pensa mente, e que quem deseja ser o que não póde, ou é tolo ou pelo menos... parvo.

Sabia-lhe pois tudo ao revez ao bom Mauricio: pudera! e elle, que é moralista ás direitas, vio-se na necessidade de aproveitar os cinco actos da comedia para dizer muito mais do qua disse Larraga nos seus tres volumes sobre costumes. Um baile para elle é uma reunião de mascarados, cada convidado traz afivelada uma mascara que muda de fórma, de côr e de fei-

ções á vontade do *portador*: negra quando atraicôa, risonha quando seduz, grave quando mente. Diz elle, apontando parê um baile que fervia nas salas de seu irmão. « Alli dentro, a inveja derrama veneno, a traição forja ciladas, a calumnia despedaça reputações, a corrupção propaga-se, a hypocrisia triumphá, e melhor e mais sublime que tudo isso, a miseria contradansa e o calotismo dança a polka ».

Vê-se por aqui a tempera do roceiro. Pernilongo de casaca que lhe zumbisse perto levava uma tirada contra a immoralidade que sahia derreado; mulher espevitada ou hypocrita ouvia em linguagem rude e severa uma ladainha de apostrophes virulentas, que principiando na mulher ia acabar na modista que a encastôra dentro de um collete de criança.

Mas que alma generosa não tem o roceiro! Sabendo que o filho de seu irmão marceneiro amava Leonina; sabendo que ella o amaria tambem se elle não fôsse um artista... consegue depois de muito trabalho e de muito sermão deixal-os casados e felizes, ajudando até a raptar a sobrinha.

Mas isto é só no fim, só depois de ver Máuricio e sua mulher pobres como Job, e abandonados como cães leprosos. Quiz vel-os tragar o fel da miseria, quiz que seu irmão e sua cunhada se consubstanciassem com a pobreza; quiz enfim, ver entrar o honrado marceneiro pela casa já de telha vã, e trazer nãs mãos callosas o suor de todo o seu trabalho, o pequeno peculio que reservava para seu filho!

E' então que o roceiro mostra o para que serve. Restitue ao irmão e á cunhada a sobrinha casada com o artista, dá um abraço no marceneiro, e rehabilita de novo uma familia que poderia ser honesta e feliz se o demonio do luxo e da vaidade não viesse sentar-se-lhe na soleira da porta.

Eis o principal enredo da comedia do Sr. Macedo. Conhece-se a *trivialidade* do assumpto, e dirá muita gente que para se ver aquillo não é preciso ir ao theatro. Cá fóra conhecem-se pelos verdadeiros nomes. Será assim, porém é aquella mesma naturalidade, aquella mesma ver-

dade que constituem uma das incontestaveis bellezas da obra.

Ha só uma grande differença; o *Luxo* e a *Vaidade* deveriam fazer descer de degráo em degráo aquella familia, até parar Deus sabe até onde... se não fósse o parente rico que veio salvar-os. Ainda foi feliz. Ha muitas que não teem parentes ricos; cahindo, não se levantarão mais...

A execução por parte dos artistas devia satisfazer completamente o autor. Os principaes papeis foram devidamente interpretados.

A companhia Dramatica Nacional prestará incontestavel serviço á verdadeira arte dramatica, se continuar assim. E deve continuar. Tem todos os elementos consigo.

Só agora me recordo da grande difficuldade que venci. Fallar de uma comedia e do theatro, sem desenterrar as tragedias de Sophocles e todo o resto do theatro grego!

Perdi assim uma excellente occasião de ser sublimemente intelligivel.

Paciencia...

F. C.

No dia 2 de Outubro, em um folhetim especial, o *Diario do Rio* publicou o seguinte sobre o *Luxo e Vaidade*:

.

Luxo e Vaidade é uma comedia que em mais de uma scena humedece os olhos do homem honesto, e convulsa o labio da mãe de familia.

E' um quadro severo, muito severo, mas terrivelmente verdadeiro de uma face da sociedade brasileira, ou antes, da sociedade fluminense.

O enredo é simples como um facta da vida commum.

Não ha typos impossiveis ou personagens de convenção.

Os modelos do poeta conhece-os o espectador, tem-os encontrado cem vezes em toda parte. Não lhe sabe dos nomes, mas lembra-se bem das figuras, da linguagem que

fallavam, dos sentimentos de que faziam praça. Viu-os e ouviu-os.

Essa indignação que abala o roceiro Anastacio ante as torpezas de uma sociedade corrompida que se compraz no triumpho do crime e na espoliação da honestidade, todo o espectador que tem coração, lembra-se tambem que a resentiu mil vezes a referver-lhe na alma com violencia, quando teve de ser, senão complice, ao menos espectador mudo dessas scenas de escandalosa miseria moral com que a sociedade moderna vai disvirtuando as suas conquistas.

O poeta quiz dar, e deu, uma lição de mestre. Foi uma nobre desforra que tirou da injuria que lhe lançaram ao rosto por ter cumprido o seu dever.

Em toda a obra litteraria, diz Tœpffer, ha trez cousas a attender — o autor, o assumpto e o publico.

O Snr. Dr. Macedo é uma alta consciencia litteraria, um homem de crenças firmes e idéas progressistas, que n'um longo tirocinio litterario, apesar de não ser velho em idade, ainda não desmentiu uma só vez. Nelle, se se admira o homem intelligente, é preciso admirar ainda mais o homem moral.

Nas suas obras, nas mais sérias como nas mais ligeiras, ha sempre um fundô de moralidade, um cunho de individualismo litterario e philosophico, que ás vezes affecta um deleixo de fôrma que os mais severos criticam, mas que tem sempre como alvo o fazer-se entendido pelos pequenos e humildes.

Prosador ou poeta, o Sr. Dr. Macedo, quer moralisar ou instruir, e cura menos muitas vezes da sua reputação litteraria, do que de alcançar o fito constante de todos os seus já numerosos escriptos.

Até hoje, com excepção da *Carteira de meu Tio*, o autor da *Nebulosa* offerecera sempre ao menino-povo a beberagem salutar que tem de melhorar-lhe o coração e o espirito como o recommenda Tasso, na sua formosa e bem conhecida oitava.

No *Luxo e Vaidade* pôz o poeta de parte a delicada e, ás vezes, timida reserva a que habituára os seus assíduos

leitores, e elevou-se á altura de uma verdadeira missão social.

A sua comedia marcará para o futuro um triste periodo da nossa sociedade, porque a sua obra terá sido em um momento dado, um quadro fidelissimo dessa mesma situação.

Já o dissemos, o autor não foi buscar os seus personagens ao quadro imaginario das creações poeticas. Copiou do vivo e sem carregar os traços.

O seu *realismo* pareceu a alguns exagerado por verdadeiro de mais.

Antes fôsse assim, porque não estaria tão gangrenada a sociedade a quem cabem allusões tão bem talhadas.

Tambem no tempo de Molière se atirou a pecha de exageração ás — *Preciosas ridiculas*, ao *Peão Fidalgo* e ao *Tartufo*. Chegou, porém, o juizo da posteridade e ante ella ganhou o poeta o seu processo contra o ridiculo e contra a hypocrisia.

O sempre lembrado Penna, no seu estylo faceto e popular, já havia osboçado alguns quadros dos nossos costumes a que não falta por certo, colorido de verdade.

Com mão de mestre tocou o Snr. Dr. J. de Alencar em duas das nossas chagas sociaes mais profundas, nas suas bellas composições *O demonio familiar*, as *Azas de um anjo*, e n'outra, a melhor de todas, que não nos é dado nomear.

O Snr. Dr. Macedo, que já traçara no seu *Fantasma Branco*, scenas do nossos costumes amenas e risonhas, mas que nos seus romances, *A Rosa*, *Vicentina*, *Os Dous Amores*, *O Moço Loiro* e na *Carteira de meu Tio*, fizera a critica severa desses mesmos costumes, pondo em scena typos menos puros e sympathicos que os de suas primeiras composições, continuou agora no theatro a sua obra de censor.

A sua nova composição retrata com o buril incisivo da verdade, uma grande praga social de todos os tempos, — a vaidade da pobreza que se envergonha de ser honesta para, a custa do descredito e até do crime, comprar alguns

trapos dourados com que possa hombrear com a vaidade rica e afidalgada.

Mauricio, o empregado publico fraco que se deixa governar pela mulher; Hortensia, a esposa vaidosa que compromette o marido; Leonina, a menina a quem seus pais estragam de mimos enchendo-lhe a cabeça de pretensões ridiculas; o commendador Pereira, natureza brutal e egoista infatuado de sua riqueza e da sua fidalguia improvisada — vilão ruim com ares de homem de bem; Felisberto, o operario laborioso e honrado; Henrique, o artista generoso e nobre; Fabiana, a mulher intrigante e vingativa; Reinaldo o militar sem brio e dignidade, mas namorado e pretencioso; Frederico, o libertino; Felippa, a moça leviana e invejosa; finalmente Anastacio, o roceiro rabugento, censor implacavel dos erros e desvios sociaes, amigo franco e dedicado, mas mestre que não perdoa se não depois da humilhação do culpado, são typos medidos pelo escalão da verdade, e que gyram no quadro traçado pelo poeta, como na vida commum. Sómente vistos pelo espectador em escorço parecem mais agglomerados do que andam habitualmente.

Attingio o autor o alvo que se propoz dirigindo-se á platéa?

Devem affirmal-o as enchentes que tem tido o Gymnasio e os applausos ora commovidos, ora espontaneos e ruidosamente alegres, com que fôram entendidas e applaudidas as menores intenções do escriptor.

Luxo e Vaidade é uma bella composição, que não está isenta de defeitos, mas que com alguns retoques ficaria sem senão.

O Dr. Macedo, escrevendo-a, fez um mimo ás letras e deu uma lição mestra aos fidalgotes da Praia Vermelha, que desprezam o talento honesto e só respeitam as ambições desleaes que, á custa da indignidade sobre indignidade, chegam ou ás posições elevadas, ou a essa riqueza indecorosa. fructo de transacções deshonestas.

A cadêa de fuzis financeiros que ultimamente desfechou sobre a nossa praça, ainda dá ao drama do Dr. Macedo um grande merito de circumstancia. E' bom ouvir os conselhos do velho Anastacio e meditar nelles; talvez que al-

gum mancebo tresloucado ainda tenha tempo de arripiar carreira.

H. M.

Lê-se no *Entreacto* de 5 de Outubro:

— *Luxo e Vanidade*. — O que é o realismo?

Aristoteles no seu tratado de poetica divide as artes de imitação em trez séries: a exaggeração em bem, a fidelidade e a exaggeração em mal, ou antes: o ideal, a verdade e o realismo.

Nesta aceção a escola realista não é nem mais nem menos do que a caricatura da arte dramatica.

Será assim ? Não sei.

Nas horas de estudo devoro ás vezes alguns desses livros da actualidade, livros preciosos soffregamente procurados pelos cultores da litteratura, e depois, não podendo comprehendel-os, atiro-os a um canto, tão agastado como um charadista que esbarra diante de um conceito.

Parece-me sempre que uns e outros, amigos e inimigos da nova escola, debatem uma simples questão de palavras, porquanto não diviso qual a differença entre a idéa reformadora e a reformada.

George Sand, prevendo que a litteratura, pela derrota que seguia, ia em breve passar por uma transição, escreveu no começo do drama *Champy*: « Haverá uma escola nova, que não será nem classica, nem romantica, mas que sem duvida sabirá do romantismo, como a verdade sahe mais immediatamente da agitação dos vivos do que do somno dos mortos. »

A escola formou-se e foi chamada *realista*.

Conclui pela denominação que os reformadores, conhecendo que a missão do drama era moralisar, e que nada aproveitava ás platéas a exhibição de vicios e virtudes imaginarias ou impossiveis no seculo em que escreviam, desprezavam as fantasias de seus antepassados, e só apresentavam ao publico as scenas da vida real, os vicios e virtudes da geração coheva.

A idéa era digna do premio Monthion; mas foi ella executada? Não.

Em vez de considerarem o realismo como um espelho que retrata fielmente nossa sociedade, mostrando os homens de hoje, taes quaes elles são, os sectarios do modernismo só se deram ao trabalho de vestir um heróe antigo com a pelle de um João Fernandes Moderno. A nova escola transformou-se em uma mascarada da antiga; o realismo constituiu-se romantismo applicado; os entes imaginarios conservaram-se na mesma altura, e só baixaram passageiramente á terra para trocarem as aureolas dos genios por chapéos Pinaud e os carros triumphaes dos heróes, por tylburis da praça.

Os corações, ás paixões não mudaram; a exaggeração conservou-se sempre a mesma.

Onde está pois a decantada realidade?

Luxo e Vaidade resente-se dessa exaggeração. Todas as paixões são apresentadas ao espectador através de um vidro de augmento. O espirito de fidalguia principalmente, attinge no primeiro acto a proporções descommunes, o que é tanto mais para estranhar quanto, além de prejudicar á *realidade* do drama, é nelle desnecessario, por isso que não contribue para seu desenvolvimento e desfecho final.

O luxo, a mania de despende mais do que podia, a vaidade de hobrear com os opulentos, fôram os erros que reduziram o empregado publico á miseria. A fidalguia do commendador e da mãe de Leonina são meros pretextos creados para darem lugar a trez ou quatro dissertações do Desgenais roceiro.

No primeiro acto, o commendador apparece em scena para narrar o casamento *escandaloso* de uma fidalga de *sangue puro como o de um cavallo arabe*. Esta comparação de *boleiro*, como confessa o autor, dá a entender que aquelle mesmo que a emprega não preza muito o sangue azul. E depois desta scena, pouco natural entre nós, tudo volta a seus eixos; o commendador mostra-se homem de dinheiro, que calcula qual vale mais, se a mulher com quem quer casar, ou se trez contos de réis que lhe deve seu futuro sogro; o empregado publico em todo o drama

não profere uma só palavra por onde se revele fidalgo; Leonina, a enfatuada que chora de vergonha por saber que tem um primo pintor; sua mãe, a presumida que desmaia quando vê seu cunhado marceneiro, soffrem uma transformação completa nos actos subsequentes, chegando mesmo aquella a desejar ardentemente unir-se ao pintor, e esta a consentir na união.

E no segundo, terceiro, quarto e quinto actos, o drama corre suave e naturalmente sem se servir mais uma só vez da fidalguia, nem mesmo incidentalmente. Ella era pois desnecessaria.

O papel de Desgenais é tambem carregado de mais. Bem podia o tio roceiro, sem prejuizo da peça e com vantagem para espectadores e actores, guardar algumas vezes a palmtoria no bolso. Elle absorve todo o interesse, reduzindo o drama a uma aria com coros.

Os outros personagens não teem vida propria, são-lhe subordinados, vivem para elle, teem vicios para que não falte occasião de censurar.

A scena dos dous criados no primeiro acto, além de ser copiada da escola antiga, pecca por falta de verosimilhança. O autor esqueceu que Fanny não é criada de servir como Petit, mas sim uma dama de companhia, uma professora de inglez.

Finalmente, no seu todo o *Luxo e Vaidade* resente-se de falta de animação; não é um drama, é um curso de moral em cinco lições.

Censurei sem rebuço o que me pareceu máo; passarei agora a elogiar o que entendo ser bom na composição do Snr. Dr. Macedo; mas não serei longo para evitar a repetição do panegyrico feito por todas as folhas diarias.

Van Ostade dizia: « Esta chapa de cobre vale agora o que pesa em cobre; mas quando eu a tiver rabiscado valerá o que pesa em ouro. » E' a partilha da intelligência.

O Snr. Dr. Macedo póde, *mutatis mutandis*, dizer o mesmo.

N'um assumpto por demais explorado elle sabe descobrir novas bellezas, novas minas de onde extrahe grande quantidade de metal precioso. Um motivo já gasto, e que

parece nada mais valer, vale muito depois de desenvolvido pela sua fertil intelligencia.

A idéa primordial do seu drama não é nova: no entanto quanta belleza desconhecida para o publico revelou nelle o autor? E para patenteal-as, quantas idéas originaes, quanto espirito no dialogo?

Sinto ter de parar aqui a breve analyse da producção do Sr. Dr. Macedo.

Na *Revista Popular* do dia 15 de Outubro, a chronica da quinzena deu a respeito, o seguinte:

— Prometti dar-vos um esboço da nova comedia do Dr. Macedo, e vou cumprir a minha promessa, tão satisfeito, quão agradável me tem sido o acolhimento, com que o publico tem recebido a excellenter composição nacional.

A acção da comedia, desde que ella começa, até que finda, é cheia de naturalidade; corre placida e suavemente, sem tropeçar nos lances dramaticos, sedicões e conhecidos, que já não sorprehendem o espectador, nem o fazem cahir das núvens do impossivel. E' uma séria não interrompida de scenas familiares, de scenas, a que todos os dias se presta a nossa sociedade, e que, por serem uma e muitas vezes reproduzidas, nada perdem do seu merecimento, quando são narradas por um critico inoffensivo.

Mauricio é um empregado publico, que não tem outro rendimento senão o parco ordenado com que o Estado paga o trabalho bom ou máo dos seus servidóres; entretanto, só o aluguel da casa absorve toda a sua receita, e abre espaço a um *deficit* sempre crescente. Hortensia, sua mulher, tem pronunciada quédia para a fidalguia, e acredita, que o sangue que lhe corre nas veias é do mais perfeito azul; por isso, detesta a *plebe*, e arrastando sedas e rendas, não hombra senão com a nobreza, e deste modo prepara a ruina do marido, máo calculista.

O *feliz* casal educa a seu geito uma filha, linda menina, que na pia baptismal recebeu o nome de Leonina; ensina-a a olhar com desprezo para essa planta parasita de seiva avermelhada, a que chamam *povo*, e diz-lhe que os verdadeiros fidalgos não admittem *mescla* no seu sangue preclaro. Se os mestres são bons, melhor é a discipula. Leonina tem sempre á mão um faniquito para obsequiar a seu tio Felisberto, honrado marceneiro, cujo peito, segundo assegura o Dr. Macedo, é forrado de madeira de lei.

Para esquecer essa nodoa, que afeia o seu brazão, Mauricio dá partidas e jantares consecutivos, sua cara metade perde o habito de andar a pé, e a pequena não sahe a passeio com o mesmo vestido, de que se servira na vespera. Emquanto a palavra do empregado foi sufficiente garantia para as suas despezas despropositadas, o credito suppriu todas as exigencias da louca ostentação; porém logo que começou a ser recusada por tinir falso, succederam-se os compromissos irrealisaveis, o devedor prendeu-se nas tramas da usura, arriscou a honra, perdeu o equilibrio social, e precipitou-se no abysmo do estellionato.

Que lhe cumpria fazer para fugir ao banco dos réos, para furtar-se á diffamação de uma sentença? Despedir os *amigos* que o rodeavam, negar-lhes um jantar, um sarão por elles tão apreciado, era uma *vergonha*, era lutar com o impossivel. Que meios, pois, empregaria para salvar-se? Ah! Mauricio tinha uma filha, bella como um anjo, e ella podia, ella devia soccorrel-o, ainda contra a vontade, embora fôsse infeliz!

Os dotes, com que a natureza brindou Leonina, fôram postos em hasta; o luxo e a vaidade precisavam salvar-se, e uma carteira dinheirosa bastava para operar o milagre. O commendador Pereira cobriu todos os lances; seu cofre de ferro, sem duvida mais eloquente do que elle, encerrava titulos de nobreza capazes de avassalar com gerações de fidalgos, incluida a de Hortensia.

Leonina já se dispunha ao sacrificio; as supplicas de seu pai e o pranto materno correram um véo por sobre

as illusões da pobre menina, e não conduzi-a ao altar expiatorio, quando um Snr. Anastacio, roceiro austero, veio em seu auxilio.

Este roceiro é irmão de Mauricio e o seu mais implacavel Cabrião. Retirado do bulicio da Córte, empregou o seu tempo em revolver a terra e tirar vantagem da sua prodigalidade; nas horas vagas, estudou o mundo, e a cada objecto deu o seu verdadeiro nome. Para elle, quem gasta mais do que possui, é velhaco; quem chora, quando deve rir, é hypocrita; quem ri, quando deve chorar, é idiota.

Acostumado a moralisar todos os actos da vida humana, não póde conter-se ante os desvarios do empregado publico. Ferro em braza applicado ás chagas sangrentas do estellionatario, fazia-o estorcer-se a todo o momento, e quando este, para encobrir as contorsões do rosto, servia-se da mascara do infortunio, de prompto elle lh'a arrancava, e a reduzia a pedaços. « Naquelle sala, disse Anastacio apostrophando um baile dado por seu irmão, a miseria contradansa com a hypocrisia, e o calote polka com a corrupção. »

Entretanto o habitante das mattas não tem máo coração. Diferente dos criticos que dizem mal sómente pelo gosto de nada julgarem bom, soube que um sobrinho, filho de seu irmão marceneiro, morria de amores por Leonina, e que esta corresponderia ao seu affecto, se elle se inculcasse nobre. Trabalhando dia e noite, manejaudo á direita e á esquerda o latego do sarcasmo, conseguiu ver casados os seus dous protegidos, tendo-se prestado ao rapto da sobrinha.

Mauricio e Hortensia são chegados aos ultimos apuros da miseria, e vivem abandonados. Não houve privação, que os poupasse; a mendicidade ia ser o seu unico recurso, quando Felisberto os vem procurar para com elles repartir o fructo da industria; Felisberto, que tambem ignorava o que era feito de seu filho!

Então Anastacio appareceu, e entrega aos ex-fidalgos a sua Leonina, que desposara o primo artista; aperta nos braços o caridoso marceneiro, e tira do pó uma parte de sua

familia, que viveria remediada se não fôsse seduzida pelos dous inimigos da honestidade e da ventura, o — Luxo e a Vaidade,

CARLOS.

— As *Marmotas* dos dias, 2, 5, 9, 16, 23, 26, 27 de Outubro e 20 de Novembro, publicaram o seguinte:

O *Luxo e Vaidade*. Assistimos sexta-feira, 28, á segunda representação do novo drama do nosso amigo o Snr. Dr. J. M. de Macedo.

O theatro—*Gymnasio Dramatico*— que o levou á scena pela primeira vez, domingo 23 do corrente, tinha uma *enehente* completa quer de homens, quer de senhoras.

O — *Luxo e Vaidade* — não se pôde dizer que seja uma peça de acção verdadeiramente dramatica; é um romance moral e divertido posto em scena, e seu titulo tanto pôde ser *Luxo e Vaidade* como — *Azorraque social*; porque os factos de todos os dias ahi apparecem frisantes aos olhos do espectador, e as verdades amargas, *nias* e *crúas*, são tão descarnadas, que não ha uma só pessoa da platêa que não as comprehenda: o calor da scena chega algumas vezes ás faces dos assistentes!

O Snr. Dr. Macedo serviu-se para o — *Luxo e Vaidade*— de alguns personagens da sua tão popular e tão bem conceituada *Vicentina*: a Fabiana ahi está com todos os seus vicios de corruptora e de intrigante, já por interesse, já por vingança; ahi está a filha; ahi está o Dr. Benedicto; o Americo; o Frederico e a propria *Louca da Ermida* na pessoa de Anastacio.

A peça, que muito agradou, e que é de esperar que muito agrade ainda e por muito tempo, por ser um quadro de — *Virtude, moral e bons costumes*— apesar de ser pintado com muito vivas côres, por ter o Snr. Dr. Macedo, talvez de proposito, escolhido para formal-o um lapis não muito fino, um pincel não muito delicado; é uma peça para o povo, e o povo gosta de vê-la e de ouvil-a, e entusiasticamente a aprecia, porque a comprehende sem esforço.

Quem conhece o Snr. Dr. Macedo, quem está ao facto

de suas composições, não sabendo de quem era essa de que nos occupamos, diria logo: é d'elle—o *estyllo é o homem*.

Conheceis a *Carteira de meu Tio*? agrada-vos o que ahí se diz? Pois ide ver o *Luxo e Vaidade*, que achareis n'elle as mesmas verdades, o mesmo sentimento de patriotismo, o mesmo interesse pelo bem publico, o mesmo amor da patria; emfim, o proprio Snr. Dr. Macedo, sempre do mesmo modo e em tudo sempre o *mesmo homem*.

O que a natureza dá
Não ha quem possa mudar.

O fim do facéto escriptor da *Semana* é apresentar aos olhos do povo o *Labyrintho* das cousas desta vida em uma sociedade mal organisada, onde tudo anda fóra de seus eixos, por isso que não ha senão—enganados e enganadores.

Em resumo, o drama é uma lição de moral dada por um velho bom, consciencioso, mas rabujento e ralhador, que quer corrigir á força de sermões um irmão empregado publico, mas fraco, condescendente e desperdiçado, que, seduzido pelo *luxo* e arrastado pela *vaidade* de sua sua mulher (Pobres mulheres!..), individua-se até mesmo ao ponto de tornar-se criminoso, sacrificando, para salvar-se, uma filha innocente e digna de melhor sorte,

A atmospherá em que Mauricio e sua mulher gostam de viver, é uma atmospherá empestada, porque, sendo plebeus, verdadeiros *páos de laranjeira*, querem ser fidalgos; *parecer o que não são*, cercando-se de falsos amigos, lançando fóra de casa um homem de bem, um parente proximo, *só porque é marceneiro*, e isto para que a filha, enfatuadamente educada, despreze tambem o amor de um primo talentoso e honesto, *só porque é pintor*, e aspire a casar: mas com quem? com o Marquez de *Salsa-parrilha*, com o Conde de *Xarope do Bosque*, com o Barão de *Tisana solutiva* e outros deste lote, como a fidalguia de Faustino I, no Imperio de *uma só duração*.

Mais de espaço nos occuparemos desta nova composição e mais seriamente,

Todo o mundo, se fôsse possivel, devia ir ao Gymnasio

Dramatico ver o *Luxo e Vaidade* ! Ha muito que vêr, muito que ouvir, muito de que rir e tambem muito de que—*corar e chorar* !

Não ha louvores que bastem á— Companhia Dramatica Nacional—pelo gosto com que metteu o drama em scena, fazendo até sacrificios para decoral-o convenientemente, sobretudo na — *vista do Jardim Botanico*—que é pena não poder como tal ser apreciada; quizeramos que fôsse mais localisada, isto é, do ponto de vista de um lugar mais popular, conhecido como parte *essencial* do dito—Jardim.

Todos os actores e actrizes estão bem em scena, desde o criado *Petit* até o Aristarco *Anastacio*, que, quanto a nós, repete em demasia as palavras—amor e patria—luxo e vaidade—virtude e vicio—propósito, talvez, do autor.

Todos bem comprehenderam seus papeis, e ainda melhor o executaram, ha uniformidade, ha mesmo afinção, salvo uma ou outra nota que sôa fóra do tom.

Parabens ao publico! Parabens ao Sur. Dr. Macedo!
Parabens ao *Gymnasio Dramatico*.

PAULA BRITO.

LUXO E VAIDADE.

Poesia offerecida á Snra. D. Adelaide Christina da Silva Amaral, que tão bem e fielmente desempenhou o interessante papel de *Leonina*.

Eu vi um moço no *Club*
A quem consagrei amor,
Que em nada se parecia
Com um artista *Pintor*.

Como fidalga educada
Neste Rio de Janeiro.
Nem me era dado encarar
A filha de um *Marceneiro*!

Só do *Luxo* e da *Vaidade*
Engolfada no esplendor,
Nunca pensei, nem sonhando,
Ter um amante *Pintor!*

Do abysmo em que me lançava,
Sem ver o despenhadeiró,
Amei, sem saber que amava
O filho de um *Marceneiro!*

Mas quem me tinha educado,
Dando aos caprichos valor,
Esposa me não quèria
Nem do mais habil *Pintor.*

Eu vira pôr-se na rua
Um homem bom, verdadeiro,
Porque não cheirasse a casa
A verniz de *Marceneiro.*

Assim, assaz humilhado
Foi o meu primeiro amor,
Amando, sem saber como,
A um artista, um *Pintor.*

Da série de meus martyrios
Não foi este o paradeiro:
Dó meu querido *Pintor*
Era pai um *Marceneiro!*

O que diria a nobreza
De quem eu era o primor,
Sabendo que o meu amado
Era um amante *Pintor!*

Deixei-o... bem que sentisse
Por elle amor verdadeiro,
Pois amar eu não devia
O filho de um *Marceneiro.*

N'um bello dia me dizem
N'uma questão de calor:
«—Como podes ser fidalga
Tendo por Primo um *Pintor?* »

Desde então vim a saber
Que eu era, Deus verdadeiro!
Sendo a Prima do *Pintor*,
Sobrinha de *Marceneiro!*

Já não podia, nos bailes,
Trazer das rosas a côr,
Temendo que me dissessem
« Não pinta mal o *Pintor!* »

Diriam que, sendo artista
Meu amante cavalheiro,
Muito bem lhe estava a Prima,
Sobrinha de *Marceneiro*.

È as Presumidas, como etí,
De quem fui sempre o terror,
Diriam:—Tanta basofia
Cheira á colla de *Pintor!*

Se eu as epygrammasse,
Como fazia primeiro,
« Isso é (diriam ainda)
Cavaço de *Marceneiro!* »

A *Linguixa*, a *Lambisgoia*,
A *Bicuda*, a *Beija-flor*,
Fariam da minha vida
Uma loja de *Pintor!*

Aos pebleus eu causaria
O riso mais galhofeiro,
Sendo sempre para os uobres
Sobrinha de *Marceneiro!*

Um *futuro* de esperanças .
Deu-me um *presente* de horror!..
Tenho em frente dous phantasmas:
Um *Marceneiro* e um *Pintor*!
Desgraçada!.. De meus dias
Quem me dera o derradeiro!..
Meus labios só balbuciam
Marceneiro!.. *Marceneiro!*..

PAULA BRITO.

—A' respeito desta poesia escreveu o *Courrier du Brésil* de 14 de Outubro, as seguintes linhas:

Nous avons lu dans le *Mercantil* une jolie poesie intitulée:— *Luxe et Vanité* —, écrite en portugais par M. Paula Brito. Il paraît que la belle comédie *Luxe et Vaidade* de M. le Dr. Macedo a donné le mot d'ordre aux poètes.

Plusieurs ont modulé le sujet sur divers tons. La petite poesie que nous mentionnons est une véritable bijou du genre, d'une parfaite morale. M. Paula Brito, il faut le reconnaître hautement, est un écrivain aussi gracieux qu'infatigable, qui ne laisse échapper aucune occasion, soit par ses critiques, soit par ses poesies, de donner l'impulsion à la littérature nationale. Sa devise se trouve dans la forme de ses écrits: *utile dulci*.

TRADUÇÃO.

No *Courrier du Brésil* de 14 do corrente encontrei um trecho relativamente a uma poesia intitulada *Luxe e Vaidade*, estampada no *Mercantil*, que desejo reproduzir em portuguez, porque está de perfeito accordo com as minhas idéas.

E' o trecho o seguinte:

« Lêmos no *Mercantil* uma bonita poesia intitulada *Luxe e Vaidade*, escripta em portuguez pelo Snr. Paula Brito. Parece que a bella comedia do Snr. Dr. Macedo *Luxe e Vaidade* deu o almiré aos poetas.

« Alguns delles tem modulado o motivo sob diferentes

tons. A pequena poesia, a que nos referimos, é uma perola no seu genero, de perfeita moral. O Snr. Psula Brito, convem dizel-o altamente, é um escriptor que tanto tem de gracioso como de incansavel. Elle não perdo occasião, ou nas suas criticas ou nas suas poesias, de dar o impulso possivel á litteratura nacional. Sua divisa está na fórma de seus escriptos: — *utile dulci*. »

F. C.

— O *Luxo e Vaidade* — drama em cinco actos do Snr. Dr. Macedo, que teve oito representações *seguidas* no Gymnasio Dramatico, cousa não muito vulgar entre nós, e ainda mais *extraordinaria* na quadra em que nos achamos, continúa a estar na bérria.

Ainda bem que o nosso faccto romancista e acreditado dramaturgo salvou convenientemente o titulo de sua nova composição, pois não o fazendo, pelo modo porque o fez, não sabemos como, escrevendo S. S. para o theatro, e sendo o theatro *luxo*, havia de justificar o seu titulo! Mas elle, bicho de concha, que conhece os homens e as cousas, e sabe em que tempo vivemos e com quem lidamos, não esteve desta vez com *luxos*, e com pão a duas mãos, deu no *luxo* deveras!

Tambem assim devia ser. O *luxo* não é uma cousa *absolutamente* má; e, senão, vejamos o que dizem os melhores Lexicógraphos a respeito da palavra.

« LUXO, cousas de regalo, não *absolutamente* indispensaveis á vida; termo vago, porque é impossivel fixar a distincção entre as cousas necessarias, commodas, uteis e as de *luxo*. Em geral, *luxo* applica-se ás cousas agradaveis, de que só um numero mui limitado de individuos (aqui segurou-se elle; esta foi a ancora de sua salvação!) póde gozar. »

Quanto á *Vaidade* (que casal!) essa nada tem que a desculpe: é um vicio e vicio por força, porque:

« VAIDADE é a ostentação vã, é a vãgloria, a presumpção mal fundada » de modo que precisando o Snr. Dr. Macedo de um bello par, em que assentassem dous nomesinhos daquela qualidde, achou o Snr. *Mauricio* e

a Snra. *Hortensia*, que não era lá um par de gallietas, para de um fazer *Luxo* e da outra *Vaidade*.

Mas não sendo concordes as opiniões a respeito de ser a *Vaidade* produzida pelo *Luxo*, ou de ser o *Luxo* produzido pela *Vaidade*, o Snr. Dr. Macedo definiu isso *praticamente*, e, filho também da folha, dominado um bocadinho pelo espirito de classe, quero dizer de *empregado publico*, decidiu *ex-cathedra*, como professor que é, e descarregou tudo para cima da pobre Hortensia, ou antes collocou-a no carro de orgulho dos seus triumphos e de suas glorias, e pôz o pobre do marido nas varas a puxal-o como burro de carga, de sorte que, segundo o Snr. Dr. Macedo, o *Luxo* provém da *Vaidade* (da mulher), quando suppunha muita gente até aqui, que a *Vaidade* provinha do *Luxo* (do homem).

Como quer que seja, quanto á *Vaidade* estamos de accordo, que é condemnavel por todos os modos e por todos os principios, e em dar-lhe deveras fez o Snr. Dr. Macedo muito bem.

Quanto, porém, ao *Luxo*, se o autor do novo e tão apreciado drama não condemnasse o *Luxo*, não porque não possa haver *luxo*, não porque não seja elle convenientemente usado por quem o pôde ter, esta era a occasião em que o chamaríamos a contas para que nós provasse como, combatendo o *Luxo*, escreve para o theatro ! O *luxo* é a moça real do progresso.

O homem, porém, é das arabias, e não esteve com duvidas; não se contentou só em apresentar uma victima do *Luxo* e da *Vaidade*, apresentou quasi todas as figuras do seu drama,

« E, se mais mundo houvera, lá chegáral »
não lhe escapando nem o Commendador Pereira (o Snr. Graça), que se não fôsse tão vaidoso, não teria *luxo* a tal ponto de, velho, feio, careca e carcomido, querer casar com a bella, espirituosa (Snra. Adelaide), e engraçada *Leonina*. Para manter o *luxo*, que não podia ter, Mauricio (o Snr. Joaquim Augusto) se perde; *vaidosa*, para ver se o tinha como Hortensia (a Snra. Velluti), a Fabiana, a intrigante Fabiana (a Snra. Julia Heller),

faz seu complice o extravagante Frederico (Snr. Paiva) para que sua filha (a Snra. Eugenia Camara) venha a ser a predilecta do Commendador Pereira, o homem da burra, para quem o dinheiro é tudo, uma vez que, desprezado o Pintor celebre (Snr. Furtado Coelho) por ser filho do mestre Marceneiro (Snr. Moutinho), chegou ella a seus fins (*vaidade*) e tinha as grandezas (*luxo*) que tanto ambiciona para viver cercada de seus predilectos amigos (a Snra. Ludovina, E. Camara, os Snrs. Militão, Augusto, e outros), realisando-se o que desde o principio do drama fôra previsto pelo intelligente *Petit*, francez (Snr. Vasques), e pela habilissima professora ingleza (a Snra. Magdalena), o que tudo elles conseguiriam, se por felicidade não viesse de Minas ao Rio de Janeiro o velho rabujento Anastacio (Snr. Pedro Joaquim) para servir de pharol aos que navegavam nas aguas turvas d'aquelle rio (o *luxo*), que sendo util e proveitoso quando no seu leito, é temivel e funesto quando transborda!

Ora, aqui tem os meus leitores uma analyse *romantica*, que parecendo não ter pés, nem cabeça, não deixou comtudo de me tomar o tempo, de modo que não podendo eu por emquanto escrever outra cousa, deixo ficar esta assim mesmo como a fiz, desejoso de que todo o mundo vá ver o —*Luxo e Vaidade*— no Gymnasio Dramatico.

PAULA BRITO.

Assistimos terça-feira á decima representação do drama —*Luxo e Vaidade*— do Snr. Dr. Macedo.

Luxo e Vaidade é um drama bem escripto e cheio de moral; é uma copia exacta do que se passa entre nós, e os typos desse drama existem realmente na nossa sociedade.

O drama *Luxo e Vaidade* apresenta uma lição proveitosa para aquelles, que querem parecer mais do que são, e que, levados pela vaidade e pelo luxo, vem a cabir, ou na miseria ou no suicidio.

Esse drama tem o cunho da época.

Hoje, pela corrupção dos costumes, pela idéa sinistra

de considerar-se o dinheiro como o distinctivo mais bello da humanidade, todos querem ser ricos ou parecer sel-o, ainda que para isso sacrifiquem a virtude e desterrem a honra. Abraçados com o luxo e levados pela vaidade, não trepidam, não param, emquanto não encontram a porta da miseria; então, conhecendo o seu triste estado, sentem e choram; mas, como a rã da fabula, muitas vezes estouram, porque queriam parecer leões.

Mauricio era empregado publico; ganhava cinco contos, mas gastava cincoenta, porque desejava parecer rico, e porque sua mulher ambicionava viver cercada de fidalgos para parecer tambem nobre e muito nobre.

Mauricio sem lembrar-se que o luxo, como o fogo, tanto brilha, quanto consome, cerca-se de dividas e penhoras, esquece os conselhos de Anastacio para ser por fim covarde e máo, querendo suicidar-se.

Hortensia, sua mulher, desprezando a sua familia, por ser composta de plebeus, procura sacrificar o destino de sua filha para satisfazer a sua vaidade, que parecia ser a sua bemaventurança

E se não fôra o velho roceiro Anastacio e um mestre marceneiro, irmãos de Mauricio, este seria declarado ladrão ou ter-se-hia suicidado.

E' este o enredo principal do drama *Luxo e Vaidade*. E isto é uma scena exacta do que se passa no nosso mundo. O Snr. Dr. Macedo não inventou o enredo do seu drama; como sabio, estudou as scenas da sociedade e as copiou.

E deve vêr-se o drama *Luxo e Vaidade*: é um drama que entretém e ensina. O dramaturgo pinta os nossos costumes, julga-os, e da sua cênsura tira toda a moralidade.

Dramas assim tornam o theatro o pharol moral da sociedade.

O drama *Luxo e Vaidade* tem muitas scenas moraes e bellas. A scena em que o Commendador Pereira offerece uma flôr á filha de Mauricio, envolvida em uma letra de trez contos, e que a moça, corando, regeita tão grosseiro presente, é cheia de moralidade e belleza.

A scena do terceiro acto, em que o velho Anastacio descreve, com linguagem franca e descarnada, a sociedade e os seus vicios, é interessante e de muito effeito.

O quarto acto tem bastante jogo dramatico.

A ultima scena, em que o marceneiro vem trazer oito apolices da divida publica, sua unica fortuna, para salvar o irmão, que julga perdido, mas que sempre o desprezára, é bella e sublime. Admira-se ali o dramaturgo e o poeta: o poeta pela idéa: o dramaturgo, porque impressiona os espectadores.

E' desnecessario dizer que o drama foi posto em scena com enidado, e que os actores capricham nos seus papéis; todos representam bem.

Por todas estas razões tem tido o drama do Snr. Dr. Macedo mais de dez representações quasi seguidas, chamando sempre a concurrencia e attenção do publico.

E, entre nós, para que um drama dê dez representações seguidas, com bom resultado para uma empreza theatral, é necessario que seja interessante, moral e bem escripto, como o drama *Luxo e Vaidade* do Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

M. DE AZEVEDO.

—

Buscar das cousas da vida
Andar no fluxo e refluxo,
Sempre das modas da Côte
Mettido no fausto, é—Luxo.

Querer excepção da regra
Ser da pobre humanidade,
Pessoa a quem tudo fede
E nada cheira, é—Vaidade.

Como figura de doce
Em enfeitado cartucho
Basofiar em riquezas,
Além de—Vaidade, é—Luxo.

Suppôr-se primeiro em tudo,
Para ninguem ter bondade,
Primar só por ter dinheiro,
Além de—Luxo, é —Vaidade.

Ser um coitado *Mauricio*,
E desigual na irmandade,
Gastar com tudo e com todos
Então é—Luxo e Vaidade.

Mas se um irmão *Anastacio*
De Minas vem á cidade,
Fallando pelos farrapos,
Ataca — Luxo e Vaidade;

Mineiro todo ás direitas,
Dizendo em tudo a verdade;
Armado de palmatoria
Dá no —Luxo e na Vaidade.

Mas quem quizer desta historia
Saber a fundo a verdade,
Indo ao —Gymnasio Dramatico—
Acha no —Luxo e Vaidade.

Do nosso Doutor Macedo
E' mais uma novidade:
Deve ser visto mil vezes
O drama —Luxo e Vaidade.—

Illm. Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.—E' justo e bem merecido o applauso que o publico tem testemunhado á vossa sublime e primórosa comédia.

O *Luxo e Vaidade* é uma bella composição, é o retrato o mais energico, porém real, desta sociedade que se desmantellá mergulhada na podridão de costumes que caracterisáram os ultimos annos da magestosa Roma.

Vós aprofundastes as suas chagas e levais-lhe o ferro em brasa no preceito de Horacio—*ridendo castigat mores*.

Ha, porém, no açodamento com que o publico corre a assistir essas scenas, que mais de uma vez arrancam lagrimas ao espectador; ha, diremos nós, um grande triumpho para a virtude e para a moral; ha a esperanza de que mais tarde ou mais cedo appareçerá uma reacção contra essas doutrinas perigosas, que vão levando a sociedade para o seu anniquillamento.

Do *Luxo e Vaidade* ha duas linguagens eloquentes; que não de produzir beneficos resultados: ha a vida de probidade, de honra, de exemplar moralidade que ennobrece o autor, e ha a fidelidade dos quadros com tanta verdade arrancados do seio de um povo, que se tem esquecido dos seus deveres e menosprezado a religião de seus pais.

Desejavamos empheender uma analyse da vossa delicada obra; não nos falta mesmo coragem; ha uma consideração, porém, que nos prohibe fazel-o: como póde o discipulo fallar do mestre sem que seja tachado de parcial.

Vosso discipulo de historia, elevastes-me do duro e amargoso banco de alumno á cadeira da amisade; fizestes-me participante da vossa gloria: assim, pois, tudo quanto dissessemos do Mestre, era uma satisfação aos sentimentos de estima que vos consagramos.

Perdoai-nos, porém, a revellação destas idéas, que já bastante nos incommodavam o craneo, e aceitai as cordiaes felicitações que pelo vosso triumpho vos envia o vosso discipulo

JULIO CORRÊA DE CARVALHO.

O gosto não expirou de todo entre nós, nem todos os filhos da civilisação renegaram de seus principios; a intelligencia sã ainda não está absorvida pelos calculos da politica—o Snr. Dr. Macedo o attesta.

Os obreiros do progresso, embora rôtos os vestidos e as faces enrugadas na mocidade, pela velhice precoce — do desamor ás cousas litterarias, não perderam no labyrintho das intrigas diplomaticas o genio do poeta da *Nebulosa*, pois ainda, como a aguia que se eleva

mais e mais, acoberta com suas largas azas, o largo espaço que mede com os olhos, essa turma, de braços cruzados, petrificada diante do quadro desolador que o indifferentismo desenrola!

O *Luxo e Vaidade* é um poema de bellezas, onde a penna do distincto romancista não se esquece por muitas vezes das côres que soube dar á — *Carteira de meu Tio*, nem de lances jámais inferiores aos das scenas brilhantes do *Cégo e Cobé*; — a moralidade resalta em todas as fallas; os costumes são bem descriptos, salvo, uma ou outra pequena falta, que só o descuido daria lugar, mas que não avulta, porque sossobra diante dos primores que sôbresaem, como o perfume que partindo da flôr se entorna embalado nas auras matutinas!

Seria arrojado nosso entrar em uma analyse circumstanciada do drama que todos conhecem, pois o conhecimento de nossa mediocridade e o respeito que devemos aos vastos recursos do illustre escriptor, nos faz vacillar e com razão.

—Ao theatro cumpre corrigir os desmandos de uma sociedade avariada pelo luxo e pôdre de vaidade; — a descripção fiel dos caracteres sociaes, como os costumes em voga, bem delineados, compete ao escriptor de consciencia, e o autor do *Luxo e Vaidade* possuiu-se de sua missão, e mostrou-a bem patente...

Segundo o preceito que o poeta enuncia pelo interprete de *Antonio José*, não calculou, nem limou o que escreveu para que ferisse ou deixasse de ferir a quem quer que fosse; copiou exactamente o que vê e ouve todos os dias e não teve medo de comprometter-se.

E' justo que as chagas gangrenadas de uma nobreza, cujos pergaminhos datam de hontem, appareçam descobertas aos olhos dos incautos que acreditam n'ella!

Com escriptos da ordem do — *Luxo e Vaidade* — é impossivel que o rubor não chegue áquelles, em cuja cabeça o escriptor amoldou a bem tallrada carapuça; regenere-se esse congresso estúpido de enfatuados aristocratas; nobres, que desconhecendo o seu proprio — eu —

prostituem aquillo a que se deve dar o titulo de sociedade.

O que nos suggere estas linhas é a impressão que sentimos ao vêmos uma vez o theatro compenetrar-se de seus deveres, seguindo a estrada que o Snr. Dr. Macedo lhe aponta, e fazendo desta sorte um appello aos filhos das letras que o imitem!

E' assim que se escreve!

Aceite o Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, os embores sinceros do seu mais insignificante admirador

RODRIGUES PROENÇA.

Honra ao sublime Macedo,
Honesto e distincto autor,
Que aos seus patricios tem dado
Obras de apreço e valor.

Pela leitura das folhas diarias e periodicas, que se publicam nesta côrte, tenho conhecido o transcendente movimento do drama do Illm. Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, que tem por titulo—*Luxo e Vaidade*— e não me tendo sido possível assistir a uma só de suas consecutivas representações, apressei-me a assignar para essa composição; ancioso aguardo o dia de sua publicação para apreciar mais essa obra do autor, que já tanto tem enriquecido a litteratura Brasileira, e nos transportes do mais intenso enthusiasmo, saúdo ao distincto escriptor a quem já tanto devem as bellas letras.

LUIZ PEDRO DE ALCANTARA COPIOBA.

Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1860.

LISTA

DOS

SRS. ASSIGNANTES

NOMES.	EXEMP.
Antonio Augusto d'Almeida.	1
Antonio Luiz de Moura.	1
Augusto José Werne.	1
Augusto José de Carvalho (Commendador).	1
Antonio José Ferreira (Capitão)	1
Antonio Carlos Camisão.	1
Americo Vespucio Theodomiro dos Santos	1
Antonio Pereira Lopes	1
Antonio Ignácio Vaz Pinto Junior.	1
Antonio Coelho de Faria.	1
Antonio Luiz de Sousa.	1
Antonio Corrêa d'Albuquerque.	1
Albino Pereira de Andrade.	1
Aprigio José dos Santos.	1
Antonio Cabral das Neves	1
Alvaro Pereira	1
Antonio Lopes da Silva.	1
Antonio José de Carvalho Junior.	1
Antonio França	1
Antonio Teixeira Bento	1
Abilio de Freitas Aguiar.	1
Antonio Gonsalves Lima Torres (Dr.).	1
A. J. de Almeida França Junior.	1
Arnaldo Frederico d'Almeida e Albuquerque.	1

Antonio Silvestre da Costa	1
Antonio do Carmo Vieira	1
Antonio Joaquim Vieira de Almeida.	1
A. J. Machado	1
Antonio Diniz Bahia.	1
Antonio Jacintho Mendes Gonsalves	1
Amédée du Sault	1
Americo Monteiro de Barros	1
Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa	1
Antonio José Raposo	1
Antonio Teixeira Passos Sobrinho.	1
Antonio Corrêa de Mello e Oliveira	1
Andrade	1
Anna Maria da Silva (D.)	1
Antonio José Pereira Cibrão	1
Annibal Antunes Maciel Junior	1
Antonio Joaquim Fernandes Meira Guimarães.	1
Antonio da Costa Timotheo.	1
A. J. Gonsalves	1
Antonio Cavalcanti de Sousa Raposo	1
A. M. Oliveira	1
Antonio José d'Araujo	1
Amaro Pacheco Sobrosa	1
A. J. Estacio de Lima	1
Alexandre José de Siqueira (Major)	1
Antonio Joaquim Pereira d'Almeida	1
Alexandre Affonso de Carvalho.	1
Antonio José da Morada.	1
Antonio Joaquim Teixeira Lopes Junior.	1
Augusto Manoel Gonsalves	1
Antonio Joaquim Xavier de Mello.	1
Antonio Luiz d'Araujo Barros	1
Antonio Ferreira d'Andrade Leite	1
A. T. de Mattos Carvalho	2
Antonio Leite de Faria Sampaio	1
Antonio Pereira Leitão (Dr.)	1
Antonio José Gonsalves Villela.	1
A. F. Soares Palhares	1
Antonio Monteiro de Sousa.	1
Adelaide Christina da Silva Amaral (D.).	1

A. C. d'Araujo Lima (Dr.)	1
Agostinho do Nascimento Petra.	1
Antonio José d'Araujo Pinheiro	1
Argemiro Antonio Corrêa do Rego (Dr.).	1
Antonio Nunes de Sousa	1
Antonio Ribeiro Campos Junior	1
Alexandre Freire do Amaral.	1
Antonio Francisco de Sousa Martins	1
Antonio d'Araujo Guimarães	1
Antonio Joaquim Pimenta	1
Antonio Manoel de Mello Junior (Dr.)	1
Antonio Caminha.	1
Antonio José Pedroso	1
Aureliano Marcolino de Azeredo Coutinho.	1
Antonio José da Silva e Oliveira	1
Antonio José Alves Bastos	1
Antonio Corrêa de Carvalho (Conego).	2
Antonio Felix Martins (Conselheiro)	1
Antonio José Ribeiro	1
Antonio Gonsalves Guimarães & Comp. ^a	50
Anastacio Luiz do Bomsucesso.	1
Antonio José Hilarião Barata	1
Antonio José de Campos Porto.	1
Agostinho Pereira Cardoso	1
A. Sousa Pinto	1
Antonio Augusto Coelho Sousa.	2
Antonio Luiz Gomes Ribeiro	2
Antonio Maria Pereira Azurar	1
A. A. Sá Passos	1
A. G. Araujo	1
A. M. Santos Pereira.	1
A. J. d'Araujo (Dr.).	1
Antonio Alves da Cruz	1
Antonio da Silva Guimarães Junior	1
Antonio Lopes da Silva	1
Antonio Pereira Bastos	1
Antonio Felismino da Costa Barreto	1
Augusto Alvares d'Azevedo.	1
Bernardo Gomes Braga	1
Barão de Cayrú	1

Basilio José d'Oliveira Pinto.	1
Bento José Travassos.	1
Bibliotheca Fluminense	2
Bernabé de Paula Ferreira e Sousa.	1
Bernardo Joaquim Corrêa	2
Bruno Seabra	1
Bernardino Augusto da Costa Torres	1
Bernardino Alfredo da Silva Monteiro.	1
Bonifacio José Francisco das Neves	1
Braz Nicoláo da Silveira (D.)	1
Bethencourt da Silva	1
B. T. de Menezes Leite Valle (Dr.)	1
Bernardo Xavier Pinto de Sousa.	1
Bernardino Pereira da Cunha	1
B. Antonio Ramos Barbas	1
Carlos Demichelles das Neves	1
C. J. Almeida Gonzaga.	1
Casimiro José de Mello.	1
Cruvello de Normandia.	1
Carlos Augusto Danteuil.	1
Carlos Stocker.	1
Charles Stocker	1
Candido José Cardoso (Dr.)	1
Candido Matheus de Faria Pardal.	1
Carlos Augusto de Sousa Peixoto.	1
Constancio José Rodrigues.	1
Constancio José dos Santos.	1
Carlos João Kunhau dt	1
Candido da Costa e Silva.	1
Chrisanto Veremboite	2
Candido de A. Azambuja (Dr.)	1
Custodio Olivio de Freitas Ferraz.	1
Cunha Guimarães & Comp.	1
Cesario P. Monteiro.	1
Carlos H. Taylor.	1
Carvalho de Moraes.	1
Cruz.	1
Cyro Persiano de Almeida.	1
Custodio José de Sant'Anna.	1
Christovão Moreira da Nobrega Andrade.	1

C. Mariano de Sousa.	1
C. A. S. Filgueiras (Dr.)	1
C. C. de Sousa.	1
Claudio Amaral Savaget.	1
Candido José da Trindade.	1
Cezario Ferreira Gonsalves.	1
Conde de S. Simão.	1
Carlos da Silva Braga.	1
Domingos Rodrigues Cruz.	1
Dias da Motta (Dr.).	1
Domingos da Costa Regadas	1
D. R. C. D. Rosado.	1
Diogo Candido Martins.	1
Domingos José Moreira da Silva.	1
Domingos José Rodrigues da Silva.	1
Domingos José Marques de Oliveira.	1
Domingos Alves Mourão.	1
Dias da Cruz (Dr.).	1
Domingos José Gomes Brandão.	100
Domingos Timotheo de Carvalho.	1
Delfim Erasmo V. Sadech de Sá.	1
Damaso Antonio de Moura.	1
Eduardo Alfredo de Ayque Caldas.	1
Emilio Doux	1
Elias Antonio Lopes Duque-Estrada.	1
E. Bury.	1
Eduardo Campos.	1
Ernesto Eugenio da Graça Bastos.	1
E. & Henrique Laemmert.	50
Eduardo Augusto Cortines Laxe.	1
Egidio Baptista.	1
Egidio Alves de Sousa Loureiro.	1
Eduardo José da Graça.	1
Eugenia Infanta da Camara (D.).	1
Emygdio Joaquim de Oliveira.	1
Ernesto Frederico dos Santos (Dr.).	1
Emilia Augusta Peixoto Freitas (D.).	1
E. J. R. de Freitas.	1
Emilio Reid	1
Eduardo C. Cabral Deschamps.	1

Eduardo de Sá Pereira de Castro.	1
Francisco Xavier da Silva Lisboa.	1
Francisco Antonio da Silva Pinheiro.	1
Francisco Belisario Soares de Sousa.	1
Francisco Ferreira de Sampaio.	1
Francisco Lobo Leite Pereira.	1
Francisco José de Sá.	1
Feliciano Guilherme Pires	1
Thomaz Xavier Oliveira de Menezes.	1
Francisco José de Lima Barros.	1
Francisco Ferraz da Costa.	1
Francisco Luiz Drummond.	1
Francisco Augusto dos Santos (Dr.).	1
Francisco José Machado dos Reis.	1
Francisco Antonio de Moura.	1
F. C. Neves Gonzaga.	1
Firmino Rodrigues Silva (Dr.).	1
Fernando Rodrigues Silva.	1
Frederico João Ormerod (Dr.).	1
Feliciano Luiz Gomes de Barros.	1
Francisco José Dias Velho.	1
Feliciano Marques Perdigão.	1
Francisco José Gonsalves Lima.	1
Francisco Fortes Vidal	1
F. B. X. de Lima.	4
Fernando Augusto Pinto da Silveira.	1
Faustino Joaquim Coelho da Silva.	2
F. R. Loureiro.	2
Frederico dos Reis	2
Felicissima Rosa Pereira Ferreira.	1
Francisco José da Silva Cintra.	1
Francisco Soares Pinto.	1
Francisco Antonio Augusto de Sá.	1
Francisco de Paula da Costa Junior.	1
Francisco Antonio Vieira (Dr.).	1
Francisco das Chagas Pereira.	1
Francisco José Guimarães	1
Francisco Joaquim de Nazareth.	1
F. P. de Arbues da Silva M. e Abreu.	1
Felicissimo da Costa Gomes.	1

Francisco Corrêa Vasques	1
Francisco da Cunha Pinheiro	1
Francisco José da Costa Silva	1
Fernando Dias Paes Leme	1
Francisco Corrêa da Conceição.	1
Francisco Regis de Oliveira.	1
Francisco José Lyra de Assumpção.	1
Francisco Real.	1
Francisco Barbosa da Silva Chichorro.	1
Feliciano José da Costa.	1
Francisco Antonio Gonsalves.	1
Firmino Antonio Dias	1
F. J. N. S. Vianna.	1
Felippe Vieira da Costa.	1
Francisco Xavier Martins	1
F. A. de Almeida.	1
Francisco de Paula Mattos.	2
Fausto José do Amaral.	1
Fernando José Pereira Ferreira.	1
Feliciano Gomes de Freitas.	1
Francisco Alves da Motta.	1
Francisco Ignacio de Faria Junior.	1
Francisco Amador de Vasconcellos.	1
Francisco Leão Cohn.	1
Francisco Muniz de Sousa.	1
Francisco X. de Oliveira.	1
Francisco de Paula Pêlhães.	1
Francisco de Mattos Trindade.	1
Francisco Antonio da Silva Ascoly.	1
Felizardo Teixeira da Cunha.	1
G. Garcia	1
Gustavo A. Schmid.	1
Garnier & Irmão.	25
Gregorio de Almeida.	1
Germano Francisco de Oliveira.	1
Geraldino Antonio da Silva Lydio.	1
Galdino Emiliano das Neves. (Dr.).	2
Guilherme Candido Bellegarde.	2
Guilherme Midosi Ferreira do Nascimento.	1
Goyano.	1

Gustavo do Rego Macedo (Dr.)	1
H. F. Martins.	1
Henrique Xavier de Lima.	1
H. Antonio Caldas Praxedes e Silva	1
Honorio Grugel do Amaral.	1
Henrique do Carmo Edolo.	5
Herculano Luiz de Lima.	1
Henrique Theberg	1
Honorio Augusto José Ferreira Varmond.	1
Hermenegildo Luiz dos Santos Wernell.	1
Hyppolito Candido de Assis Araujo.	1
Hygino José de Araujo.	1
Henrique Cezar Muzzio (Dr.)	1
Henrique Augusto de Mariz Sarmiento.	1
Hermenegildo Barros Figueiredo	1
Iclerico Narbal Pamplona.	1
Ignacio Maia Rangel.	1
Ignacio Victorino dos Santos.	2
Ignacio Manoel da Silva.	1
Innocencio Pereira de Castro Guimarães.	1
Isidro Borges Monteiro (Dr.)	1
J. C. de Magalhães Junior.	1
J. F. Judy.	1
José Xavier do Valle.	1
João Manoel da Silva.	1
José Antonio d'Araujo Filgueiras.	1
João Victor Lomba.	1
João Ferreira das Neves	1
José Pedro d'Azevedo Peçanha.	2
José Antonio Frederico da Silva	1
Justo Pinto da Silva Valle	1
José Lourenço de Sousa Cezar	1
Joaquim Januario da Rocha.	1
José Rufino d'Oliveira Costa.	1
José Martins Pereira de Alencastro.	2
José Luiz da Silva Prado	2
Jeronymo Barbosa Ferreira.	1
João Baptista Jardineiro.	1
Joaquim Gonçalves Paim.	1
José Marques Florião.	1

José Coelho Xavier.	1
João Gonçalves dos Santos.	1
José Gonçalves da Costa Vianna.	1
Joaquim Paulo Ribeiro d'Almeida.	1
Joaquim Rodrigues Cunha.	1
Joaquim Pereira de Malta	2
José Pedro da Veiga.	1
J. T. Araujo Vianna.	2
José Custodio Pereira Guimarães.	1
José Francisco Pereira de Oliveira.	1
José Rodrigues Cardoso de Lemos.	1
Joaquim Augusto da Cunha Porto.	2
J. T. Albano de Amorim.	2
Joaquim Ribeiro Ferreira de Carvalho	1
João Gonçalves Pinheiro.	1
João Paulino Abreu.	1
José Fernandes de Azevedo.	1
Joaquim Pinto Amorim da Costa.	1
Joaquim Antonio do Nascimento	1
José Francisco da Cruz Pimentel.	1
João Antonio Gonçalves da Silva (Dr.)	1
J. Rodrigues Proença	1
J. M. Machado d'Assis.	1
José Bracarense.	1
João Serapião de Sousa Bueno.	1
João Machado Botelho.	1
José Antonio Monteiro Junior.	1
Joaquim Silverio dos Reis Montenegro	1
Joaquim José de Figueiredo.	1
José Eduardo Barbosa.	1
José Ferreira da Costa.	1
João Francisco da Silva Costa.	1
João Moniz Cordeiro Tatagiba (Dr.).	1
J. F. Lopes Anjo.	1
João Thomaz d'Aquino. ° r	1
Joaquim José Antunes.	1
João Alves dos Reis.	1
João d'Azeredo Ferreira Vianna.	1
José Pereira Lopes	1
Julio Roberto Dunlops.	1

João José d'Araujo Lopes.	1
João Gonçalves Raposo.	1
José Duarte Galvão.	1
José Manoel Souto.	1
João Coelho Rodrigues.	1
Joaquim José da Assumpção Junior.	1
Joaquim Antonio Teixeira.	1
José Ignacio Martins	1
José da Costa Monteiro.	1
Joaquim de Saldanha Marinho (Dr.)	1
José Raymundo Cabral de Paula Aroeira.	1
Julio José Nunes	1
João Carlos Ferreira de Carvalho.	1
José Antonio de Passos.	1
J. J. da Silva.	1
João Baptista Martins	1
João Chrysostomo d'Oliveira	1
Joaquim Appolinario d'Azevedo	1
José da Silveira Torres.	1
João da Costa Nova Junior.	1
José Joaquim d'Oliveira.	1
Joaquim B.	1
José Pitta Maciel.	1
Joaquim José Marques.	1
José Romualdo de Noronha	1
Joaquim José de Sousa Castro.	1
J. C. Nabuco.	1
José Antonio Palma.	1
Joaquim José Alves Chaves.	1
João Alves Xavier de Mello.	1
José Gomes d'Oliveira Silva.	1
Joaquim Henrique Chaves Mattos.	1
Joaquim Augusto.	1
Joaquim Pedro de Azeredo.	10
João Francisco dos Santos.	1
João Luiz de Paiva.	1
Jacintho Heller	1
José de Freitas Carneiro.	1
José de Freitas Brandão.	1
José Rabello.	1

José Antonio Freire d'Andrade (D.).	1
Joaquim Manoel da Silva Castro.	1
José Pereira Pinto	1
João Baptista Fernandes Braga.	1
José Liberato da Silva Guimarães.	1
José Pereira Ribeiro Guimarães.	2
Joaquim José Ferreira da Silva.	1
José Luiz Schroeder.	1
João Rodrigues da Cunha.	1
José Antonio Gonçalves.	1
Jeronymo Ferreira Pinto Vieira.	1
João da Rocha Mazarem.	1
José Baptista Vieira.	1
João Octavio Nebias.	1
José Maria.	1
José Carlos Augusto d'Oliveira.	1
Joaquim Maria N. d'Azambuja (Conselheiro)	1
Joaquim T. de Macedo.	1
José Pinto Ferreira Rezende.	1
João José Ferreira de Freitas.	1
José Bernardes Moreira.	1
Julio de Freitas Lima	1
João Pedro dos Santos Dias.	1
João Antonio Maurity.	1
Joaquim Teixeira Leitão	1
Joaquim Baptista Magalhães Junior	1
João Vieira d'Azeredo Coutinho	1
José Lyra da Silva (Padre).	1
José Baptista da Rocha.	1
José Joaquim Rodrigues.	1
Joaquim Soares da Costa Guimarães	1
José Fernandes Guimarães Filho	1
José Carlos Donevant.	1
José L. A. Ribeiro.	1
José Luiz da Cunha.	1
João Manoel Figanier Duarte.	1
João Jacintho de Mello.	1
João Pereira da Silva.	1
Joáquim Antonio Teixeira	1
José Rodrigues d'Almeida Carvalho	1

Josino do Nascimento Silva (Conselheiro) . . .	1
João Caetano da Silva.	1
Julio Corrêa de Carvalho.	4
João Alves Corrêa	1
José Maria dos Santos Carvalho	1
João Antonio Ferreira Guimarães	1
João de Freitas Albuquerque	1
José Pereira	1
J. J. A. Santos	1
Joaquim Antonio Gonçalves	1
José Joaquim Gonçalves	1
José Bartholomeu Pereira da Silva.	1
Joaquim da Silva Torres.	1
J. J. Ferreira Margarido	1
José Francisco Corrêa Gatti.	1
José Magkello.	1
José Pedro d'Oliveira Mascarenhas.	1
João José da Silva Monteiro.	1
José Luiz Alves	1
João José Fagundes de Rezende Silva.	1
José Albano Fragoso.	1
J. A. Vicente Coaracy	1
José Xavier Ferreira.	1
José de Moraes Silva	1
José Alves da Silva e Sá.	1
João Mancio da Silva Franco Junior	1
João José da Silva	1
José da Costa e Sousa	1
José Ignacio Albernaz	1
João Alonso.	1
José Martins Agra	1
José Antonio Teixeira Barroso.	1
José Rodrigues da Cruz.	1
José Joaquim dos Santos.	1
João Geraldo Carneiro.	1
João Peixoto Lopes	1
José Duarte Nunes	1
João Rodrigues dos Santos Mello.	1
João Simões de Oliveira.	1
Juvencio Teixeira de Sousa.	1

João Francisco de Magalhães.	1
João Caetano dos Santos (Commendador).	5
José Maria Ferreira	1
José De-Vechy	1
Josino Rodrigues Chaves.	1
José Luiz de Azevedo.	1
João Severiano da Costa Galvão.	1
João Pereira Barbosa.	1
José Antonio Videira.	1
Joaquim Antonio Pereira da Motta.	1
José Amat.	1
José Joaquim Monteiro Cruz.	1
João Barbosa Rodrigues.	1
Joaquim Antonio Lopes.	1
José de Sousa Lobo.	1
José Carlos Tavares.	1
Julio José Nunes.	1
João Rodrigues Côrtes.	1
Joaquim José de Siqueira Filho.	1
José Gomes dos Santos Portella.	1
João Affonso Salman.	1
José Joaquim de Oliveira Guimarães.	1
José Pereira de Mattos.	1
Joaquim José Maciel.	1
Joaquim Claro dos Santos.	1
José de Castro Vianna	1
Joaquim Cacique de Barros (Padre).	1
João Francisco Carneiro.	1
José Duarte da Fonseca Silva.	1
José Francisco dos Santos Pessôa.	1
José Lopes da Silva Guimarães.	1
José da Cunha Paula Rollim.	1
João Matheus da Costa	1
José Joaquim de Fraga e Silva.	1
José da Cunha Santos	1
João Evangelista Nogueira Neves	1
José Bernardino Gonçalves Pires.	1
João Silvano Pereira Souto.	1
José Pereira Lopes da Silva.	1
José Joaquim Rodrigues. (Dr.)	1

Januario da Silva Arvellos.	1
J. M. Bomtempo Sobrinho.	1
José Furtado de Mendonça.	2
José Simões Sobrinho	1
Joaquim Francisco Flôres	1
José Francisco de Jesus	1
José Martins Alves (Dr.)	40
José Joaquim Barbosa Araujo.	1
Julio Cesar Pereira de Figueiredo.	1
Ludovino Rodrigues Ferreira	1
Lino Ayque	1
Luiz Caetano da Costa	1
Ludovina Soares da Costa(D.)	1
Leonor Orsat Mendes (D.)	1
Luiz Vicente De-Simoni.	1
Luiz Antonio Lebellot	1
Luiz Antonio da Costa Sousa Sobrinho.	1
Luiz Rodrigues Pires da Costa.	1
Luiz Maria de Mello Zagallo.	1
Luiz Legey	1
Luiz Antonio Burgain	1
Laurindo José da Silva Rabello (Dr.)	1
Luiz Augusto da Fonseca	1
Luiz José Ferreira.	1
Lourenço Xavier da Veiga Junior	1
Lourenço José Ribeiro	1
Lourenço José de Miranda	1
Luiz Joaquim de Siqueira	1
Luiz Ribeiro	1
Leocadio Joaquim Cordeiro	1
Luiz Jorge Rodrigues da Silva	1
Luiz José da Fonseca Rangel	1
Lucidio José Candido Pereira do Lago.	1
L. C. Furtado Coelho	1
Luiz Garcez da Silva Lobo (Dr.)	1
Lucidio Lago Filho	1
Luiz Peixoto da Fonseca Guimarães	1
Luiz Pedro de Alcantara Copióba	1
Luiz José Gomes de Mello	1
Leonel de Alencar	1

Luiz Antonio Pinheiro Filho.	1
Luiz José Teixeira Campos	1
Leopoldino José Barbosa	1
Luiz José Ribeiro.	1
Luiz Ramos dos Santos Chaves.	1
Lahmeyer	1
Laurindo Rodrigues de Andrade	1
Luiz Affonso Pereira Torres	1
Luiz A. Moniz da Silva Lobo.	1
Luiz Pinto de Mesquita	1
M. M. de Faria	1
Manoel Antonio de Carvalho Bulhões	1
Manoel Joaquim Corrêa de Brito	1
M. E. Barbosa de Oliveira (Dr.)	2
Manoel Ignacio da Rocha	1
Manoel Gomes da Costa	1
Manoel Joaquim da Silva Guimarães	1
Martiniano de Araujo Padilha (Dr.)	1
Manoel Baptista Ferreira Alves	5
Manoel José Pereira Braga	1
Manoel Alves Pinheiro	1
Manoel José de Oliveira	1
Manoel Francisco Coelho de Oliveira Soares	1
Manoel Carlos F. da Costa e Almeida	1
Miguel Archanjo de Gusmão	1
Manoel Antonio da Costa Barreto	1
Mme. Durocher.	1
Mattos Costa	1
Manoel Martins da Costa Passos	1
Manoel de Azevedo Calazans Peixoto.	1
Manoel Hermenegildo Xavier de Moraes.	1
Manoel Antonio Gonçalves.	1
Manoel Pacheco da Silva (Dr.)	1
Manoel Alexandre de Medeiros	1
Miguel Angelo Pires	1
Martinho Corrêa Vasques	1
Manoel Barbosa Ribeiro	1
Manoel Corrêa de Albuquerque	1
M. Gaspar de Azambuja.	1
Manoel Rodrigues dos Santos	1

Manoel Ferreira da Silva Pinto	1
Manoel Amarante Vieira da Costa	1
Manoel Joaquim da Costa Deveza	1
Manoel Francisco de Almeida	1
Manoel Cornelio dos Santos Junior.	1
Maria Fausta Lopes de Faria (D.)	1
Manoel José de Campos	1
Modesto Beijamim Lins de Vasconcellos	1
Manoel Gonçalves Coelho Junior	1
Mauricio Doellinger	1
Manoel Ribeiro Pessoa	1
Manoel José do Amaral.	1
Manoel Gomes Cabral	1
M. N. Jorge Gonçalves	1
Manoel José de Faria.	1
Manoel Alves de Azevedo	1
Militão Augusto Azevedo	1
Maria Magdalena Nobre de Almeida (D.)	1
Maria Velluti (D.)	1
Manoel José Teixeira	1
Manoel Alvares de Azevedo Junior.	1
Maria Carlota Vilella Lyrio (D.)	1
Manoel Joaquim Maria Filho	1
Manoel Felicio Simões Ferraz	1
Manoel Antonio Fernandes Trigo de Loureiro	1
Moreira de Azevedo (Dr.)	1
Marcelino Antonio de Padua.	1
Manoel José Pereira	2
Marcos Antonio Ribeiro Monteiro de Barros (Dr.)	1
Manoel Ferreira da Silva Paiva	1
Militão Costa (capitão)	1
Matheus da Cunha	1
M. I. Ribeiro	1
Manoel da Fonseca Lima Junior	1
Manoel da Fouseca Silva Junior	1
Nicomedes Rodrigues Soares de Meirelles.	1
Oliveira Araujo (Dr.)	1
Olegario Augusto de Sousa Araujo	1
Paulo Gomes Cardoso.	1
Pereira e Sousa	1

Pedro Montani	1
P. F. de Carvalho	1
P. Moreira da Costa Lima	1
Placido João Valerio	1
Pereira Portugal (Dr.)	1
Pedro Antonio Barbudo.	1
Pedro Hypolito Duarte	1
Pedro Gomes Pereira de Moraes	1
Pedro da Silva Proença.	1
Pedro José Martins	1
Pedro Machado da Gama	1
Pedro Joaquim da Silva Amaral	1
Placido José Ribeiro	1
Pedro Soares de Mello	1
Paulo Barbosa da Silva Filho	1
Pedro Baptista Magalhães	1
Paulo Pedro d'Alcantara Siqueira.	1
Procopio Francisco de Paula	1
Pio Antonio de Sousa	1
Pedro Augusto Vieira Junior.	1
Pedro de Luna.	1
P. A. M. Tavares.	1
P. Ferreira da Silva Vianna	1
Quintino Bocayuva	1
Quintiliano Maria Pestana	1
Rocha Filho	1
Rodrigo Oliveira Guimarães.	1
Sebastião de Jesus Silva Araujo	1
Salgado & Cabral	1
Simeão Estelita Soares	1
Sousa Ferreira	1
Severiano Rodrigues Martins (Dr.)	1
Severiano José de Siqueira	1
Silvio Rangel	1
Silvino José Pinto	1
Sebastião José Benedicto	1
Sebastião Menezes Ferreira de Drummond	1
Sabino José de Almeida	1
Timotheo José Fernandes	1
Thomaz Medina de Oliveira	1

Teixeira e Sousa	1
Theotônio Maria Ilharc de Castilho	1
Tristão Gonçalves Alencar Nepomuceno	1
Torquata Lima Paes de Mello (D.)	2
Theodoro Jansen Muller	1
Thomazia de Campos (D.)	1
Thomaz José de Siqueira Junior	1
Thomaz José de Oliveira.	1
Thereza de Jesus da Gama e Silva Sousa Franco (D).	1
T. A. do Amaral	1
Thomaz Coelho (Dr.)	1
Thomaz Evaristo Guimarães.	1
V. Guérin	1
Verissimo Mendes V. de Figueiredo	1
Vicente Xavier de Carvalho	1
Valeriano Innocencio do Couto	5
Verissimo José do Bomsuccesso Junior	1
V. M. A. Cavalcanti.	1
Vicente Pereira de Carvalho Guimarães	1
Virgilio José de Almeida Campos	1
Valerio Pereira de Carvalho	1
Victoriano Marques de Freitas	1
Vicente Ferreira da Silva Baviera de Montalvão	1
Valentim Augusto Monteiro da Silva	1
V. A. da Costa	1
Vicente José Godinho	1
Zeferino de Oliveira e Silva	1



SUPPLEMENTO

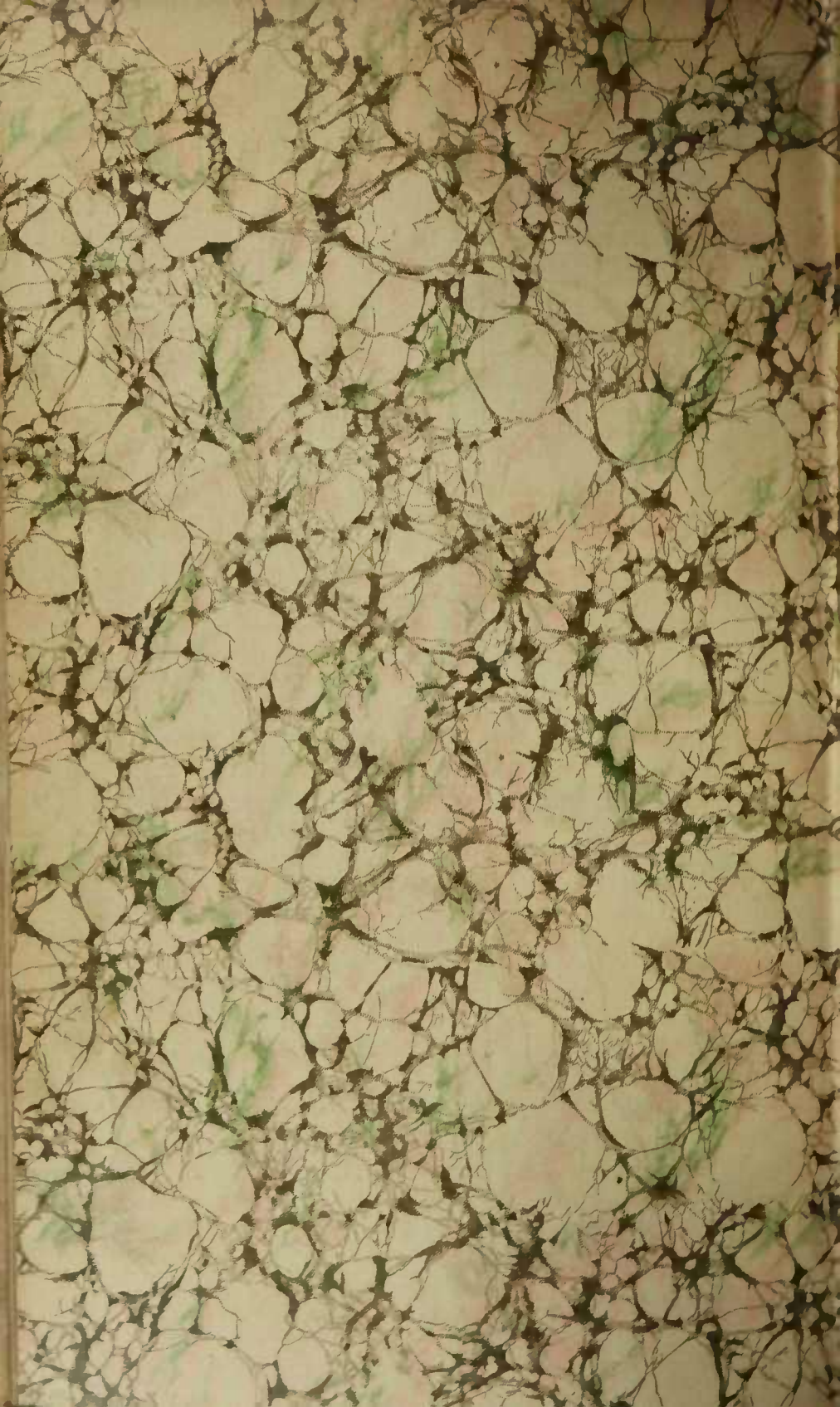
A' LISTA DOS SRS. ASSIGNANTES.

Antonio Moreira Tavares (Dr.)	1
Antonio Ferreira da Silva	1
Antonio Ribeiro de Meirelles	1
Antonio Gomes Amorim	1
Antonio Luiz Pereira Ribeiro	1
Antonio Navarro de Andrade	1
Antonio José dos Santos	4
Antonio do Val Cardoso	1
Antonio de Sousa Menezes	1
Antonio José Pereira de Amorim	1
Antonio da Terra Ferreira	1
Antonio Bruno de Oliveira	1
Antonio Norberto da C. e Silva	1
Antonio dos Santos Franca	1
Agostinho Nunes Montez	1
Antonio Marques da Silva	1
Alexandre Magno	1
Antonio Rodrigues da Silva	1
Antonio Nunes Pires	3
Antonio Ferreira do Amaral	1
Antonio Ferreira de Sousa	1
Antonio Dias Lopes	1
Antonio Pereira Martins	1
Antonio Ferreira Guterres	1
Antonio Joaquim Teixeira Bastos	1
Antonio José Custodio	1
Antonio José Dantas	1
Antonio Nunes de Seabra Perestrello	1
Antonio Ramos Figueira	1
Antonio Norberto de C. e Silva	1
Antonio de Sousa Gonsalves Carvalho	1

Antonio Ximenes de Araujo Pitada.	1
A. Zacharias	1
Amaro Antonio Teixeira.	1
Antonio Joaquim Pinto de Aguiar.	1
Benedicto Baptista Calvál	1
Braulio Julio Sarzedas	1
Bittencourt Camara	1
Carlos José Pereira Pinto	2
Carlos Freire Vilhalbo e Alvim.	1
Carlos Augusto de Sá.	1
Custodio Alfredo Teixeira Leite.	1
Constancio Garcindo de Sousa Brito Junior	1
Candido da Costa Lisboa.	1
D. C. de Lima e Silva.	1
Diogo José Leite Guimarães.	1
Estevão Joaquim José Pereira Guimarães.	1
Francisco José Rodrigues de Carvalho.	1
Francisco de Sousa Coutinho.	1
Francisco José Barbosa Guimarães.	1
Francisco Ferreira de Mattos.	1
Francisco Amador de Vasconcellos.	1
Francisco Joaquim da Costa.	1
Fernando Gonsalves Villarino.	1
F. Victoriano Marques de Freitas.	1
Francisco Manoel da Silva Rosa.	1
Francisco Galvão de Oliveira França	1
Francisco A. de Sá.	1
F. B. Miguel	1
Francisco Ribeiro Bastos.	1
Francisco de Paula Pinheiro.	1
Francisco Theodoro dos Santos.	1
Gaspar da Silva Rodrigues.	1
Gustavo W. T. Wright.	1
G. F. Frougeth	1
Hermenelgido Alves da Silva Barros.	1
Henrique Marques da Silva.	1
Innocencio Antunes Moreira	1
Joaquim Antonio de Vasconcellos. 1	1
Joaquim de Sousa Campos.	1
João Pires Ferreira Guimarães	1

Joaquim Coelho Caldas	1
João Rodrigues Pinheiro	1
José de Sousa Fernandes	1
José Antonio Bulhão	1
José da Fonseca Pereira Baptista	1
João de Araujo Lobo	1
João José Pereira de Aquino	1
João Barroso	1
J. P. Jorge Guaracyaba (Padre)	1
José Joaquim Alves de Azevedo	1
José Antonio Ururahy (Dr.)	1
João Baptista Creton	1
João José de Moraes	1
José Joaquim Rodrigues (Dr.)	1
Joaquim Gonçalves do Rosario	1
João Kopp	1
José Luiz de Sousa e Costa	1
João de Almeida Lisboa	1
José Lopes da Silva Lima	1
José Francisco dos Santos Pinto	1
João Pereira de Barros	1
José Ignacio de Sousa Albernaz	1
José Luiz Caminada	1
Joaquim José Custodio	1
José de Oliveira Penalta	1
João Francisco Pereira da Oliveira	1
J. B. M. Cancelló	1
José Rodrigues de Faria	1
José Maria Emilano Filho	1
José Corrêa Dias de Moura (Padre)	1
Joaquim Moreira da Rocha	1
João Augusto Pereira de Lacerda	1
Joaquim de Carvalho Pinto Bastos	1
Joaquim de Carvalho Pinto Bastos	1
José Augusto Marcirio	1
Joaquim Ribeiro da Silva	1
José de Almeida Celorico	1
João Baptista Velloso	1
José Faustino da Fonseca Silva	1
João Ximenes de Araujo Pitada	1

Jacinto Ribeiro do Amaral	1
Jesuino José Victorino de Barros.	1
José Rufino Rodrigues de Vasconcellos	1
José Joaquim das Trinas	1
José Joaquim Barbosa Araujo	1
José Joaquim de Mattos	1
João Luiz Gonsalves de Noronha	1
João José Pereira d'Asurara	1
José Felix Peres de Sousa (Padre)	1
João Ferreira da Cruz	1
José Patricio de Castro	1
Joaquim da Silva Torres	1
João Luiz Nicoláu de Oliveira	1
J. T. Alves	1
José Frederico Gonsalves	1
João José Evangelista Costa	1
Joaquim Barbosa de Mattos	1
José de Azevedo Sousa Junior	1
João Baptista Brasiel	1
J. C. Pompeo	1
José Martins de Seixas Junior	1
J. Magalhães Calvet Junior	1
João Antonio de Oliveira Junior	1
J. Christino da Silva	1
Leopoldo Joaquim Teixeira de Faria.	1
Luiz Romulo Peres de Moreno.	1
Luiz José de Sousa Sobrinho.	1
Leopoldo Vieira Borges.	1
Luiz Rodolpho José da Silva.	1
L. R. da Veiga Junior.	1
L. J. Gonsalves Fontes.	1
Luiz José dos Reis Alpoim.	1
Lourenço J. Teixeira.	1
Manoel Ferreira da Silva Vianna.	1
Manoel Ribeiro Pinto	1
Manoel da Fonseca Silva Junior.	2
Manoel Guedes Junior.	1
Manoel da Rocha Leão.	1
Manoel Antonio de Menezes.	1
Mariano Alves da Silva Barros.	1







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).